

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde

BÁRBARA MICHELLE DE MELO NÓBREGA

ACERVO PLÍNIO SÜSSEKIND ROCHA:
UMA ABORDAGEM ARQUIVÍSTICA

Rio de Janeiro

2022

BÁRBARA MICHELLE DE MELO NÓBREGA

**ACERVO PLÍNIO SÜSSEKIND ROCHA:
UMA ABORDAGEM ARQUIVÍSTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Elian dos Santos

Rio de Janeiro

2022

BÁRBARA MICHELLE DE MELO NÓBREGA

**ACERVO PLÍNIO SÜSSEKIND ROCHA:
UMA ABORDAGEM ARQUIVÍSTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Elian dos Santos (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ) – Orientador

Profa. Dra. Luciana Quillet Heymann (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ)

Prof. Dr. Renato de Mattos (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense – PPGCI/UFF)

Suplentes:

Profa. Dra. Ana Luce Girão Soares de Lima (Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ)

Profa. Dra. Maria Celina Soares de Mello e Silva (Museu Imperial)

Rio de Janeiro

2022

Ficha Catalográfica

N754a Nóbrega, Bárbara Michelle de Melo.

Acervo Plínio Süssekind Rocha : uma abordagem arquivística / Bárbara Michelle de Melo Nóbrega ; orientada por Paulo Roberto Elian dos Santos. – Rio de Janeiro: s.n., 2022.
92 f.

Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2022.
Bibliografia: 74-81f.

1. Arquivos. 2. Documentação. 3. Patrimônio Cultural. 4. Brasil.

CDD 026

Ao Mestre..., com carinho.

AGRADECIMENTOS

Vejo os agradecimentos como a parte do trabalho em que se tem licença poética para ser romântica à vontade. Por isso, aproveito este espaço para tentar traduzir em palavras a enorme gratidão que tenho ao Criador dos seres e das coisas, pela vida dos que me cercam e que me possibilitaram trilhar com mais suavidade o caminho até aqui.

Gostaria de ressaltar que muitos foram os responsáveis para que esse trabalho ganhasse vida e se desenvolvesse, e se porventura, esquecer de mencionar alguém peço perdão antecipadamente pela memória caduca.

Antes de mais nada, agradeço aos meus pais, Aladin e Penha, veículos de puro amor, sabedoria e dedicação, que não só me aceitaram como filha nessa estrada terrena, mas também são os melhores pais que eu poderia vir a ter, os amo com todo o meu coração. São, respectivamente, a lâmpada que nunca se apaga e a rocha que me sustenta.

Ao meu filho, Hélio, sol da minha vida, que há doze anos ilumina os meus dias mais nublados com sua alegria, bondade e amor, agradeço por ter me escolhido como sua mamãe, é um eterno aprendiz.

À Mina, Elza e Mário, que me trazem conforto emocional, com sua presença e amor incondicional.

Gratidão às amigas, poucas em quantidade, mas enormes em atenção e generosidade. À Ana Carla que ingressou ao mesmo tempo que eu no mestrado, eu na Fiocruz e ela na minha saudosa UFF, companheira desde a graduação, sempre presente nos momentos cruciais, quer fosse revisando o projeto ou dando sugestões. À Claudinha, cuja amizade ultrapassou as fronteiras do trabalho, tornando-se amiga e comadre, compreensiva com a minha falta de tempo e apoiadora contumaz. À Silvinha, Beth, Solange e Lucia, pessoas especiais.

Ao professor Paulo Elian, pelas sugestões importantes e comentários precisos, e por ter desempenhado o papel de orientador de maneira atenciosa e amiga.

Aos professores, pelos momentos de descobrimentos e por todos os ensinamentos recebidos, em particular, à Luciana Heymann e ao Renato de Mattos, por aceitarem compor a banca de qualificação e defesa, e pela generosa contribuição.

Aos colegas de curso, cujos comentários no grupo de WhatsApp constituíram verdadeiro apoio emocional nos momentos de incerteza.

Ao Ildeu Moreira, pelo desprendimento com que desde o início, incentivou, apoiou e colaborou para que este trabalho se concretizasse da melhor maneira possível.

À Myrce da Costa Gomes, viúva do Plínio, pelo tratamento cordial e confiança depositada para a guarda do acervo.

Ao Saulo Pereira de Mello (*in memoriam*), pela disponibilidade, agradável conversa, e por ter compartilhado fotos de sua autoria do Plínio.

Aos ex-alunos de Plínio, Alexandre Sergio da Rocha, Ennio Candotti, Luiz Pinguelli Rosa (*in memoriam*), Marco Antonio Sperb Leite e Nicim Zagury, pelas entrevistas e depoimentos.

Ao Hernani Heffner, pela ajuda solícita na seleção e transporte dos livros de Plínio.

À Gorete Melo, pelo auxílio voluntário e imprescindível para desencaixotar e separar os livros e periódicos do acervo do Plínio.

Ao Robson Teixeira da Silva, por sempre acreditar no potencial dessa realização.

Ao Chalé Vale da Colina em Itaipu, lugar que me ratificou a importância de perseverar em ir além das aparências, pois a primeira impressão não é a que fica. Um refúgio na natureza, recanto das borboletas azuis e fonte de inspiração, onde em meio ao canto dos pássaros e companhia agradável da cachorrinha Mel, pude tomar fôlego para finalizar este trabalho, que embora tenha atingido seu objetivo, não está encerrado em si mesmo, afinal como parafraseou a professora Luciana Heymann em certa ocasião, não existe trabalho concluído, mas um prazo a ser cumprido.

“Feliz o tempo que passou, passou/ Tempo tão cheio de recordações/
Tantas canções ele deixou, deixou/ Trazendo paz a tantos corações”.

“Tempo Feliz” (samba, 1965) –
Vinicius de Moraes e Baden Powell

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto o acervo pessoal do professor e patrono da Biblioteca do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IF/UFRJ), Plínio Sússekind Rocha, e a tarefa de definir um plano de classificação para esse material arquivístico e bibliográfico, reunido e acumulado por personagem tão multifacetado, cujos interesses, atividades e funções foram da física e do seu ensino, da história e da filosofia da ciência até o fascínio pelo cinema e as incursões como crítico cinematográfico. O objetivo central da pesquisa é estabelecer uma proposta de tratamento técnico do acervo, traduzido na classificação e padrão de descrição geral dos documentos de arquivo. A metodologia consistiu em uma breve revisão de literatura sobre arquivos pessoais e sua abordagem em serviços de arquivos e bibliotecas. A partir de pesquisa documental foi construída uma cronologia da vida e da obra de Plínio Sússekind Rocha, e as informações dessa cronologia foram usadas como base para orientar a construção do plano de classificação; apresenta-se também aqui a trajetória da constituição, guarda e doação do acervo. Por fim, sistematizou-se uma análise dos métodos e das práticas de organização de arquivos pessoais sob a guarda de outras instituições, convergindo na apresentação de uma proposta para o Acervo Plínio Sússekind Rocha traduzida em um plano de classificação e um padrão de descrição dos documentos.

Palavras-chave: Arquivo pessoal – organização. Arquivo de cientistas – descrição. Plínio Sússekind Rocha. Biblioteca do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The present work has as its object the personal collection of the professor and patron of the Library of the Institute of Physics of the Federal University of Rio de Janeiro (IF/UFRJ), Plínio Sússekind Rocha, and the task of defining a classification plan for this archival material and bibliographic collection, gathered and accumulated by such a multifaceted character, whose interests, activities and functions ranged from physics and its teaching, from the history and philosophy of science to his fascination with cinema and his incursions as a film critic. The main objective of the research is to establish a proposal for the technical treatment of the collection, translated into the classification and general description pattern of archival documents. The methodology consisted of a brief literature review on personal archives and its approach in archive services and libraries. A chronology of Plínio Sússekind Rocha's life and work was constructed from documentary research, and the information from this chronology was used as a basis to guide the construction of the classification plan; the trajectory of the constitution, custody and donation of the collection is also presented here. Finally, an analysis of the methods and practices of organizing personal archives under the custody of other institutions was systematized, converging on the presentation of a proposal for the Plínio Sússekind Rocha Collection translated into a classification plan and a document description standard.

Keywords: Personal archive – organization. Scientists archive – description. Plínio Sússekind Rocha. Library of the Physics Institute of the Federal University of Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carta recebida por Plínio Sússekind Rocha de Fernando Simão.....	18
Figura 2 – Artigo “Introdução ao cinema I”.....	20
Figura 3 – Artigo “Introdução ao cinema II”.....	21
Figura 4 – Artigo “Introdução ao cinema III”.....	22
Figura 5 – Trecho de artigo inacabado de “Introdução ao cinema IV”.....	23
Figura 6 – Caixas fotográficas e fotocópias de materiais diversos.....	24
Figura 7 – Páginas do Diário/Caderneta de Anotações de Plínio.....	28
Figura 8 – Foto de Enrico Fermi e professores brasileiros.....	29
Figura 9 – Capa do primeiro número de <i>O Fan</i> , 1928.....	35
Figura 10 – Editorial de capa do primeiro número de <i>O Fan</i> , 1928.....	35
Figura 11 – Carta de condolências de Laurent Schwartz.....	39
Figura 12 – Livros recebidos pela Biblioteca de Física.....	41
Figura 13 – Sistema de arranjo do Fundo Walter Oswaldo Cruz (Grupos).....	53
Figura 14 – Quadro de Grupos e Subgrupos do DAD.....	54
Figura 15 – Sistema de arranjo do Fundo Walter Oswaldo Cruz (Grupos, Subgrupos e Dossiês).....	56
Figura 16 – Código do dossiê do Arquivo Amoroso Costa.....	58

LISTA DE SIGLAS

Abraccine	Associação Brasileira de Críticos de Cinema
AC	Amoroso Costa
AHC	Arquivo de História da Ciência
AHIFUSP	Acervo Histórico do IFUSP
AI-5	Ato Institucional Nº. 5
APSR	Acervo Plínio Sússekind Rocha
CBPF	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
CDD	Classificação Decimal de Dewey
Cenimar	Centro de Informações da Marinha
COC	Casa de Oswaldo Cruz
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
DAD	Departamento de Arquivo e Documentação
FCB	Fundação Cinemateca Brasileira
FFCL	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FNFi	Faculdade Nacional de Filosofia
Fundo WO	Fundo Walter Oswaldo Cruz
IES	Instituição de Ensino Superior
IF	Instituto de Física
IF/UFRJ	Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro
iFHC	Instituto Fernando Henrique Cardoso
IFUSP	Instituto de Física da Universidade de São Paulo
INT	Instituto Nacional de Tecnologia
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
ISAD-G	Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística
MAM	Museu de Arte Moderna
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MS	Mario Schenberg
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
PROEDES	Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade
PSR	Plínio Sússekind Rocha

SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
UB	Universidade do Brasil
UDF	Universidade do Distrito Federal
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
WO	Walter Oswaldo Cruz

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Revisão de literatura: arquivos pessoais.....	8
Capítulo 2 – Plínio Sússekind Rocha: aspectos biográficos e história do acervo.....	26
2.1 – Uma trajetória entre o ensino e pesquisa em física e o cinema.....	26
2.2 – Histórico e institucionalização do acervo.....	40
2.2.1 – Síntese do acervo.....	43
Capítulo 3 – Abordagens metodológicas e a proposta de classificação e descrição.....	49
3.1 – Abordagens metodológicas.....	49
3.2 – Proposta de classificação e descrição para o Acervo Plínio Sússekind Rocha.....	64
Considerações finais.....	71
Referências.....	74
Apêndice A – Cronologia de Plínio Sússekind Rocha.....	82
Apêndice B – Descrição do Acervo Documental.....	89

Introdução

Esta dissertação tem como objeto o acervo pessoal do professor e patrono da Biblioteca do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IF/UFRJ), Plínio Sússekind Rocha. Seu objetivo central foi buscar a construção de uma proposta de tratamento técnico do acervo, com um plano de classificação e padrão de descrição geral dos documentos de arquivo.

Plínio Sússekind Rocha (1911-1972) cresceu numa casa de classe média no bairro da Glória, no Rio de Janeiro. Entre 1917 e 1928 frequentou o Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria no Catete, mais conhecido como Colégio Zaccaria, onde foi colega de Mário Peixoto (autor do filme "Limite" que completou 90 anos em 2021), Cláudio Mello e Octavio de Faria¹, criadores junto com Sússekind Rocha do Chaplin Club. A escola, fundada em 1909, foi reduto de diversos outros intelectuais e artistas como Oscar Niemeyer, Chico Anísio, Daniel Aarão Reis Filho, e Lulu Santos² para citar alguns. No percurso de sua formação, Plínio cursou Engenharia Civil, na Escola Politécnica da Universidade do Brasil (UB), onde formou-se em 1933. Dentre as suas múltiplas atuações, Plínio tornou-se crítico e estudioso de cinema, professor de física na educação básica mesmo depois que passou a integrar os quadros da universidade, catedrático de física na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), conhecedor de diversas línguas e pesquisador dedicado da filosofia da ciência, tendo traduzido obras como *Filosofia da ciência natural*, de Carl G. Hempel, livro conhecido pela explicação do método científico. Essa breve introdução à sua trajetória, nos aponta o desafio de tratar um acervo documental e bibliográfico reunido por um personagem tão diversificado.

A fim de tornar o texto menos cansativo, Plínio Sússekind Rocha, será citado ao longo do trabalho, eventualmente, apenas como Plínio ou através das iniciais de seu nome (PSR). O trabalho é escrito na terceira pessoa, mas algumas vezes a narrativa ocorre na primeira pessoa para melhor explicar a minha participação no processo.

¹ Cláudio Mello e Otávio de Faria foram “personalidades de grande prestígio no meio cultural carioca da época”. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/485-como-tudo-comecou>>. Otávio de Faria foi “crítico, ensaísta, romancista e tradutor, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de outubro de 1908, e faleceu na mesma cidade em 17 de outubro de 1980.” Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/otavio-de-faria/biografia>>.

² “Oscar Niemeyer, arquiteto brasileiro de renome internacional”; “Chico Anísio, humorista, ator, comentarista, compositor, diretor de cinema, escritor, pintor, radialista e roteirista”; “Daniel Aarão Reis Filho, historiador brasileiro da Universidade Federal Fluminense”; e “Lulu Santos, cantor, compositor e guitarrista.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_Santo_Ant%C3%B4nio_Maria_Zaccaria>.

No ano de 2017, a Biblioteca do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IF/UFRJ) recebeu a doação da primeira remessa de uma série de três lotes do acervo pessoal de Plínio Sússekind Rocha. O acervo doado é constituído por documentos de arquivo, livros e periódicos, passou pela fase de higienização e levantamento geral para posterior tratamento técnico e disponibilização para acesso público, o que possibilitará o uso do mesmo como fonte de pesquisa.

Com as restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, que coincidiu com o início do curso de mestrado, tornou-se impositivo reestruturar o projeto da dissertação e restringir o seu escopo. Tivemos de pensar em algo factível dentro da realidade de trabalho remoto que alterou a rotina das instituições até o início de 2022. Essas circunstâncias dificultaram muito o acesso direto ao acervo. Em função disso, o nosso objetivo passou a ser a construção de um Plano de classificação e descrição para a posterior organização do Acervo Plínio Sússekind Rocha.

A partir do contexto apresentado, o objetivo da pesquisa é estabelecer uma proposta de tratamento técnico do acervo, com um plano de classificação e o estabelecimento de um padrão de descrição geral dos documentos desse arquivo. Isto, espera-se, poderá auxiliar na reflexão sobre a história e obra de Plínio Sússekind Rocha por meio de pesquisas sobre sua trajetória de vida, a partir da análise de seus livros e documentos contidos no acervo.

A atuação de Plínio como professor foi marcada pela dedicação e capacidade de estimular e mobilizar seus alunos e pela singularidade com que ultrapassou as fronteiras da docência e da ciência e conjugou física e cinema. Plínio desempenhou importante papel histórico como um dos primeiros estudiosos e críticos de cinema no Brasil e influenciou muitos cineastas e críticos desta arte. De acordo com Marco Antonio Sperb Leite (ex-aluno de Plínio): “O cinema falado, segundo Plínio, tinha o defeito de não conseguir transmitir a mensagem do filme; enchiam de diálogos para explicar o fio condutor da obra. Certamente nos influenciou, pois entendemos suas críticas sobre o cinema.”³

Após o falecimento de Plínio, em 1972, a guarda do seu acervo pessoal passou para a responsabilidade de sua viúva, Myrce da Costa Gomes. Em conversa com a viúva, a mesma

³ LEITE, Marco Antônio Sperb. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha**: questionário [ago. 2020]. Goiânia, 2020.

Observação: Este questionário teve como objetivo recolher depoimentos de pessoas, alunos ou colegas, que conviveram com Plínio Sússekind Rocha, com a finalidade de coletar informações para a constituição de um dossiê sobre ele na Biblioteca do IF/UFRJ. Esta iniciativa foi feita anteriormente ao início do mestrado e, portanto, não está relacionada com ele, embora alguns dos depoimentos tenham sido aqui utilizados como referência.

relatou que houve uma tentativa de doação do acervo à Biblioteca do IF/UFRJ ainda na década de 1970, mas que a biblioteca recusou por falta de espaço. Então, ao longo de anos, o acervo esteve guardado por ela, sem estar publicamente disponível. Durante a entrevista com Myrce, em 2017⁴, portanto, 45 anos após a morte de Plínio, ela manifestou novamente o desejo de efetuar a doação do acervo para a biblioteca que leva o nome de seu ex-marido desde 1981, e expressou a vontade de ver o material preservado ganhar um novo status, que só a institucionalização poderia fornecer: conservação, preservação, organização e difusão.

De fato, segundo Barcellos e Flores (2018: 78), “a institucionalização dos arquivos pessoais é o caminho para a valorização e disseminação do conjunto documental do arquivo”. É o caminho para que ele saia da esfera privada e sob custódia de uma instituição de guarda, possa alcançar o domínio público. Uma das funções das bibliotecas é disseminar informações qualificadas. Para Lara e Conti (2003: 26), “disseminar informação supõe tornar pública a produção de conhecimentos gerados ou organizados por uma instituição”, gerando diversos produtos e serviços. O acervo pessoal de Plínio, agora na Biblioteca do IF/UFRJ, contém documentos pessoais, manuscritos, fotos, livros, periódicos, recortes etc., devendo totalizar em torno de 6.400 itens. Ele encontra-se em bom estado geral de conservação, o que favorece a possibilidade de digitalização.

A proposta desta dissertação é abordar a questão da organização a ser dada ao arquivo pessoal localizado na biblioteca, sendo importante destacar o vínculo profissional que possuo com o tema, em função de minha atuação como bibliotecária-documentalista na Biblioteca Plínio Sússekind Rocha há treze anos. Com o objetivo de melhorar o desempenho em minhas atividades realizei cursos para ampliar minha base conceitual e prática, produzi trabalhos e fiz apresentações sobre o assunto em dois congressos internacionais e um nacional⁵.

Uma outra iniciativa que fiz foi a organização da exposição "Plínio & As Mulheres na Física", que foi realizada, em 2019, na Biblioteca do IF/UFRJ. A mostra reuniu algumas obras

⁴ A entrevista ocorreu no apartamento de Myrce, na Av. Rui Barbosa (Flamengo), em que estivemos presentes eu e o professor Ildeu de Castro Moreira do IF/UFRJ, em busca de informações sobre a trajetória acadêmica de Plínio, e foi realizada no dia 22 de junho de 2017.

⁵ MOREIRA, I. C.; NÓBREGA, B. Plínio Sússekind Rocha: a physicist at the cinema. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF HISTORY OF SCIENCE AND TECHNOLOGY, 26., 2017, Rio de Janeiro, Brasil.

NÓBREGA, Bárbara. Exposiciones científicas: una forma de inovar en las bibliotecas universitarias (o caso das exposições de José Leite Lopes; e Plínio & As Mulheres na Física). In: CONGRESO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECOLOGIA, DOCUMENTACIÓN, ARCHIVÍSTICA Y MUSEOLOGIA, 7., 2019, La Paz, Bolivia.

NÓBREGA, Bárbara. Plínio Sússekind Rocha: o acervo de um físico, professor, filósofo da ciência e amante do cinema. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 17., 2020, Rio de Janeiro.

que pertenceram a Sarah de Castro Barbosa (professora do IF/UFRJ e ex-aluna de Plínio), e apresentou a influência de Plínio na formação de mulheres pioneiras na física brasileira. Vale ressaltar que a exposição foi baseada na pesquisa biográfica feita sobre o Plínio, e não a partir do seu acervo. O acervo não foi usado na exposição porque à época ainda não havia sido analisado. A pesquisa inicial já promoveu assim, de forma indireta, a difusão de temas relevantes na atualidade, como a presença de mulheres na ciência.

Os arquivos pessoais têm merecido há algumas décadas a atenção de pesquisadores e profissionais de diferentes instituições acadêmicas e de custódia de acervos. Seja para conhecimento dos processos de constituição, uso e atribuição de valor como patrimônio, seja pelos problemas que acervos dessa natureza trazem para aqueles voltados à tarefa de organizá-los. Apesar de pouco contemplados pelas visões mais tradicionais da arquivologia, os arquivos pessoais foram muitas vezes absorvidos por instituições arquivísticas, bibliotecas e museus.

Para embasar a reflexão acima, nos apropriamos da análise de Catherine Hobbs (2016: 303-304), em que no último capítulo do livro *Correntes atuais do pensamento arquivístico*, afirma que a formação de arquivos pessoais se dá por escolhas particulares de um indivíduo, e não por questões relativas à administração de uma estrutura formal, ou seja, os arquivos pessoais, via de regra, encontram-se suscetíveis à conformação dos espaços domésticos e dos modos de vida de seus titulares, como também mudanças para outro local, precisando o arquivista, dessa forma, lançar mão de enredos familiares para desvendar o arquivo. Até poucas décadas atrás, os órgãos formalmente responsáveis por arquivos não consideravam adequadamente os arquivos pessoais, porque a aquisição e o tratamento deles não faziam parte de suas funções precípuas. Isso levava a que fossem incorporados muitas vezes em coleções especiais dentro das instituições arquivísticas ou bibliotecas. De uns anos para cá, no entanto, o arquivo pessoal vem ganhando espaço cada vez maior no bojo dessas instituições.

Uma biblioteca, pode ser entendida como conjunto de livros, periódicos e demais publicações impressas, como folhetos etc., ao passo que no âmbito da universidade, como espaço institucional, a biblioteca cumpre o papel de apoio informacional às ações inerentes ao fazer acadêmico, cujos usuários são essencialmente o corpo discente e docente da instituição.

Dessa forma, para além do acervo tipicamente bibliográfico, busca-se ampliar um pouco mais o entendimento de acervo⁶, com vistas a abarcar também sua parcela documental, que constitui uma importante fonte de pesquisa.

Apesar de distintas, as áreas da biblioteconomia e da arquivologia dialogam entre si, pois têm em comum as grandes funções, de memória e patrimônio, que as aproximam do papel social que devem desempenhar na sociedade, isto é, a finalidade de guardar e preservar acervos históricos, estabelecendo sentido de articulação entre esse passado e o presente. Mas outro elemento que as une é a informação como objeto de trabalho, sua organização, tratamento e disseminação, independente do suporte e da aplicabilidade. Essa interlocução facilita trabalhar com a noção de documento, seja ele arquivístico ou bibliográfico, no entanto, “as diversas tipologias de documentos trabalhados nas áreas implicam uma série de procedimentos que são muito diferentes no tratamento técnico dos mesmos.” (RAMOS, 2013: 136-138).

Naturalmente responsáveis pela custódia de acervos documentais, as instituições e serviços de arquivo já têm no seu *modus operandi* a gestão e a preservação de documentos arquivísticos. Sendo assim, a questão para a qual buscamos entendimento é a seguinte: uma vez sob a custódia da biblioteca, os documentos de arquivo precisam ser pensados a priori a partir das peculiaridades que os distinguem dos livros e outros materiais. Como pode se dar a sua organização? Existem metodologias diversas na arquivologia, e que se diferenciam na abordagem dos arquivos pessoais. Quais os procedimentos metodológicos mais adequados?

Por sua contribuição ao ensino de física e à criação da Biblioteca do Instituto de Física da UFRJ, Plínio Sússekind Rocha foi designado patrono dessa biblioteca, no dia 22 de dezembro de 1981. Há cerca de cinco anos, em função da quase ausência de material histórico sobre Plínio, foi iniciada uma pesquisa que permitisse delinear a vida e a obra do patrono da biblioteca, bem como sua relevância para o estabelecimento da física no Rio de Janeiro, em particular o seu papel marcante como professor e como estimulador de jovens para a ciência e para o cinema.

⁶ Segundo o Arquivo Nacional (2005: 19), o termo Acervo, tem como acepção “documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora.” Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf>.

De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008: 2), Acervo (Arq.) é o “conjunto de documentos armazenados e conservados em um arquivo; coleção; descrição; fundo.” (Bib) é o “conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação; fundo documentário, fundos de biblioteca; coleção, desenvolvimento de coleções, material bibliográfico.”. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>>.

Esse primeiro trabalho de pesquisa, que tratou da memória biográfica de Plínio Süssekind Rocha foi importante para a construção de uma cronologia de sua vida, de modo a constituir um instrumento de pesquisa e um instrumento auxiliar para o tratamento arquivístico, que ajude na identificação dos documentos de seu acervo. Buscamos sempre levar em conta o contexto político, social e econômico em que eles foram gerados, estabelecendo assim conexões entre diferentes documentos, relacionados às diversas funções e atividades do titular. Esperamos que pesquisadores de outras áreas, em especial da história da ciência, possam se beneficiar desse esforço em prol da preservação e organização do acervo.

Diante das questões levantadas, o objetivo geral do trabalho consiste em analisar e estabelecer procedimentos metodológicos de organização do Acervo Plínio Süssekind Rocha (APSR).

No Capítulo 1, com o objetivo de mapear o terreno conceitual no qual trabalhamos, procedemos a uma revisão de literatura sobre arquivos pessoais. Foi feito um levantamento bibliográfico relativo aos aspectos conceituais e metodológicos dos arquivos pessoais, em particular de cientistas, considerando que a principal atividade de Plínio foi a de pesquisador e professor universitário.

No Capítulo 2, com o objetivo de entender melhor o personagem, situá-lo no seu tempo e compreender a sua atuação profissional, e com isso facilitar a constituição de uma organização funcionalmente mais adequada para o acervo, analisamos os aspectos biográficos de Plínio Süssekind Rocha e sua trajetória entre o ensino, a física e o cinema. Discutimos, ainda, como o acervo foi constituído, os trâmites de sua doação e como se deu a sua institucionalização. Fizemos também uma síntese dos conteúdos principais existentes no acervo, o que foi bastante útil na etapa seguinte do trabalho.

No Capítulo 3, que responde ao objetivo principal da dissertação, após analisarmos abordagens metodológicas que têm sido usadas em acervos similares, construímos a proposta de um plano de classificação e de descrição para o Acervo Plínio Süssekind Rocha. Isso foi feito a partir de referências metodológicas, que têm como suporte trabalhos conceituais e práticos já realizados no Brasil com conjuntos documentais análogos. Após isso, abordamos o objetivo principal do trabalho: estabelecer uma proposta metodológica de organização para o APSR, de um plano de classificação e de um padrão de descrição dos documentos.

Nas considerações finais, buscamos sintetizar os resultados gerais do trabalho realizado, destacamos a importância do diálogo entre os que pesquisam e atuam com acervos

pessoais e os que são responsáveis diretos por eles, de modo a contribuir com a preservação da memória e com as pesquisas históricas.

Dois apêndices constam da dissertação, o primeiro deles contém uma cronologia detalhada sobre a vida de Plínio Sússekind Rocha e o segundo apêndice traz uma descrição mais detalhada, embora ainda de caráter geral, do acervo documental.

Uma de nossas preocupações com a preservação e organização do acervo é torná-lo disponível para uso de pesquisadores, em especial de história da ciência, para professores e estudantes do IF/UFRJ e para o público interessado.

Capítulo 1 – Revisão de literatura: arquivos pessoais

Este trabalho possui como eixo temático os arquivos pessoais. Também estão inseridas nesse eixo temático discussões sobre arquivos em bibliotecas – importantes para compreender as diferenças e semelhanças no tratamento dos documentos de arquivo e de biblioteca. Tendo como objeto de pesquisa o arquivo de Plínio Sússekind Rocha, foram usados como referenciais teóricos e metodológicos alguns dos principais autores brasileiros a saber: Ana Maria de Almeida Camargo (2007, 2008, 2009, 2015); José Francisco Guelfi Campos (2013, 2015); Luciana Heymann (1997, 2005a, 2005b, 2009, 2012); Maria Celina Soares de Mello e Silva (2011, 2012, 2015); e Paulo Roberto Elian dos Santos (2007, 2012); e autores estrangeiros como Catherine Hobbs (2016, 2018); e Terry Cook (1998, 2017, 2018).

Tanto Camargo (2009) quanto Heymann (2009) em artigos publicados na *Revista do Arquivo Público Mineiro* falam da escassez de bibliografia sobre o tema de arquivos pessoais, e do lugar periférico que esses conjuntos documentais ocuparam dentro da literatura arquivística até, pelo menos, a década de 1980, devido ao privilégio conferido aos documentos de natureza pública.

[...] os documentos acumulados por indivíduos ao longo de sua existência nem sempre são tratados de modo coerente com a teoria arquivística, depois que ingressam em entidades de custódia. O fato de não haver, entre nós, palavra específica para designá-los (como manuscripts, personal papers, écrits personnels, carte personali, espólios e tantas outras), e, conseqüentemente, distingui-los dos arquivos institucionais, não resultou, na prática, na adoção de procedimentos comuns, nem impôs o reconhecimento dos atributos que permitiriam vê-los como conjuntos orgânicos e autênticos, marcadamente representativos das atividades que lhes deram origem. (CAMARGO, 2009: 28).

No livro, *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*, Camargo e Goulart (2007: 44-48) ressaltam que o papel de interpretar o indivíduo cabe ao historiador, assinalando as diferenças existentes entre os afazeres deste e os do arquivista, na medida em que o historiador privilegia conexões externas para estabelecer o contexto das atividades do arquivo pessoal do titular, independente da forma como os documentos foram produzidos ou acumulados, partindo do topo até a base, ou seja, buscando sustentar, através dos documentos, as hipóteses formuladas. Enquanto o arquivista, notadamente, se atém a técnica, indo da “base ao topo” ou do “específico ao genérico”, norteando-se pela funcionalidade, em que os documentos se ajustam ao contexto da produção, utilizando para tanto ferramentas como currículos etc. Assim se confere isenção de valor ao objeto, de modo

a não emprestar significados ao mesmo, sendo a “estabilidade de sentido” uma das características dominantes, e principal responsável pela autenticidade dos documentos de arquivo.

Para Luciana Heymann (2009: 50-53) é importante pensar em outras conexões para além da trajetória do titular, como a intencionalidade, por exemplo. “[...] no caso dos arquivos pessoais, [...] a contextualização dependerá, em grande medida, de se procurar entender o motivo da guarda do documento, identificando a intenção acumuladora”. Heymann cita a história oral, entrevistas, como meio de recuperar registros não identificáveis e dar significado a muitos documentos no arquivo. Segundo ela, é importante investigar o processo de acumulação documental e verificar o que esse processo pode nos contar sobre o titular de cada fundo.

Neste sentido, assim como Camargo e Goulart (2007: 49), Luciana Heymann (2012: 262) faz referência ao texto "Provas de mim" de Sue McKemmish (1996, 2018), a fim de evidenciar os documentos de arquivo como provas de atividades e relações do sujeito. Heymann (2012: 279) vai mais além, e nos convida à reflexão sobre o ato de arquivar que se volta para o futuro, como no caso do arquivo de Darcy Ribeiro, em que os documentos acumulados indicam projetos a serem desenvolvidos, assemelhando-se a uma agenda de trabalho, realizados integralmente ou em parte.

Na medida em que os documentos, tanto os de arquivo quanto os de biblioteca, não “representam” a pessoa, necessariamente, mas são vistos como representando, faz-se necessário “desnaturalizar” essa associação mostrando a trajetória do próprio acervo, lembrando, no entanto, que nem todo gesto de arquivamento tem intenção memorial. Luciana Heymann (2012: 269) descreve o imenso valor que Darcy dava aos seus livros. O esforço que fez para adquirir as obras que julgava importantes serem consultadas, e que porventura ainda não tinha, encontra-se registrado em seu arquivo.

O gesto de procurar completar sua biblioteca de modo a fazê-la espelho da imagem que ele procurava refletir constitui um primeiro elemento de reflexão sobre a dimensão construída dos legados. Pois se a ideia de biblioteca pessoal remete, exatamente, ao acúmulo gradual e paulatino de obras que correspondem a interesses manifestos ao longo da trajetória do indivíduo, permitindo entrever-lhe o percurso intelectual, aqui se assiste a um esforço de representação desse mesmo percurso. Esse movimento é coerente com o desejo de Darcy de ser lembrado por suas ideias e não apenas por suas obras ‘edificadas’, além de sugerir uma expectativa de reconhecimento futuro do valor de sua contribuição intelectual. (HEYMANN, 2012: 269).

Essa visão antropológica de Luciana Heymann (2012: 275) sobre os conjuntos documentais de Darcy Ribeiro, dispersos na sua acumulação entre a função pública e a vida privada e reunidos posteriormente sob a égide de arquivo pessoal, nos chama atenção para a importância de acessar e preservar a documentação na sua completude, sempre presumível, que para além da função de manter viva a memória do titular do fundo, nos mostra a sua relevância para dar continuidade ao seu legado. Um olhar etnográfico sobre os acervos inspira descrições acerca de suas trajetórias e das interferências que sofreram até serem depositados em instituições de guarda, e mesmo depois disso. A ideia de Heymann é desnaturalizar processos de acumulação, reunião e institucionalização de conjuntos documentais. Nesse sentido, as próprias ações de tratamento (que carregam visões disciplinares e institucionais conformadoras) devem ser objeto de análise.

Considerar o arquivo uma entidade como um todo, vai de encontro ao que foi sugerido acima, e julgá-lo apenas em partes, invariavelmente causa interpretações equivocadas que podem afetar todo o trabalho. É nesse sentido que a abordagem contextual proposta por Camargo e Goulart (2007) possibilita manter juntos documentos que, embora díspares ou sem informações suficientes de identificação e/ou data, se justificam por estarem inseridos em determinado contexto.

[...] os arquivos pessoais são prolíferos em documentos desprovidos de metadados: fotografias sem legenda, anotações de todo tipo em inusitados suportes, objetos desvinculados dos conjuntos que lhes dariam sentido. Em vez de ser atrelados ao contexto que permitiria justificar sua presença no arquivo, tais documentos são reunidos sob a forma de miscelânea, são remetidos para outras instituições de custódia (museus e bibliotecas) ou têm destino ainda pior: alienação ou descarte. (CAMARGO e GOULART, 2007: 41-42).

Outrossim, a abordagem contextual sugerida por Camargo e Goulart permite que o arquivo agregue, além de unidades documentais, materiais de diferentes suportes como livros, revistas etc., e que apesar de buscar estabelecer práticas comuns de tratamento técnico, respeita a autonomia de cada tipo de documentação.

Ao traçar um paralelo, a partir de Camargo e Goulart (2007: 58-59), entre arquivo e biblioteca, é fácil identificar que esta goza de funcionalidade própria, ou seja, se vale de instrumentos da área de biblioteconomia, como as classificações Decimal Universal e de Dewey (para atribuir assunto), Tabela de Cutter (código utilizado para indicar a autoria de uma obra), assim como de tesouros para designar descritores e efetuar a indexação de seus documentos, podendo ou não ser submetidos a um contexto. Já para a organização do arquivo

não podemos prescindir das funções e atividades da instituição ou pessoa que lhes deram origem, estando necessariamente atrelados ao contexto de sua produção e/ou acumulação. Para Santos e Lourenço (2007: 17), portanto, a classificação não deve derivar de um processo difuso e impreciso que estabelece assuntos ou temas porventura associados aos documentos. Nesse cenário, a partir de eventos profissionais e pessoais arrolados na cronologia, esta torna-se um importante produto de contextualização do arquivo.

Além dos nexos internos entre os documentos do arquivo, cumpre caracterizar os elementos que lhes são exteriores. Como afirmou David Bearman, os produtores de *manuscripts* (nome pelo qual se distinguem, em língua inglesa, os documentos de arquivos pessoais) não geram sistemas próprios de informação, nem obedecem a regulamentos, “mas os contextos em que criam e usam documentos são perfeitamente identificáveis”. (CAMARGO e GOULART, 2007: 43-44).

Ao mencionar a obra *Tempo e circunstância*, cabe ressaltar ainda que essa experiência não surgiu por acaso. A proposta das autoras partiu de uma experiência prática e que resultou em uma base de dados que permite contextualizar de forma integrada documentos do arquivo e da biblioteca de Fernando Henrique Cardoso e Ruth Cardoso.

O presente trabalho nasceu da demanda de investigar a trajetória de Plínio Süssekind Rocha, que empresta o seu nome à Biblioteca de Física da UFRJ, entender e se apropriar desse conhecimento relativo ao passado com referência ao patrono da biblioteca. Embora uma reconstituição mais aprofundada da sua história não tenha sido objeto desse trabalho, a organização do acervo deverá colaborar com este propósito, que é de interesse da Biblioteca do Instituto de Física. Pretendeu-se que a pesquisa realizada pudesse também: auxiliar na elaboração da cronologia como instrumento de descrição – nutrida de informações recolhidas em fontes diversas, mas também de parte específica da documentação do arquivo, como suas fichas funcionais na UFRJ –; e facilitar a identificação posterior dos documentos. Intencionou-se assim, pensar a organização arquivística desse conjunto documental, bem como o processo de sua classificação/arranjo e descrição.

Esse pensamento vai ao encontro de Campos (2013: 150-151), quando ressalta que o principal objetivo dos profissionais da informação, quer sejam arquivistas ou bibliotecários, deve ser fundamentalmente promover o acesso aos documentos. Mas para além de possibilitar meios de disponibilizar a informação, é preciso pensar na contextualização desses documentos, resguardando sua capacidade de refletir as funções e atividades da pessoa que lhes deu origem.

À luz de reflexão sobre arquivos de professores no âmbito da universidade, e da importância que esses documentos têm para a própria história da instituição de ensino, é possível estabelecer uma relação entre o papel do professor universitário, destacado por Campos (2013: 154), e o questionamento de Santos (2012: 19) sobre a necessidade de se conhecer as funções desempenhadas pelos cientistas, e até mesmo o que vem a ser a ciência, como condição *sine qua non* para organizar arquivos dessa natureza. Segundo Campos (2013: 155) os trabalhos desenvolvidos por Santos (2010, 2012), apresentam articulação entre o “campo da sociologia da ciência e os princípios consagrados da arquivologia, de modo a criar uma estratégia de descrição para os documentos que emergem da prática científica”.

Uma outra questão salientada por Campos (2013: 156-158), e que merece destaque aqui, é que assim como a ciência não se restringe às paredes do laboratório, a atuação do professor universitário não pode ser definida unicamente pela sala de aula, mas caracteriza-se também pela pesquisa, quando não por funções administrativas, sendo o exercício dessas, não raro, comuns a esses profissionais.

Quando estão em jogo os arquivos pessoais, a abordagem contextual, fundamentada em denso esforço de pesquisa sobre as áreas de ação dos titulares, oferece terreno sólido para o contato que se estabelece entre os usuários e os documentos que lhes permitem conhecer o passado, assegurando a capacidade de rememoração coletiva. (CAMPOS, 2013: 164).

Num outro contexto, Santos (2012: 20-21) demonstra a importância de refletir sobre uma abordagem diferenciada para o tratamento de arquivos de cientistas, baseada nas atividades desempenhadas, assim como o estabelecimento de um padrão próprio de organização para os documentos advindos desse processo. O autor ressalta que há diferenças a serem consideradas tanto na constituição desses arquivos, quanto nos diferentes papéis “profissionais e sociais que envolvem políticos, militares, escritores, [professores] e cientistas”, chamando a atenção para as considerações teóricas e conceituais sobre arquivos pessoais e institucionais. Essas reflexões, voltadas aos arquivos pessoais de cientistas, foram, de certo, úteis para a abordagem do Acervo Plínio Sússekind Rocha.

Tendo em vista as atividades de pesquisador e docente universitário do titular do arquivo, as reflexões conceituais e metodológicas sobre arquivos de cientistas no Brasil foram objeto de nossa análise durante a pesquisa. O inventário do Fundo Frederico Simões Barbosa (2007)⁷, médico sanitário, representa um exemplo dos esforços para a valorização da

⁷ Publicado pelo Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (COC).

memória de cientistas no campo da saúde no país. Trata-se de um trabalho que devemos considerar por ser o primeiro arquivo da Casa de Oswaldo Cruz (COC) submetido à abordagem funcional proposta por Santos (2012). Outros arquivos pessoais, sob custódia da referida instituição, foram posteriormente submetidos ao mesmo conjunto de procedimentos metodológicos. O modelo funcional possibilita estabelecer conexões, de maneira menos genérica que o critério temático, entre diferentes tipos de documentos, como por exemplo, uma fotografia e uma carta, relacionadas a determinada função ou atividade do produtor do arquivo.

Segundo Luciana Heymann (2009), Camargo e Goulart advogam que a única forma de garantir que os arquivos pessoais sejam tratados como arquivo, e não simplesmente como uma coleção de documentos, é submetê-los aos princípios da ciência arquivística, ou seja, ao método funcional em detrimento de critérios como o temático (por assunto) ou o tipológico (por tipo de documento). Heymann destaca então, que embora a obra de Camargo e Goulart seja um marco na literatura arquivística brasileira sobre arquivos pessoais, é importante registrar que ela foi fruto da organização do acervo de Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, cuja identificação funcional portanto, foi bastante facilitada, pelo fato de tratar-se de homem público com *staff*. E cujo arquivo foi organizado, no âmbito da Presidência da República, com base nas atividades desempenhadas por FHC como presidente. Nesse sentido, o contexto de produção dos documentos foi preservado desde a origem, facilitando enormemente a aplicação da ideia do “evento” como unidade de descrição do arquivo.

A experiência nos estudos sobre arquivos de institutos científicos levou Maria Celina Soares de Mello e Silva (2019: 12 e 15) a afirmar que a parceria entre arquivistas e cientistas é fundamental para uma melhor compreensão da pesquisa e seleção adequada dos documentos produzidos durante esse processo, não só para fins de temporalidade (definição de guarda permanente ou fase corrente) e recuperação, mas também para nomear adequadamente os diferentes tipos de documentos, constituindo um glossário de termos que sirva de instrumento para sua melhor identificação.

Outra preocupação da autora é a ausência de políticas que estabeleçam espaços físicos de guarda adequados, deixando a cargo, muitas vezes, do próprio cientista decidir o que fazer e/ou para onde enviar a massa documental, fruto de suas pesquisas e atividades. A situação é ainda mais delicada quando se trata de informações de “caráter privado”, mesmo estando no âmbito público. Essa inquietação é partilhada por José Francisco Guelfi Campos (2013). Silva

(2019: 17) sugere ainda que a ausência de arquivos em instituições científicas faz com que muitas vezes a biblioteca tenha que assumir a função de gerenciar documentos de arquivo.

Campos (2013) analisa a questão da produção e da acumulação de acervos por docentes em universidades e a dicotomia existente entre o público e o privado, especialmente no tocante à preservação dos arquivos pessoais de professores falecidos ou aposentados, para os quais defende tratamento técnico e divulgação adequados. O autor ressalta, a partir da perspectiva da Universidade de São Paulo (USP), onde realizou sua pesquisa, que não há uma uniformidade no armazenamento da documentação relacionada às atividades de pesquisa e docência no ambiente universitário, – cada unidade procede de maneira diferenciada quanto à gestão de seus arquivos – apesar dessas constituírem as duas principais funções de um professor de Instituição de Ensino Superior (IES).

O arquivo de Plínio, no entanto, é bem representativo de sua atividade como docente, possui entre os documentos acumulados por ele, por exemplo, provas aplicadas a seus alunos e programas de disciplinas, importantes para se verificar como se dava o processo de ensino-aprendizagem da física há algumas décadas atrás, assim como nos permite perceber como se organizavam as práticas administrativas no Instituto de Física da UFRJ naquele tempo.

Terry Cook (1998: 130-133), em trabalho apresentado no "Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais", ressalta uma importante separação entre os arquivos e os manuscritos privados, no cenário público, onde os papéis ditos pessoais são marginalizados pelos arquivistas públicos, e vistos, predominantemente, como documentos de guarda das bibliotecas. O autor aponta, no entanto, dois principais pontos de convergência entre os arquivos pessoais e os públicos, ambos segundo ele, ao contrário dos livros, que têm “motivos próprios”, são oriundos de um contexto natural de acumulação, ou seja, nascem “como parte de alguma outra atividade ou necessidade, seja pessoal, seja institucional”. (COOK, 1998: 131). Além disso, os dois tipos de arquivos, públicos e privados, são submetidos a uma metodologia análoga de organização e acesso. Ainda assim, uma outra diferença assinalada por Terry Cook, e que nos parece fundamental destacar, é que enquanto os arquivos públicos obedecem a uma lógica de acumulação pautada por atividades administrativas e, portanto, inerentes à atuação de determinada entidade, os arquivos pessoais são tidos como “produtos de um desejo de perpetuar intencionalmente uma certa imagem”, um “(propósito) concebido que, na verdade, se destina à 'monumentalização' do próprio indivíduo ... ”. (COOK, 1998: 131). São, em certo sentido, considerados artificiais sob a ótica da arquivística clássica e, por conseguinte, mais próximos da biblioteca que do arquivo, o que não significa que essa visão seja verdadeira mas definida a partir da pedra angular da arquivologia, fundamentada em

experiências de arquivos institucionais oficiais, ou seja, trata-se da representação clássica dos arquivos.

No texto de Hobbs (2016: 304-305), pode-se inferir que a prática de arquivos em bibliotecas teve início ao mesmo tempo em que os manuscritos passaram a despontar como material de interesse nos países de língua inglesa. Na medida em que os arquivos pessoais foram transferidos para a custódia de bibliotecas e bibliotecários, sua organização era feita segundo a práxis biblioteconômica de classificação e descrição. Os arquivistas precursores não entendiam os acervos privados como arquivos e, portanto, não os viam como merecedores das práticas arquivísticas, já que segundo o olhar tradicional, os mesmos não conferiam “valor probatório” e “informativo”. Essa circunstância afetou a discussão que surgiu no contexto dos arquivos privados tempos depois.

Segundo Hobbs (2016: 306-307), Powell em seu *Princípios arquivísticos e o tratamento de documentos pessoais*, estabelece “as diferenças entre documento pessoal e documento público”, de acordo com seu caráter informativo e de produção, e critica a tentativa de organicidade em relação aos documentos pessoais, uma vez que para ele, a “complexidade dos arquivos pessoais” não permite ao bibliotecário respeitar a ordem original, defendendo então a classificação por assunto e tipo de documento, “de acordo com os interesses dos pesquisadores”, e justificando, portanto, “um plano próprio de organização” dos arquivos pessoais.

Em contraponto a Powell, Hobbs (2016: 307) apresenta a visão de Chris Hurley, que “questiona a afirmação de Powell a respeito da fronteira entre os bibliotecários especialistas em manuscritos e os arquivistas”. Ainda que considere que os arquivos pessoais possam ter uma organicidade própria e não tão evidente assim, manifestada pelos interesses do titular do arquivo, Hurley justifica o respeito à ordem original, com o propósito de “preservar informações contextuais e referências cruzadas internas, o que equivale a não privilegiar um grupo específico de usuários”.

O que Luciana Heymann (2009: 43) chama de “matriz pública” dos arquivos, segundo ela do “ponto de vista histórico e jurídico”, é marcante também no “aspecto metodológico” para a organização dos arquivos pessoais. Independentemente do tipo de arquivo, grande parte dos conjuntos documentais rezam pela mesma cartilha, carecendo ainda a área, no seu conjunto, de um olhar mais diferenciado para os papéis de natureza pessoal. Heymann chama atenção ainda para o lugar de fronteira que esses conjuntos documentais ocupam, integrados em alguns casos a seções de manuscritos em bibliotecas. Ernest Posner (2013) considerava na década de 1950, que pelo fato de muitos arquivistas haverem obtido seu treinamento em

bibliotecas, eles eram capazes apenas de pensar em termos de biblioteconomia. Já Heymann ressaltou as críticas dos arquivistas a respeito do emprego de procedimentos biblioteconômicos que primam pelo tratamento individualizado, desrespeitando assim a organicidade dos documentos.

Na visão de Hobbs, foi Adrian Cunningham nos anos 1990, ao escrever um artigo que versa principalmente sobre a separação existente entre os “arquivistas institucionais” e os “arquivistas pessoais” na Austrália, quem deu início a uma discussão sobre a falta de visão dos arquivistas clássicos em relação à importância cultural dos arquivos pessoais. A autora valoriza, portanto, a percepção canadense que busca um entendimento integral dos dois tipos de arquivos.

Hobbs chama atenção ainda para um número da revista *Archives and Manuscripts*, editado em maio de 1996 por Cunningham, que é considerado um marco na discussão dos arquivos pessoais, e que contou com artigos de diversos autores, como Richard Cox. Em sua perspectiva, a semelhança entre arquivos pessoais e demais arquivos, é o ponto chave dessa discussão, isto é, para ele a matéria-prima dos arquivistas são os documentos, e documentos fazem parte de arquivos pessoais, ou seja, Cox “conceitua o arquivo pessoal como prova mantida de forma sistemática das transações, funções e atividades que não diferem de outros tipos de arquivos.” (HOBBS, 2016: 309).

Sue McKemmish (1996) também marcou presença nessa edição especial da revista, com seu célebre e já citado artigo "Evidence of me..." [Provas de mim...], em que destaca o papel das cartas como “probatório e interacional”, uma vez que “evidenciam *acima de tudo a relação e as interações entre o autor e o destinatário*”. McKemmish (1996 apud HOBBS, 2016: 310).

Harris (2011 apud HOBBS, 2016: 311-312), corrobora a noção de testemunho observada em McKemmish, isto é, “o recurso à narração em lugar de formulações do documento enquanto prova”, embora a considere limitada, uma vez que para Harris os arquivos pessoais são suficientemente complexos para serem resumidos a formas simplistas de entendimento e organização.

Em 2001, um número da revista *Archivaria* ampliou a discussão sobre arquivos pessoais, onde Pollard (2001 apud HOBBS, 2016: 312-313) observa mais uma vez o ponto de vista excludente das práticas arquivísticas iniciais em relação aos arquivos pessoais, baseadas especialmente em Jenkinson e Schellenberg.

Catherine Hobbs também publica artigo no periódico *Archivaria*, intitulado "The Character of personal archives: reflections on the value of records of individuals", o texto é

baseado em uma apresentação feita por ela no congresso da Associação de Arquivistas Canadenses, em 2001, no painel "Evidências e Anedotas: Um Painel Sobre Documentos Pessoais". O referido artigo trouxe reflexões interessantes e uma nova dimensão, até então muito pouco considerada, nas análises de arquivos pessoais e é bastante citado por isto.

Catherine Hobbs (2016) apontou que os debates sobre a aquisição e avaliação de arquivos tinham se centrado, até então, em modelos de registros administrativos ou governamentais, e que discussões similares não haviam ainda ocorrido em relação aos registros pessoais. Ela enfatiza que o foco administrativo ou governamental, presente em grande parte do pensamento arquivístico, estava especialmente evidente nos debates de então (há duas décadas), sobre avaliação, aquisição e organização de documentos. A partir dos modelos e estratégias de organização, baseadas na teoria arquivística usual, os arquivistas, ao considerar os arquivos pessoais, analisam os indivíduos do ponto de vista das interações e papéis exercidos na sociedade, o que é certamente importante. No entanto, tanto os padrões documentais únicos dos indivíduos quanto as expressões do caráter de um indivíduo e suas lutas interiores fazem com que os arquivos pessoais difiram significativamente dos registros organizacionais. Assim, Hobbs propõe, em seu artigo, que os arquivos pessoais requerem uma abordagem diferente da administrativa ou de registros oficiais.

Para ela, os arquivos pessoais contêm a visão pessoal das experiências de vida e se distanciam, neste sentido, da formalidade coletiva e da organização sistematizada já encontrada em outros tipos de registros. Há uma intimidade no arquivo pessoal que não se encontra no sistema de registro coletivo, que é mais institucional e formalizado. Os elementos íntimos dos indivíduos se refletem no conteúdo e na organização de registros pessoais, e também na interação direta do arquivista com o criador/gerador do arquivo pessoal durante a sua avaliação, aquisição e gestão. Em função disto, a autora propõe que as pessoas que trabalham com arquivos pessoais deveriam buscar considerar também o personagem e sua interioridade. Para ela, ao assim procederem, os arquivistas representarão melhor o criador/gerador do arquivo, não apenas como um agente social, mas como um indivíduo criativo que forjou sua própria vida ao longo do tempo.

Hobbs (2016: 314-315) segmenta de duas maneiras distintas a forma de encarar a discussão em torno dos arquivos pessoais. Para ela, a primeira maneira consiste em tentar enquadrar os tipos de documentos dentro do perfil tradicional de organização, que precisa legitimar o caráter de transacionalidade e de prova do documento. Já a segunda maneira, que ela admite ser a forma defendida por ela, Dever e Harris, estabelece a subjetividade do indivíduo e "o comportamento anômalo na organização de documentos pessoais" como sendo

mais relevante que o conceito de prova. Para Hobbs é preciso avançar mais nas pesquisas para se definir melhor o que é realmente importante na constituição de um arquivo pessoal.

Mesmo que determinadas atividades sejam realizadas pelo titular no âmbito de instituições, há vieses e relações que se desenvolvem também extramuros. Nesse contexto, trazemos à luz as cartas pessoais, documentos capazes de tornar isso evidente. Segundo Hobbs (2016: 316), “a liberdade referente à documentação é ainda mais pronunciada quando ela é alheia ao seu trabalho”.

Um exemplo encontrado no arquivo de Plínio Sússekind Rocha, objeto desse estudo, é uma missiva recebida de seu ex-aluno de física Fernando Simão, e que nos mostra que para além da relação acadêmica, existia um vínculo de amizade entre eles.

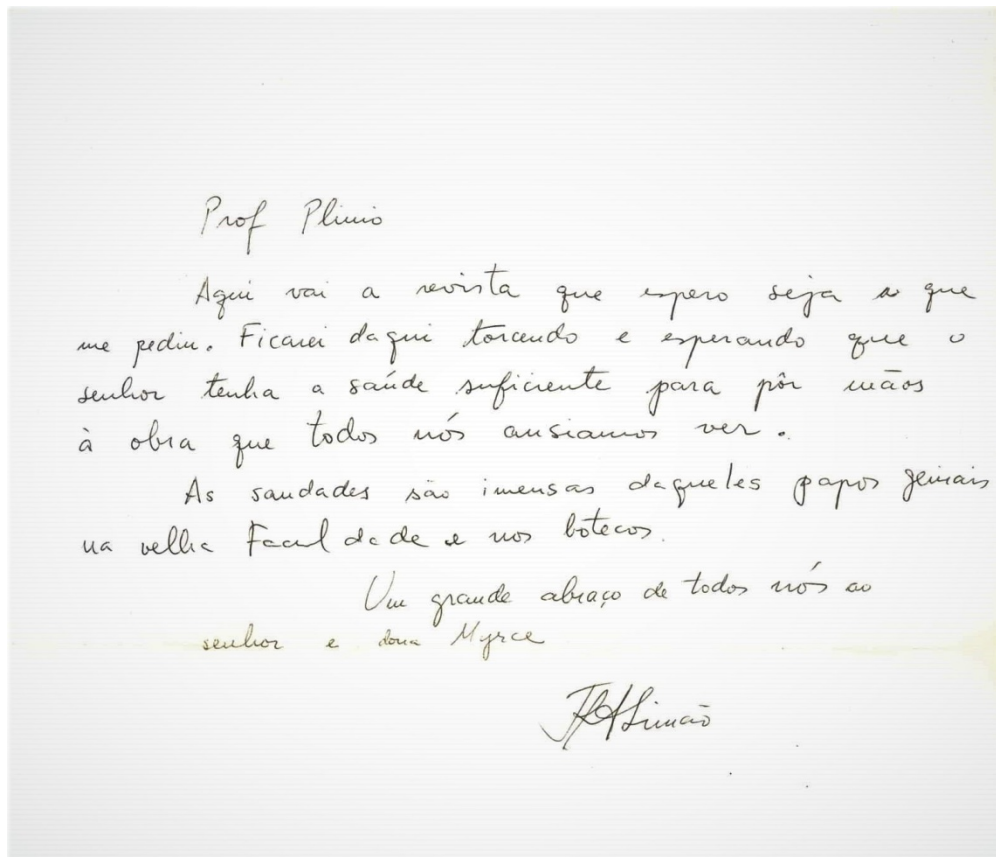


Figura 1 – Carta recebida por Plínio Sússekind Rocha de Fernando Simão
Digitalizada do Acervo Plínio Sússekind Rocha

Hobbs nos diz ainda que muitas vezes as funções públicas se sobrepõem à vida do titular como um todo. É como se a parte privada fosse algo menor, numa tentativa ainda em vigor de tentar enquadrar a organização dos arquivos pessoais dentro de um método institucional. Ou seja, é possível privilegiar o caráter pessoal e manter a ordem original ao mesmo tempo.

Naturalmente, esse exemplo extremo do entrecruzamento do pessoal com o profissional dá mostras de como o primeiro chega ao segundo de uma maneira totalmente consciente para o próprio criador. Entretanto, esse método pode ser aplicado a muitos outros tipos de produtores de documentos: por exemplo, políticos e cientistas, cujos posicionamentos são informados por suas visões pessoais, experiências, crenças e consciência social. [...] O conhecimento sobre essa matriz aumentaria a capacidade do arquivista [profissional da informação] de perceber o arranjo e as inter-relações dentro do arquivo e os capacitaria a comunicar esse conhecimento ao pesquisador sem privilegiar um aspecto isolado da vida daquele criador. (HOBBS, 2016: 319).

Entendemos, a partir de Hobbs (2016: 320), que o propósito do produtor em acumular determinados documentos pode estar eivado de intenções momentâneas, mas que às vezes não se perpetuam com o tempo. Ou seja, é preciso ter a sensibilidade de perceber que o ato de guardar pode estar muito mais atrelado ao pragmatismo de documentar, inerente à vida humana, do que à pretensão de construir um arquivo por uma finalidade específica.

Considero válido chamar a atenção sobre o ato de arquivar comprovantes e recibos, documentos estes necessários em determinadas circunstâncias da vida, mas que passados alguns anos, não nos diz nada ou quase nada, porque correspondem tão e somente às nossas obrigações como cidadãos. Por outro lado, de acordo com o Glossário da Sociedade de Arquivistas Americanos apud Hobbs (2016: 321), há os chamados “*papers*” ou “documentos permanentes” que se referem aos documentos produzidos e acumulados pelo indivíduo durante suas atividades. Dessa forma, como se ocorre a acumulação de documentos, quer sejam eles recebidos ou produzidos, é um processo importante para entender o contexto do titular do arquivo numa perspectiva mais ampla da experiência de vida.

A ordem original também nos diz muito sobre isso, sobre a experiência do indivíduo. Pastas do arquivo de Plínio Süssekind Rocha, classificadas por ele segundo seus temas de interesse, contêm manuscritos de seus principais artigos sobre Introdução ao cinema (I, II e III), na Pasta “Cinema”. Eles figuram igualmente em sua pasta de recortes de jornais com publicações suas em jornais de grande circulação como *O Estado de S. Paulo* e em periódicos como a *Folha da FNF* (Faculdade Nacional de Filosofia) e a *Revista Universitária* (Órgão do Diretório Central de Estudantes da Universidade do Brasil). É possível cogitar dentro desse contexto que haja um artigo seu inédito sobre Introdução ao cinema, o de nº. IV, que não chegou a ser concluído, e portanto, não foi publicado; só foi possível chegar a essa hipótese a partir do arranjo originalmente feito por ele.

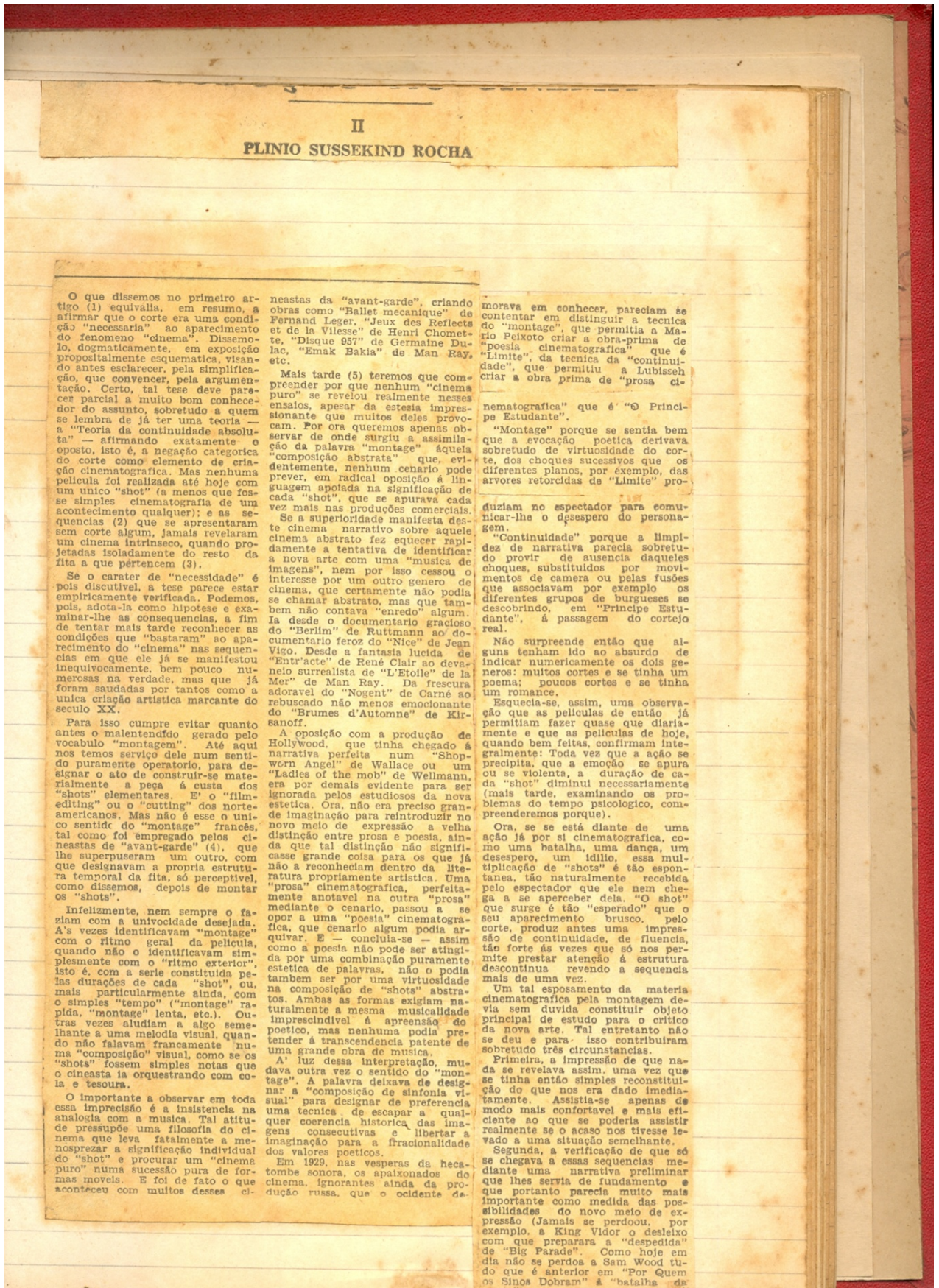


Figura 3 – Artigo “Introdução ao cinema II” escrito por Plínio Sússekind Rocha e publicado em *O Estado de S. Paulo*, 26 out. 1948
Digitalizado do Acervo Plínio Sússekind Rocha

INTRODUÇÃO AO CINEMA

III
PLÍNIO SUSSEKIND ROCHA

Se os cineastas russos proclamaram sempre, e bem alto, sua dívida a Griffith, nunca mencionaram, ao que sabemos, qualquer influência sobre eles da "avant-garde" francesa. É possível que não lhe tivessem visto as películas; é difícil acreditar que lhe ignorassem a obra crítica. O fato é que não somente se apropriaram do vocabulo "montage" na propria redação gaulesa, mas também a indeterninação toda do emprego dele em Paris.

Tal indeterninação, transplantada para a tradicional irresponsabilidade logica da "alma russa", não tardou em adquirir uma extensão avassaladora, capaz de tudo explicar por simples invocação da palavra. Noções já claramente estabelecidas, como a de "cenario", foram sacri-cadas pela progressiva identificação do "montage" a todo processo de criação cinematografica (1). Conveniências de simples manuseio, como a divisão de uma fita em "partes", em "rolos", foram tratadas em pé de igualdade aos mais genuinos fatores da nova arte, porque eram elementos do "montage" (2). Estenderam tanto o uso da palavra que acabaram ultrapassando o limite a que ingenuamente tendiam: a substituição do vocabulo "cinema" por outro, para designar o novo fenomeno estetico. Em vez de especificar a essencia da criação cinematografica, em vez de distinguir a nova arte das outras já conhecidas, "montage" chegou a designar o principio mesmo de qualquer criação artistica (3).

Em 1935, porem, o telegrafo nos informava "que estava definitivamente suzerada a 1.a etapa da cinematografia sovietica e que se iniciava uma outra em que "montage" de tudo que tinha sido, passava a não ter mais valor algum (4). É possível que no famoso encontro em Moscou entre os novos e antigos cineastas — de que parece haver um relato nos ns. 11 e 12 do "Cinema Quarterly" de 1935 — se tenha conseguido uma justificação estetica para uma reviravolta tão radical. É possível mesmo que tenha triunfado então uma corrente que na época silenciosa não brilhava tanto como a dos campeões do "montage", mas que, explorando apenas as possibilidades de "direção" em cinema (5), frequentemente trompia com intensidade inesquecivel na obra de Dovjenko.

Não tivemos entretanto até agora conhecimento de fita russa que justificasse tal hipótese. Com excepção de um "Arco Iris", realmente grande, tudo quanto se viu, desde então, vindo de lá, não pode sofrer comparação com o que viera anteriormente.

Não cremos que tenha havido simplesmente decadencia. Não são caducos os autores de "Pedro o Grande", de "Suvorof", de "Flor de Pedra", de "Ivan o Terrivel". São mesmo "metteurs-en-scène" excep-

Houve, sim, ao que parece, simples reflexo da mudança de rumo politico da U.R.S.S., que passava então do periodo revolucionario ao nacionalismo preparatorio á guerra que se aproximava. Impunha-se reintroduzir nas massas perigosamente esclarecidas os cultos necessarios a uma boa estrategia. E á arte que tinha melhor exprimido a mensagem da revolução impunha-se naturalmente a queda mais forte. Arte das massas, o cinema sovietico teve que se colocar ao serviço do heroi individual, que cumpria glorificar: Pedro O Grande, General Suvorof, Alexandre Nevski, Kutusof, Lermontof, Ivan O Terrivel, Almirante Nachimof.

Ora, glorificando o "heroi", o cinema tem que glorificar o "ator" e difficilmente poderá fazê-lo, depois do "falado", sem degenerar em simples cinegrafia do teatro (7). Essa é que nos parece ter sido realmente a corrente vitoriosa em 1935: a do ator. Pois convem não esquecer a inexistencia dele, como profissional, na grande época do cinema sovietico. E, de resto, é o proprio Eisenstein quem o confirma, quando, ao tertar reabilitar a antiga nobreza do "montage" no seu livro "The Film Sense", procura "refutar adversarios" mostrando que o "trabalho do verdadeiro ator cinematografico também obedece ao principio do montage" (8).

Mas se assim foi, se houve tal subordinação do cinema á politica, não devemos nos esquecer disso, se quisermos encontrar, na diversidade das posições teoricas dos cineastas sovieticos da grande época, uma unidade que nos esclareça sobre a importancia fundamental que todas elas dão á palavra "montage".

Ha que partir então, não desses criadores que a politica facilmente enascenta, mas do proprio autor desses cineastas: a revolução proletaria.

Revolução triunfante, sua arte não pode ser mais o refugio em que se abrigam os in-conformados com o espetaculo quotidiano e onde sublimam em beleza a aspiração ou a nostalgia de uma liberdade essencial á sua dignidade ontologica. Já não se trata mais de evocá-la por uma transposição poetica ou musical, de sugerí-la por uma valorização expressionista, ou de simbolizá-la num mito que se anime de uma seiva cultural. Sua realidade já é um fato no heroi ubiqüo e in-termitente que vem de triunfar a massa proletaria. Ha que trazê-lo simplesmente á percepção concreta de cada um dos seres humanos que o compõem e que não o pode "ver" da posição em que está preso pela propria individualidade nem distingui-lo na infimidade de instantes que a memoria lhe acumula. Ha pois que tornar ubiqüa essa percepção individual, tornando-a simultanea de muitas outras e ha que liberta-lo do excesso que lhe traz o seu proprio suceder.

Tal arte deve ser então, como as outras, uma vitória sobre a continuidade psicologica e sobre a limitação biologica. Mas desta vez tem que ser uma vitória completa. Não basta realizá-la parcialmente na contemplação de uma solução plastica, fora do tempo, ou na audição de uma estrutura sonora, fora do espaço. Exigindo a historicidade, recusa qualquer pureza pela abstração do elemento humano. Re-

quer uma dinamica em que se exprima a interação dos homens, a sua solidariedade de coexistencia acima do isolamento individual no espaço e no tempo. Não pode se contentar com a eurtímia pura, não pode ser mais musica, pintura ou arquitetura.

Não basta também obtê-la pelo recurso á livre mobilidade de imaginação e da memoria, em substituição á sensação que prende cada instante e cada perspectiva ao peso morto de uma vizinhança não essencial.

Na linguagem, que seria esse recurso, ou se escravizaria ao arquivado de uma experiencia já passada ou se contentaria com a ambigüidade das palavras para sugerir apenas as relações que quer revelar.

Se fosse literatura, não alcançaria, como pretende, a percepção mesma do que se ignora.

Poderia ser o teatro, se não tivesse que ser arte e alcançar em beleza e poesia proprias a sanção intrínseca de sua aparente marginalidade. Uma multiplicação pela tecnica dos acontecimentos reconstituíveis num palco não chegaria nunca a reduzi-los a elementos de uma composição criadora ou reveladora.

Dispa-se então o aspecto imediato da existencia de tudo que se lhe pode retirar sem prejudicar a sua mensagem de realidade. Guarde-se, apenas, uma visão silenciosa, incolor e sem contacto dela e indague-se se a simplificação é suficiente para, numa seleção e recombinção posteriores, ritmar-se em estrutura que se imponha ao "fluxo de qualquer consciéncia individual". Descubra-se então um meio de superar a simples juxtaposição desses fragmentos e fazer que "se sucedam sem se exteriorizarem", com que alcancem a "penetração mútua" que dá a cada um a "possibilidade de refletir a alma irteira" (9). Cada alma que receber essa obra de arte viverá sem esforço a descoberta que ela lhe traz.

cionais (6). Só não são mais cineastas.
Nem cremos que tenha havido apenas consequencia da invenção do "falado". Pois se esta paralisou o cinema norte-americano durante quase 10 anos, não impediu o progresso do cinema francês nem o aparecimento do cinema inglês.

na fita
na
s2
I. Fee
Max

Figura 4 – Artigo "Introdução ao cinema III" escrito por Plínio Sússekind Rocha e publicado em O Estado de S. Paulo, 24 fev. 1949
Digitalizado do Acervo Plínio Sússekind Rocha

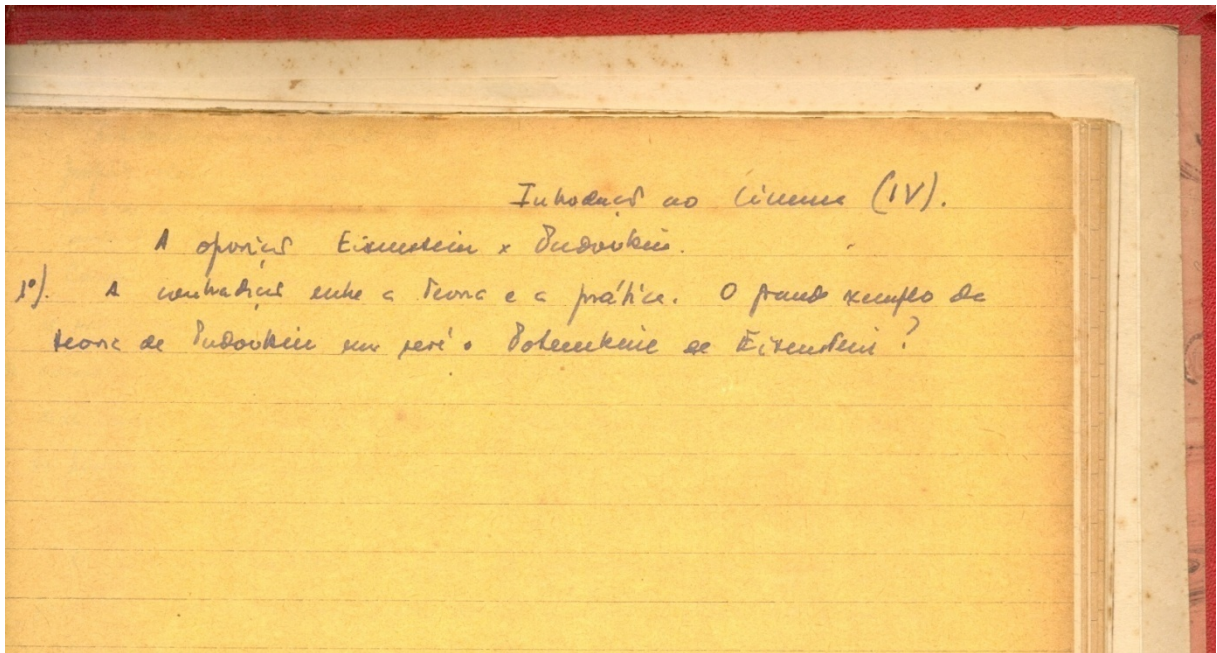


Figura 5 – Trecho de artigo inacabado de “Introdução ao cinema IV” escrito por Plínio Sússekkind Rocha – Manuscrito presumido inédito
Digitalizado do Acervo Plínio Sússekkind Rocha

Outra situação relatada por sua viúva, Myrce, ao nos ajudar na seleção dos documentos do arquivo de Plínio Sússekkind Rocha, doação essa a ser tratada no item 2.2 em Histórico e institucionalização do acervo, é que é possível distinguir nos documentos de Plínio, com letras diferenciadas da sua, o fichamento de diversos textos feitos por alguns de seus ex-alunos, e quase nos vêm à mente a imagem de seus colaboradores redigindo fichamentos para o dileto professor.

Esses são apenas alguns exemplos que nos remetem ao fato de que a informação contida no documento não é necessariamente tão importante quanto o seu uso no âmbito da experiência. Durante a vida, as pessoas criam resíduos documentais, embora nem sempre estejam conscientemente criando documentos de si. (HOBBS, 2016: 324).

É possível verificar no arquivo de Plínio Sússekkind Rocha outros tantos textos de livros e materiais diversos, reproduzidos em fotocópia⁸, meio de reprodução utilizado na época em substituição ao mimeógrafo e anterior à máquina copiadora como conhecemos hoje, as fotocópias encontram-se dispostas na Biblioteca do Instituto de Física em caixas fotográficas, da forma como foram organizadas pelo produtor do fundo. As mídias disponíveis e utilizadas ao longo do contexto de acumulação nos parecem igualmente

⁸ Processo de reprodução rápida de um documento mediante a revelação instantânea de um negativo fotográfico. A fotocopiadora foi criada também por um físico, o norte-americano Chester Carlson em 22 de outubro de 1938.

importantes para entender a relação do produtor com a informação e a geração de conhecimento.



Figura 6 – Caixas fotográficas e fotocópias de materiais diversos acumulados pelo produtor Acervo Plínio Süssekind Rocha

Esse contexto de acumulação nos parece fundamental para delinear as características do produtor.

Adotamos como metodologia a classificação funcional, tomando por base a proposta de Santos (2012), como forma de arranjo dos documentos do APSR. No processo de acumulação do arquivo de Plínio Süssekind Rocha, é possível adotar, fundamentalmente, uma organização funcional, escorada em seus grandes temas de interesse e atuação: Cinema; Ciência; Mecânica/Ensino; Tempo; Espaço; Leibniz; e ainda leituras e textos – alguns comentados –, sobre Filosofia da Ciência e Mecânica. Através da observação do método de organizar seu arquivo pessoal, é possível fazer uma leitura de Plínio Süssekind Rocha, menos centrada em seu perfil biográfico público e mais em seu modo de ser, traduzido pelo seu

perfeccionismo tantas vezes ressaltado, e de forma unânime, por seus ex-alunos em conversas e depoimentos. Perfeccionismo esse que o levou a ser muito mais um leitor voraz e, portanto, acumulador de documentos produzidos por terceiros do que de textos publicados por ele, embora tenha deixado um número grande de comentários e anotações pessoais presentes no arquivo. “Plínio, o perfeccionista, não se dispunha a publicar porque não tinha a resposta para todas as perguntas. Ele era exageradamente crítico”, ressalta em depoimento seu ex-aluno Alexandre Sergio da Rocha (2020)⁹.

Consideramos que esta revisão na forma e com o conteúdo com que foi apresentada, oferece um subsídio básico para o entendimento do assunto, e gera reflexões sobre acervos pessoais, particularmente na abordagem de fundos arquivísticos em bibliotecas, um assunto certamente pouco abordado aqui e que merece ser aprofundado.

Cada uma das considerações ao longo dessa revisão, portanto, foram importantes para o objetivo do trabalho, em particular o trabalho de Heymann (2005b: 44 e 55), que traduz a atuação diversificada de Darcy Ribeiro nas áreas de “educação, antropologia, cultura, meio ambiente e política”, em que é possível perceber o papel de titulares que tiveram múltiplas atividades ou que assumiram diferentes papéis. Podemos relacionar esse estudo com o objeto de pesquisa em questão, o arquivo pessoal de um cientista que também se dedicou a outras ações e empreendeu atividades variadas como fez Plínio Sússekind Rocha.

Plínio explicita a natureza dinâmica de um “criador” e suas muitas funções desempenhadas na sociedade, como estudioso do cinema mudo e cofundador do primeiro cineclubes brasileiro, responsável por pensar o cinema como arte, e que inaugurou a crítica cinematográfica no país; como engenheiro, filósofo e professor humanista do ensino superior, mas também do secundário, e capaz de antever a presença feminina na ciência brasileira, conforme assinalou uma de suas ex-alunas, Elisa Frota Pessoa (2003: 1), uma das primeiras mulheres a se graduar em física no Brasil. Ela afirmou: “Em 1936 comecei a estudar física no 3º ano ginásial da Escola Paulo de Frontin, com Plínio Sússekind Rocha. [...] Ele disse que eu iria para a Universidade do Distrito Federal, UDF, fazer física.”¹⁰ Essa relação mútua entre elementos distintos enriquece o debate sobre uma abordagem arquivística capaz de pensar o produtor do arquivo, seus documentos e suas várias funções.

⁹ ROCHA, Alexandre Sergio da. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha**: questionário [ago. 2020]. Maryland: EUA, 2020.

¹⁰ FROTA-PESSOA, Elisa. Depoimento da professora Elisa Frota Pessoa: durante a comemoração dos 50 anos do CBPF: II Escola de Verão CBPF julho de 1999. **Ciência e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1-3, nov. 2003.

Capítulo 2 – Plínio Sússekind Rocha: aspectos biográficos e história do acervo

2.1 – Uma trajetória entre o ensino e pesquisa em física e o cinema

Plínio Sússekind Rocha foi um personagem importante no meio intelectual e acadêmico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1970. Atuou como professor de física ao longo de quarenta anos, na escola secundária e no ensino superior, tendo colaborado na formação das primeiras gerações de físicos e matemáticos no Rio de Janeiro. Como professor na Faculdade Nacional de Filosofia – Universidade do Brasil, atual UFRJ –, na qual foi catedrático de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática, entre 1942 e 1969, influenciou muitos alunos nas sendas da física e da filosofia da ciência, como Jorge André Swieca, Elisa Frota-Pessoa, Jacques Danon, Sarah de Castro Barbosa, Ennio Candotti e Luiz Pinguelli Rosa. Plínio era também um aficionado pelo cinema, exercendo papel de crítico cinematográfico, criando cineclubes e estimulando alunos, alguns dos quais enveredaram para o cinema, como Joaquim Pedro de Andrade e Saulo Pereira de Mello. Uma ação importante dele para a cultura brasileira foi ter sido o principal responsável pela preservação e recuperação do filme “Limite” (1931) de Mário Peixoto, nas décadas de 1950/60, junto com Saulo, seu discípulo. Em 1969, Plínio foi aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional Nº. 5 (AI-5)¹¹, com quatro colegas físicos da FNF¹², e faleceu três anos depois.

O caso de Plínio Sússekind ilustra um tipo de profissional que é usualmente pouco considerado nos estudos de história da ciência, por não ter tido uma produção científica ampla e destacada, embora tenha dado contribuição relevante tanto para a formação profissional de muitos jovens cientistas, como por ter atuado na fronteira que conecta a cultura e a ciência, neste caso particular entre o cinema e a física. Faremos, a seguir, um apanhado biográfico de Plínio Sússekind Rocha, baseado em depoimentos e textos escritos por ex-alunos ou colegas e em documentos existentes no seu acervo, complementado pela cronologia apresentada no Apêndice A, onde estão colocados aspectos mais específicos de sua atuação.

Filho de um casal de classe média, Plínio nasceu em 1911 no Rio de Janeiro e teve grande parte de sua formação básica no Colégio Zaccaria, um estabelecimento de ensino

¹¹ “O Ato Institucional Número Cinco foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ato_Institucional_n.%C2%BA_5>.

¹² COSTA e Silva aposenta mais 44 servidores com base no AI-5. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1.º Caderno, p. 3, 26 abr. 1969.

tradicional e reputado, localizado no bairro do Catete. Seu pai era o baiano Plínio Justiniano da Rocha (1878-1947), que entrou na Escola Naval em 1895, e que se tornou capitão de fragata na Marinha¹³. Sua mãe, da família Süssekind, conhecida pela presença de vários de seus membros nos meios intelectuais do Rio de Janeiro, era Adèle Elena Frida Süssekind Rocha (1876-1965), filha do industrial Karl Fédor Süssekind (1843-1904), o patriarca da família Süssekind, e de Maria Hasselmann Pinto da Luz Süssekind (1845-1907)¹⁴. Plínio teve um irmão, Oswaldo Süssekind Rocha (1907-1985), e era primo do jurista e político Arnaldo Lopes Süssekind e de Edgard Süssekind de Mendonça e Carlos Süssekind de Mendonça, intelectuais atuantes no Rio, que criaram a Livraria Científica e ajudaram na criação da Rádio Sociedade¹⁵, na década de 1920.

Plínio formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, tendo estudado engenharia civil entre 1930 e 1933, conforme consta dos registros existentes no acervo da Escola Politécnica¹⁶. Ainda estudante, atuava como professor em cursos particulares, conforme registro em sua caderneta de anotações, uma espécie de diário, que cobre o período dos anos 1932 a 1936, com maior número de entradas para 1933. Ali consta que passou a lecionar, ainda como estudante de engenharia, em cursos e escolas do Rio de Janeiro, como a British American School¹⁷.

¹³ REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. v. 64, n. 7-9, p. 1159, 1945.

¹⁴ Disponível em:

<<https://ancestors.familysearch.org/en/LVV4-HH5/ad%C3%A8le-elena-frida-s%C3%BCssekind-1876-1965>>.

Acesso em: 18 jan. 2022.

¹⁵ MENDONÇA, Adriana Süssekind. **A Vida cultural no Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial através do diário do jurista Carlos Süssekind de Mendonça**. Dissertação (Mestrado em Memória Social)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

¹⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Arquivo da Escola Politécnica. **Plínio Süssekind Rocha**: histórico escolar. Maço n. 8, p. 5-14. N. de ordem 3269, p. 11.

¹⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca do Instituto de Física. **Diário de Plínio Süssekind Rocha**: 1932-1937. Acervo Plínio Süssekind Rocha.

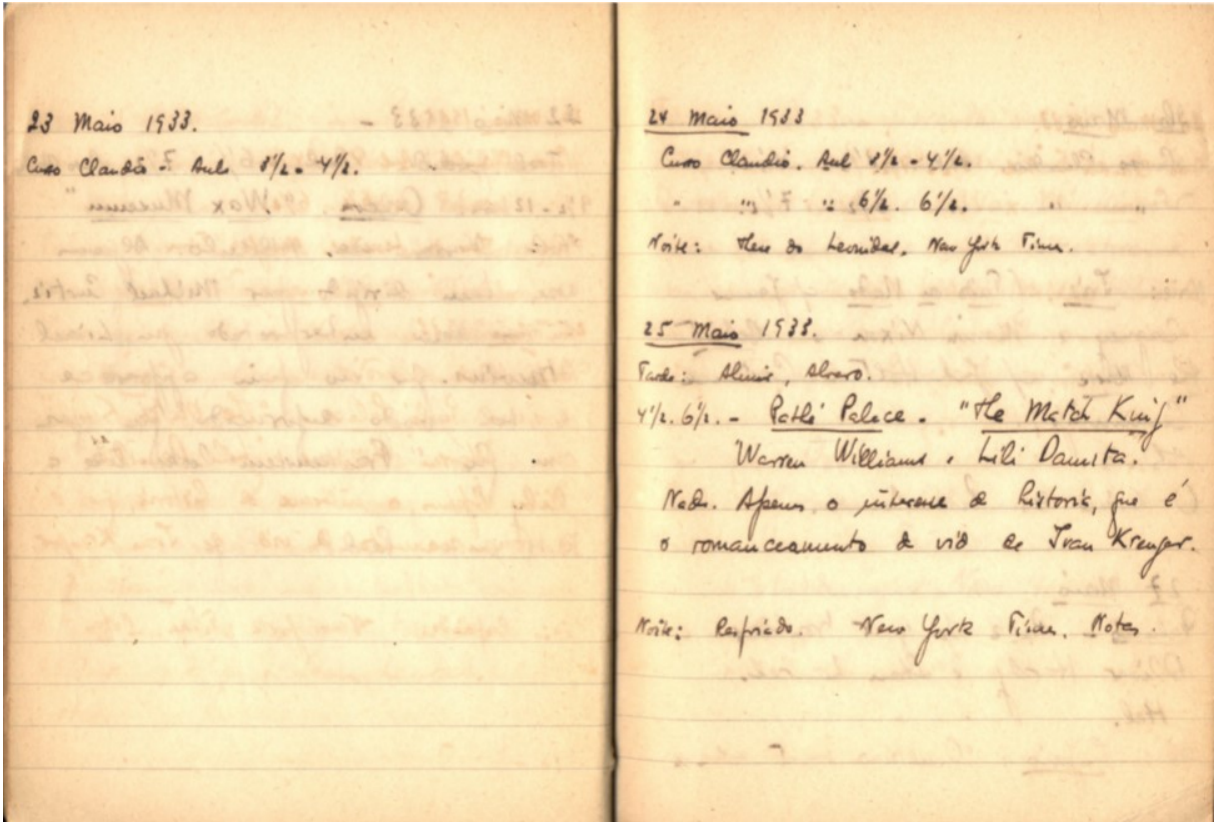


Figura 7 – Páginas do Diário/Caderneta de Anotações de Plínio Digitalizado do Acervo Plínio Sússekind Rocha

Logo depois de formado, em 1935, Plínio foi aprovado como professor de física da prefeitura do então Distrito Federal, e passou a lecionar nas escolas públicas: de Marechal Hermes, a Paulo de Frontin e a Rivadávia Corrêa. Ele se aposentaria em 1967 dessa sua atividade de professor da educação básica¹⁸.

No seu início de carreira na ciência, atuou no Instituto Nacional de Tecnologia (INT), como auxiliar do físico Bernhard Gross, em pesquisas sobre materiais dielétricos tendo redigido com ele três trabalhos científicos entre 1936 e 1937. Gross assim descreveu sua interação com Plínio:

Em meados de 1934 obtive um primeiro colaborador, Plínio Sússekind Rocha, que era também Professor de Física no Instituto Normal e em uma escola da Prefeitura situada em Marechal Hermes, um dos subúrbios da Central. Consegui interessá-lo no trabalho, que estava iniciando, o estudo das propriedades dos dielétricos sólidos. (GROSS, 2000: 269).

¹⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Secretaria do Instituto de Física. **Ficha profissional de Plínio Sússekind Rocha.**

Em outro depoimento, que complementa o anterior, Gross deu mais informações sobre seu encontro com Plínio:

Também em 34, mais ou menos em março ou abril, apareceu o diretor do Instituto com um rapaz de uns vinte dois ou vinte e três anos dizendo que queria trabalhar comigo como assistente. Era o Plínio Süssekind Rocha. Ele era professor de Física numa escola da Prefeitura em Marechal Hermes. Eu nunca fui a Marechal Hermes mas, naquele tempo, ele tinha que ir provavelmente quase todo dia. Não, não sei quantas vezes por semana, para ir a Marechal Hermes naqueles trens da Central que naquele tempo não eram eletrificados, os trens suburbanos. De modo que acho que deve ter sido um esforço grande. [...] Vi logo que ele era extremamente inteligente e, também, com ele tive relações ótimas de colegas e pessoais. (GROSS, 2010: 9).

Um registro interessante deste período, existente no Acervo PSR, é a foto dos participantes da palestra que Enrico Fermi fez na Escola Politécnica, em 1934. Nela, Plínio aparece na última fileira e ladeado por Gross, Álvaro Alberto (este com Fermi à sua frente) e Joaquim da Costa Ribeiro.



Figura 8 – Foto de Enrico Fermi com professores e pesquisadores brasileiros na Escola Politécnica, no dia 30 de agosto de 1934
Digitalizado do Acervo Plínio Süssekind Rocha

No ano seguinte, Gross se tornou professor de física da recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF) e levou Plínio como assistente:

Em janeiro de 1935, fui visitado em casa pelo Professor Roberto Marinho e, com grande surpresa minha, convidado para o cargo de Professor de Física da Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal. [...] Como primeiro assistente tive Plínio Süssekind Rocha que, como mencionado acima, já estava trabalhando comigo no Instituto de Tecnologia. (GROSS, 2000: 270).

Plínio permaneceu com Gross na UDF, onde dava aulas de Filosofia da Ciência, até o seu fechamento pelo governo Vargas. Viajou, então para Paris, em 1938, onde permaneceu até o início da II Guerra Mundial, fazendo cursos de filosofia e história da ciência na Sorbonne com Abel Rey, Édouard Le Roy, René Poirier e outros. Ele se tornaria amigo de René Poirier, a quem convidaria, anos depois, para seminários na FNFi. Em Paris conheceu também Mario Schenberg, que havia deixado a Itália em função da situação política. Eles se tornaram amigos por toda a vida. No APSR há uma foto do encontro dos dois, em 1939 – e Schenberg reconheceu posteriormente a influência de Plínio: “Em 1939 [...] iniciei também meus estudos sobre História do Cinema em Paris, onde conheci Plínio Süssekind Rocha e Paulo Emílio Sales Gomes.”¹⁹ Ao retornar ao Brasil, em 1939, Plínio tornou-se assistente de Gross na Faculdade Nacional de Filosofia e, três anos depois, professor catedrático provisório²⁰.

Como professor, Plínio distinguiu-se particularmente por ser grande formador e incentivador de jovens. Dotado de cultura ampla e visão humanista, estimulou vários jovens, alunos e alunas, tanto no ensino secundário – como ocorreu com Elisa Frota-Pessoa e Neusa Amato, mulheres pioneiras da física no Brasil – quanto na universidade. Em seu depoimento, Elisa Frota-Pessoa, a segunda mulher que se formaria em física no Brasil, afirma que, no curso ginásial, sua maior influência foi o professor Plínio com quem teve aulas de física a partir de 1936, e que muito a incentivou a prosseguir os estudos naquela matéria. Elisa relata:

No Ginásio Paulo de Frontin eu tive uma sorte muito grande: o Plínio Süssekind Rocha foi ensinar física lá. Nós ficamos muito amigos, ele me auxiliou muito, porque ele me dava programa extra, ele não dava somente o

¹⁹ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Centro Mario Schenberg de Documentação de Pesquisa em Arte. **Currículo artístico de Mario Schenberg**. ECA/USP.

²⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Secretaria do Instituto de Física. **Ficha profissional de Plínio Süssekind Rocha**.

que tinha no meu currículo; ele dava outras coisas para eu ir estudando e acompanhava muito. (FROTA-PESSOA, 1988).

Neusa Amato não teve estímulo familiar para seguir sua vocação científica. Ao saber que sua aluna não pretendia continuar seus estudos, pois necessitava trabalhar, Plínio a incentivou, deu aulas particulares gratuitas e a convenceu a fazer vestibular para o curso de física na FNFi²¹. Ela se tornou a quarta mulher a concluir o curso de física no Rio de Janeiro.

Na Faculdade Nacional de Filosofia, onde ingressou em 1939, Plínio era ligado ao Departamento de Física e se tornou, em 1942, professor catedrático (provisório) de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática. Entre os estudantes que influenciou fortemente mencione-se um dos grandes expoentes da física teórica no Brasil, Jorge André Swieca, que deixou um depoimento tocante sobre seu relacionamento com Plínio²². Professor de disciplinas de mecânica clássica para os estudantes da FNFi, como Mecânica Analítica e Hidrodinâmica, para os quais produziu algumas apostilas de curso, Plínio teve também, como um dos mais caros objetos de estudo a história e a filosofia da ciência. Influenciou fortemente muitos alunos na FNFi, como Elisa Frota-Pessoa, Jorge André Swieca, Neusa Amato, Sarah de Castro Barbosa, Carmen Lys Ribeiro Braga, Jacques Danon, Iris de Castro Reis, Leda Lacerda, Paulo Leal Ferreira, Luciano Videira, Alexandre Sergio da Rocha, Nicim Zagury, Fernando Simão, Marco Antonio Sperb Leite e Luiz Pinguelli Rosa²³.

²¹ SAITOVITCH, E. M. B.; FUNCHAL, R. Z.; BARBOSA, M. C. B.; PINHO, S. T. R. de; SANTANA, A. E. de (Org.). **Mulheres na física: casos históricos, panorama e perspectivas**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. p. 156.

²² VIDEIRA, Antonio Luciano. A Obra de Jorge André Swieca e seu papel na física brasileira. **Ciência e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 005, 1985.

²³ CANDOTTI, Ennio. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha: questionário** [ago. 2020]. Manaus, 2020.

LEITE, Marco Antônio Sperb. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha: questionário** [ago. 2020]. Goiânia, 2020.

ROCHA, Alexandre Sergio da. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha: questionário** [ago. 2020]. Maryland: EUA, 2020.

ROSA, Luiz Pinguelli. **Plínio Sússekind Rocha: depoimento** [fev. 2017]. Entrevistadores: B. Nóbrega e I. Moreira. Rio de Janeiro: COPPE, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Dossiê Plínio Sússekind Rocha da Biblioteca do IF/UFRJ.

ZAGURY, Nicim. **Plínio Sússekind Rocha: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: B. Nóbrega e I. Moreira. Rio de Janeiro: Instituto de Física/UFRJ, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Dossiê Plínio Sússekind Rocha da Biblioteca do IF/UFRJ.

Sua tese para se tornar professor catedrático, *A Mecânica de d'Alembert*, foi defendida em 1962²⁴. Em portaria do dia 28/06/1968, foi declarado Professor Catedrático estável no cargo que ocupava interinamente desde 1942²⁵.

Videira e Swieca descrevem a atuação docente de Plínio em seus cursos da física:

Assistir a um curso dado pelo Plínio envolvia sempre um clima de desafio. O seu famoso curso de Mecânica Analítica da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, quando esta funcionava no que havia sido o prédio da Casa da Itália, no Castelo, constituía-se em um dos pontos máximos dos estudantes que pretendiam formar-se em Física ou Matemática: altamente estimulante para alguns, enormemente apavorante para muitos. Mas sempre desafiante! Plínio Rocha, como professor, exigia que os seus alunos fossem verdadeiramente universitários e que lhe apresentassem, a ele e a si próprios, as qualidades mínimas necessárias para uma carreira no Ensino e na Pesquisa da Física e da Matemática. Mais do que qualquer outro mestre, fazia-nos ele ver as nossas deficiências e insuficiências, apontando, ao mesmo tempo, com precisão, aqueles poucos que poderiam vir a distinguir-se nas árduas carreiras escolhidas. (SWIECA; VIDEIRA, 2013: 5-7).

Plínio era fascinado pela questão do tempo, que conectava suas dimensões de estudioso da física, da filosofia e do cinema, e pretendeu escrever um livro sobre o tema, como mostram cartas trocadas entre ele e os filósofos Erwin Bieser e Adolf Grünbaum, em 1956, existentes no APSR. Interagiu com intelectuais importantes, como Jean Paul Sartre, quando este visitou o Rio de Janeiro, entre agosto e outubro de 1960; e integrou excursão que alguns professores da FNFfi fizeram com o filósofo francês²⁶.

Em 1964 Plínio deu aulas de história da ciência na USP, convidado por Schenberg, em um curso seguido pelos então estudantes de física Ennio Candotti, que ficou seu amigo, e Roberto Vergara Caffarelli, que se tornou depois, na Itália, um importante professor e historiador da física. Schenberg fez um depoimento sobre esta atuação, destacando sua amizade com Plínio e o fato de que ele deu um curso na USP sobre Filosofia e História da Ciência a seu convite. Afirmou que Plínio teve uma grande influência didática na Faculdade

²⁴ ROCHA, Plínio Sússekind. *A Mecânica de d'Alembert. Tese de Concurso à cadeira de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1962, 41 f., il.; 30 cm. [Biblioteca do IF/UFRJ].

Veja-se também o comentário de Luiz Pinguelli Rosa sobre a tese de Plínio em: NUSSENZVEIG, H. M.; CARNEIRO, F. L.; ROSA, L. P. *300 anos dos Principia de Newton*. Rio de Janeiro: Coppe, 1988. p. 71-81.

²⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Secretaria do Instituto de Física. **Ficha profissional de Plínio Sússekind Rocha**.

²⁶ Conforme fotografias existentes no APSR, identificadas por Myrce da Costa Gomes.

Nacional de Filosofia e chegou a ser diretor do departamento de Física²⁷. O físico Jacques Danon destacou, em sua formação na FNFi, a filosofia da ciência e o papel de Plínio:

a influência da filosofia foi marcante na minha formação. Homens como Álvaro Vieira Pinto, como o Padre Benito, como o professor de mecânica Plínio Sússekind Rocha, hoje falecido. Nós tínhamos um grupo muito ligado à Faculdade de Filosofia e realizávamos um seminário de Filosofia, isso nos anos 44/45/46. (DANON, 2010: 9-10).

Um depoimento de José Leite Lopes agrega mais informações sobre a física brasileira naquele contexto e dá conta da posição de Plínio, seu colega na FNFi, que era contrário à criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) como uma instituição de pesquisa não ligada à universidade:

No Rio de Janeiro, então, eu chegava em 46 para assumir a cátedra. O que havia no Rio de Janeiro? [...] Havia um professor de Física-Matemática e Mecânica, que era o professor Plínio Rocha, uma figura muito interessante. [...] Ele tinha estudado em Paris e tinha um grande espírito de crítico e de filósofo da ciência. Era, sobretudo, um filósofo da ciência. [...] Isso era a Faculdade Nacional de Filosofia, onde havia as cadeiras de Matemática, de Análise, de Geometria, de Mecânica Racional, Clássica, Celeste e Física-Matemática que era ocupada pelo professor Plínio Rocha, muito amigo do Bernard Gross; o Plínio Rocha, por quem tenho um grande respeito, reverencio a sua memória, tinha uma divergência muito grande em relação a nós, pelo fato de termos criado o Centro [CBPF]. (LOPES, 2010: 27 e 102).

Esta oposição de Plínio à criação do CBPF é referida também pela historiadora Ana Maria Ribeiro de Andrade: “Plínio Sussekind da Rocha, [...] era cético com relação ao centro de pesquisa. Sempre fez oposição, afirmando que não se deveria despender tanto esforço fora da Universidade do Brasil onde a pesquisa, da mesma maneira, não teria sucesso”. (ANDRADE, 1998: 86).

Sarah de Castro Barbosa, uma das mulheres pioneiras da física no Brasil, escreveu sobre seu mestre na FNFi, ressaltando sua relação com intelectuais ligados a literatura e ao cinema. Sarah destacou que Plínio tinha muitos amigos na intelectualidade brasileira, como Paulo Emílio Sales Gomes, Otávio de Faria, Mário Peixoto, Paulo Carneiro, Almir de Castro, Vinícius de Moraes e que, com alguns desses e mais uns poucos, tinha fundado o Chaplin Club em 1928, dedicado ao cinema puro, que deveria ser de preferência mudo. Ela observou

²⁷ SCHENBERG, Mario. **Mario Schenberg**: depoimento [1978]. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. p. 52.

que cada membro do clube tinha um retrato com dedicatória do próprio Charles Chaplin. (BARBOSA, 2015).

Pinguelli Rosa destacou, além da motivação para a física clássica e filosofia da ciência instigada por Plínio em seus alunos, a sua atitude permanente de conduzi-los às sendas do cinema:

O Plínio tornou-se, além de nosso professor, o nosso guru na física. Foi meu primeiro guru [...]. Era, além de um físico matemático, um intelectual, estudioso de lógica e filosofia da ciência, boêmio, que criticava a teoria quântica e gostava da teoria da relatividade geral. Apaixonado pelo cinema, tinha uma cópia do filme de Mário Peixoto “Limite” em acetato. (ROSA, 2021).

Ao lado de sua atuação docente, Plínio destacou-se por uma contribuição significativa à crítica cinematográfica em seus primórdios no Brasil. Foi um dos criadores do Chaplin Club, ainda como estudante secundarista, e colaborador assíduo de *O Fan*, o periódico oficial do clube, publicado entre 1928-1930. Seus colegas nessa criação foram Octavio de Faria, Amílcar de Castro e Claudio Mello. Na revista *O Fan* Plínio publicou seis comentários sobre cinema, e envolveu-se, no final, em uma polêmica com seus colegas de clube, particularmente com Octavio de Faria. Trata-se de uma publicação pioneira e criativa de crítica cinematográfica concebida por autores, ainda muito jovens, que compartilhavam seu fascínio por Charles Chaplin e defendiam o cinema mudo e os valores estéticos na arte cinematográfica.



Figura 9 – Capa do primeiro número de *O Fan*, 1928
Digitalizado do Acervo Plínio Sússekind Rocha

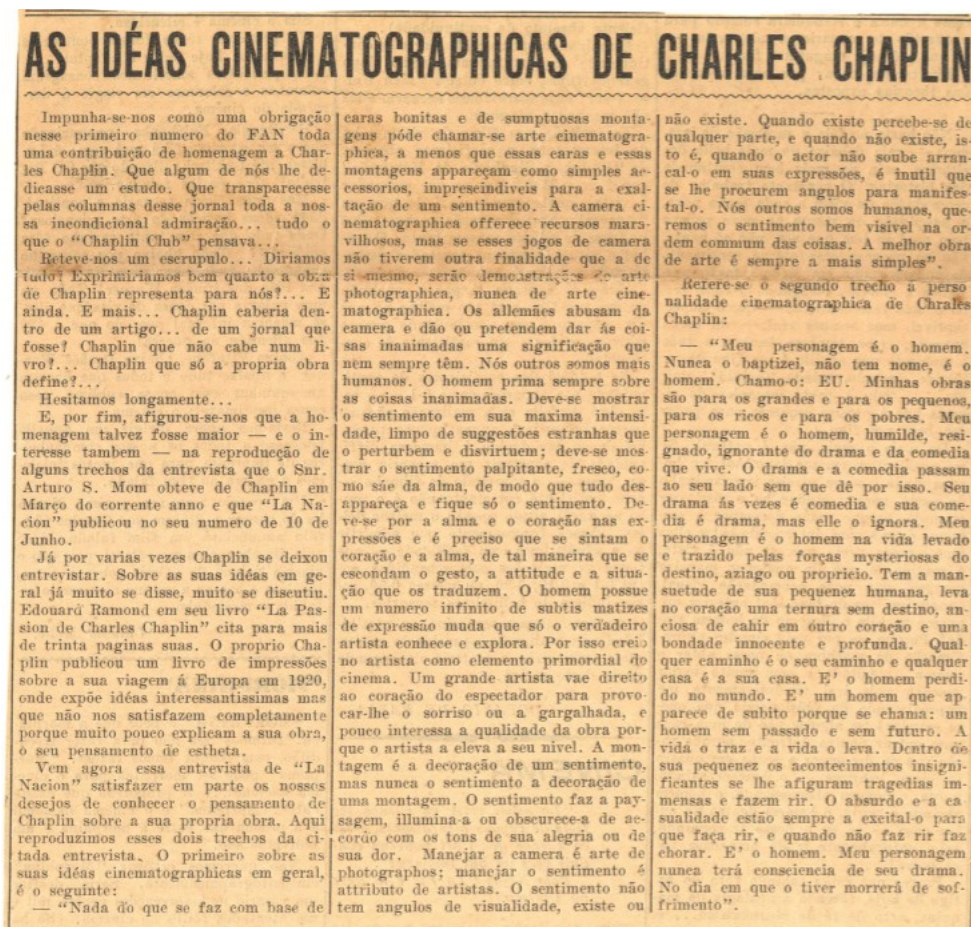


Figura 10 – Editorial de capa do primeiro número de *O Fan*, 1928
Digitalizado do Acervo Plínio Sússekind Rocha

Fabrcio dos Santos (2012), em sua dissertaço de mestrado, faz uma anlise sobre o Chaplin Club afirmando que as ideias desse movimento precursor “seriam ainda apreciadas e discutidas por diversas personalidades que iriam se dedicar à crtica e à realizao cinematogrfica em momentos posteriores à existncia do cineclube.” (SANTOS, 2012: 171).

Uma prova disso foi o Clube de Cinema de So Paulo, criado por Paulo Emlio em 1940, com o intuito de dar prosseguimento ao Chaplin Club. Tudo isso culminou no surgimento da Fundao Cinemateca Brasileira (FCB), que entre outras figuras de destaque no cenrio cultural brasileiro da poca, teve Plnio Sssekind Rocha como um dos integrantes do seu primeiro conselho consultivo. (SOUZA, 2009).

Paulo Emlio Sales Gomes discorreu sobre a influncia de Plnio sobre ele destacando que seu interesse pelo cinema nasceu vendo filmes antigos, histricos na Europa. Seu mestre foi Plnio, que o levou ao Clube de Cinema de Paris, onde viu filmes, como os expressionistas alemes e os clssicos russos. Segundo Paulo Emlio, Plnio foi quem despertou seu interesse pela esttica do cinema mudo²⁸ e destacou, ainda, a importncia de Plnio para o cinema brasileiro:

Como sobre tudo o mais, Plnio escreveu pouqussimo sobre cinema, ou melhor, escreveu durante um curtssimo espao de tempo, pois o adolescente de dezesseis anos comeou a faz-lo com impetuosa abundncia. Eram textos lidos nas reunies do Chaplin Club e, em seguida, publicados em pginas inteiras do jornal *O Fan*, em 1928. [...] Esses escritos tm enorme interesse para o estudioso das ideias cinematogrficas no Brasil. So muito bem redigidos, possuem informao francesa e americana, estando ainda cheios de humor e de pensamento original. [...] É de pasmar que tenham sido escritos por um mocinho brasileiro do fim da dcada de vinte. Plnio vai certamente intrigar muito o historiador das ideias cinematogrficas no Brasil. Eu no conheo outro caso, no mundo cinematogrfico, de tamanha precocidade crtica. (GOMES, 1972: 6-7).

Já como professor na Faculdade Nacional de Filosofia, nos anos 1950, as reflexes cinematogrficas de Plnio atrairiam alunos como o futuro cineasta Joaquim Pedro de Andrade e Saulo Pereira de Mello, que, alm de ter participado do primeiro processo de restaurao de “Limite”, foi um dos mais dedicados estudiosos da obra de Mario Peixoto no Brasil.

Plnio escreveu diversos artigos sobre cinema, publicados em jornais e revistas, em especial “Introduo ao Cinema”, publicado em trs partes na *Revista Filme*, editada em 1947 por Vinrcius de Moraes, e que foram depois reproduzidas no *Estado de S. Paulo*. Seu

²⁸ MENDES, Adilson. **Paulo Emlio Sales Gomes**. So Paulo: Editora Azougue, 2013. p. 204.

interesse pelo cinema o havia levado também a criar cineclubes na Faculdade Nacional de Filosofia, entre os anos 1940 e 1960, e a exhibir ali filmes, debatê-los com seus alunos e estimular alguns deles a se voltarem para esta área. Concedeu entrevista sobre “Limite” para revista francesa, *L'Âge Du Cinéma*, “Un Chef d’oeuvre inconnu – Limite”, que foi reproduzida em português no *Diário Carioca*²⁹.

Uma grande batalha de Plínio, muito importante para a cultura brasileira e que durou quase duas décadas, foi a preservação e recuperação do clássico filme “Limite”, de Mario Peixoto. Este havia repassado para Plínio, em 1959, a única cópia integral do filme, por ser seu amigo e uma das raras pessoas em quem confiava. Plínio, secundado por seu discípulo Saulo Pereira de Mello, se empenhou fortemente pela recuperação da cópia, que guardava ciosamente no cineclubes da FNFfi. A recuperação final do filme só se completaria em 1975, três anos após o falecimento de Plínio³⁰. A atuação obstinada de Plínio e Saulo conduziu à restauração de “Limite”, que foi considerado, em fins de 2015, “o melhor filme brasileiro de todos os tempos”, pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine)³¹. Sales Gomes destacou o fascínio e a atuação militante de Plínio pelo cinema e por “Limite”:

Durante toda a vida, Plínio não cessou de ver filmes e de falar sobre cinema, de forma empenhada, militante. Segundo ele o cinema era, ou fora, ou poderia ter sido, algo que transcendia a própria noção corrente de arte e este sentimento já aponta nos escritos da adolescência: o cinema é o sublime. Este sublime ele o encontrava encarnado notadamente em Chaplin e num filme brasileiro, Limite, de Mario Peixoto. Envolvente, obstinado e persuasivo, Plínio procurava conquistar para os valores do cinema silencioso os amigos, as namoradas e os alunos. E isso dez, vinte ou trinta anos depois do filme falado estar implantado no século! Independentemente do resultado final, a catequese suscitava em seus interlocutores reflexões novas e não apenas sobre cinema. (GOMES, 1972: 7).

Apesar de não ter engajamento político-partidário e nem ser um intelectual de esquerda, como eram diversos de seus colegas de trabalho e amigos, Plínio pagou um alto preço diante da repressão da ditadura militar. Foi preso em junho de 1966, por agentes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar) que também arrombaram os laboratórios de

²⁹ O FILME “Limite” de Mario Peixoto: uma entrevista com o Professor Plínio Sussekind Rocha. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 3, 19 abr. 1953.

³⁰ MELLO, Saulo Pereira de. Missão cumprida. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 35, 26 maio 1978.

³¹ DIB, André. Abraccine organiza ranking dos 100 melhores filmes brasileiros. **ABRACCINE**, 27 nov. 2015. Disponível em: <<https://abraccine.org/2015/11/27/abraccine-organiza-ranking-dos-100-melhores-filmes-brasileiros/>>. Acesso em: 23 maio 2021.

física e química da FNFi, com a autorização de seu diretor. Embora tenha sido solto dois dias depois, a acusação, nunca oficialmente confirmada, mas registrada em vários depoimentos de ex-alunos e colegas foi o uso da cópia do filme “O Encouraçado Potemkin”, que tinha na FNFi, e exibiu na famosa assembléia dos marinheiros, que aconteceu pouco antes do golpe militar de 1964.

Plínio atribuía as perseguições políticas que sofria à ação de seu inimigo Eremildo Vianna³², professor e por muitos anos diretor da FNFi, além de notório colaborador da ditadura militar. Em 28 de abril de 1969, com base no AI-5, foram aposentados compulsoriamente 41 professores das universidades brasileiras. Entre eles, os físicos Mario Schenberg, Elisa Esther Frota-Pessoa, Jayme Tiomno, José Leite Lopes, Plínio Sússekind Rocha, Sarah de Castro Barbosa, pertencentes ao Instituto de Física da UFRJ³³. O Boletim da Sociedade Brasileira de Física registrou, em novembro de 1969, os protestos internacionais contra as aposentadorias dos físicos brasileiros com manifestações de cerca de dez cientistas premiados com o Nobel, carta da Société Française de Physique e notícias das revistas *Nature* e *Physics Today*³⁴. Mas isso não demoveu as autoridades e eles foram excluídos da universidade.

Plínio faleceu três anos depois de sua aposentadoria compulsória. Em situação difícil financeira e emocional, após ser atingido pelo AI-5, recebeu apoio de vários colegas no Brasil e de pesquisadores no exterior, como Laurent Schwartz na França e Bruno Vitale na Itália, que lhe ofereceram postos de trabalho fora do Brasil. No entanto, já com sua saúde abalada e profundamente desgostoso com sua exclusão política da universidade, Plínio preferiu ficar no Brasil. Um dos grandes matemáticos do século XX, ganhador da Medalha Fields em 1950, Laurent Schwartz era amigo pessoal de Plínio e enviou uma carta para a viúva Myrce, em 25 de novembro de 1972, na qual registra seu sentimento.

³² ROSA, Luiz Pinguelli. **Plínio Sússekind Rocha**: meu primeiro guru na física: depoimento [2021].

³³ DIÁRIO Oficial da União, p. 3.598, 28 abr. 1969.

³⁴ MOREIRA, Ildeu de Castro. A Ciência, a ditadura e os físicos. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 4, p. 50, out./dez, 2014.

ÉCOLE POLYTECHNIQUE
CENTRE DE MATHÉMATIQUES

17, RUE DESCARTES - PARIS V
Téléphone : MÉDICI 11-77
(633)

Le 25 novembre 1972

Chère Madame,

Vous m'apprenez une nouvelle qui me rend infiniment triste! J'ai connu Plínio en 1952, et j'ai habité 3 mois chez lui; ce fut le début d'une longue amitié. Il m'était infiniment sympathique, et j'ai souvent pensé à lui. Je l'ai revu en 1958, lors d'un passage à Rio avec ma famille. J'ai espéré qu'il pourrait venir en France il y a 2 ans, mais j'ai compris qu'il était déjà malade. Il était d'une délicate sensibilité, très intelligent, très bon, très attaché au Brésil. Et malheureusement toujours d'une santé fragile; Et voilà, c'est maintenant fini, alors qu'il était encore si jeune. Je ne l'oublierai pas, et je comprends votre souffrance et votre solitude; la vie est dure, et des êtres sensibles comme Plínio en souffrent encore plus que d'autres.

Je vous envoie tous mes sentiments de chaude sympathie dans votre épreuve.

Laurent Schwartz

Laurent SCHWARTZ, 37, Rue Pierre Nicole, Paris, 5ème

Figura 11 – Carta de condolências de Laurent Schwartz Digitalizado do Acervo Plínio Sússekind Rocha

Embora não tenha deixado uma obra publicada quantitativamente significativa, possivelmente em função do agudo espírito crítico que aplicava em si próprio, Plínio Sússekind Rocha deu uma contribuição profícua tanto para a formação interdisciplinar de jovens como para a cultura do país, em particular com sua atuação decisiva para a preservação de “Limite”. Nas suas atividades como docente da FNF*i*, o cinema sempre fez parte intrínseca de sua ação pedagógica. Vale ressaltar a importância desse aspecto de Plínio, especialmente nos tempos atuais em que se privilegia a superespecialização em detrimento de uma educação mais humanista e diversificada.

Pela contribuição de Plínio ao ensino de física e por ter iniciado a Biblioteca do IF/UFRJ, foi deliberado pela Congregação do IF/UFRJ, no dia 22 de dezembro de 1981, que ele seria o patrono da biblioteca da instituição. Tal medida encontra justificativa em textos como o de Elisa: “[...] não se obtinham revistas com facilidade – foi o Plínio que começou a montar uma biblioteca de Física em 1944. Ele pegava os livros dele e guardava lá para quem

quisesse consultar. Hoje a biblioteca, creio eu, tem seu nome – e se não tiver, deveria ter!”³⁵ Isto justifica o interesse da Biblioteca do IF/UFRJ na preservação do Acervo Plínio Sússekind Rocha, seu Patrono.

2.2 – Histórico e institucionalização do acervo

Desde a sua morte, em 1972, documentos e livros acumulados e guardados por Plínio Sússekind Rocha ficaram sob a responsabilidade da viúva, Myrce da Costa Gomes. A parte referente à física, filosofia e história da ciência e outras atividades dele constitui agora o Acervo Plínio Sússekind Rocha (APSR), composto de um conjunto documental e bibliográfico depositado na Biblioteca do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IF/UFRJ), que leva o seu nome.

Como já foi relatado, a primeira ação que levou à constituição do APSR ocorreu quando fui entrevistar, em junho de 2017, Myrce da Costa Gomes em busca de informações sobre PSR no sentido de se produzir um dossiê de sua trajetória acadêmica. Naquela ocasião, após uma longa e simpática conversa, da qual participou também o professor Ildeu de Castro Moreira, do IF/UFRJ, Myrce manifestou o desejo de doar à Biblioteca do IF algumas pastas com anotações de Plínio sobre física e filosofia da ciência, além de nos permitir a cópia de um álbum familiar de fotografias e recortes de jornais.

Acertou-se que Myrce decidiria sobre o material a ser doado para o IF/UFRJ, uma vez que ela já tinha decidido também encaminhar o material referente a cinema para o seu amigo Saulo Pereira de Mello, ex-aluno de Plínio, e responsável pelo Arquivo Mário Peixoto³⁶. Os livros e documentos de PSR estavam guardados em apartamento de propriedade de Myrce na Rua Paissandu, no Flamengo. Uma análise preliminar do material a ser encaminhado ao IF/UFRJ seria feita ali por mim e pelo professor Ildeu; isto ocorreu aproximadamente uma semana depois. As pastas com manuscritos estavam dispersas em armários com prateleiras, e o transporte do acervo documental foi realizado no mesmo mês de junho de 2017. Nessa ocasião não foi possível selecionar o acervo bibliográfico, constituído de aproximadamente

³⁵ BORBA, Maria. Elisa Frota-Pessoa, suas pesquisas com emulsões nucleares e a física no Brasil. *Cosmos Contexto*, 14 out. 2012.

³⁶ Arquivo Mário Peixoto: fundado em 1996 por Walter Salles, o arquivo é gerenciado por Ayla e Saulo Pereira de Mello (falecido em 2020). Abrange, entre outros, um imenso volume de livros, roteiros, correspondências, fitas de áudio e vídeo, bem como material fotográfico. O arquivo é aberto a pesquisadores, estudantes e aos demais interessados em conhecer a vida e obra de Mário.

um milhar de livros, pois não houve tempo. Ficou a cargo de Myrce definir uma futura visita para avaliação e seleção dos livros, de acordo com suas condições de saúde.

Este período se estendeu e três anos após a doação do acervo documental, em 19 de junho de 2020, em resposta a novo contato de Myrce, realizei uma seleção dos livros e revistas de física, história e filosofia da ciência. No mesmo ensejo, e também em um momento anterior a esse, Hernani Heffner (Conservador-chefe da Cinemateca do Museu de Arte Moderna – MAM) esteve presente, convidado por Myrce, com o objetivo de escolher o material sobre cinema para a Cinemateca do MAM, uma vez que Saulo Pereira já havia falecido. Hernani ajudou no processo ao selecionar também alguns livros de possível interesse para a Biblioteca de Física. O material sobre cinema, recolhido pela Cinemateca do MAM está ainda por ser analisado e classificado. O acervo bibliográfico destinado à Biblioteca de Física foi encaminhado ao IF/UFRJ em treze caixas, em transporte da Cinemateca, no dia 26 de junho de 2020. Em 26 de outubro de 2020, a Biblioteca de Física foi novamente contatada por Myrce sobre a possibilidade de recolher um material documental e bibliográfico remanescente ainda existente no apartamento. O transporte foi realizado, nessa mesma data, por mim.



Figura 12 – Livros recebidos pela Biblioteca de Física
Foto de Hernani Heffner

O acervo doado, e que se encontra depositado na Biblioteca do IF/UFRJ, conta com 666 livros, 308 revistas científicas diversas e cerca de 5.400 documentos, divididos entre anotações pessoais, apostilas de cursos, cartas, fotos, recortes, reprints de artigos etc. Contudo, trata-se de uma estimativa ainda imprecisa, pois não foi realizado o inventário detalhado do acervo.

Vale destacar que o álbum de fotos e uma pasta de recortes de jornais foram emprestados por Myrce, no primeiro encontro com ela, para que fossem digitalizados e posteriormente devolvidos a ela, por tratar-se de uma recordação importante para a mesma. Após negociação posterior, no entanto, acordamos que os originais ficariam no APSR, e providenciaríamos uma reprodução desse material para a doadora. Dessa forma, as cópias foram feitas e entregues sem prejuízo para nenhuma das partes envolvidas, isto é, preservando a originalidade do acervo e resguardando a memória afetiva da viúva.

Cabe ressaltar, ainda, que os acervos pessoais, não raro, sofrem com a “subjetividade e intencionalidade” (NEDEL, 2014: 136 apud COSTA, 2019: 11) de seus depositários, e também de seus custodiadores, especialmente, quando se trata de um fundo cujo titular teve um campo de atuação diversificado, como é o caso de Plínio, professor, físico, filósofo, apreciador e crítico de cinema. Embora diversos documentos e livros que versam sobre cinema tenham sido divididos entre o Arquivo Mário Peixoto (levados anteriormente por Saulo Pereira de Mello) e a Cinemateca do MAM, a maior parte de seu conjunto documental foi direcionada para a Biblioteca do IF/UFRJ, e apesar da fragmentação, a documentação preservada na UFRJ ainda é representativa. Ou seja, o acervo “original” foi fracionado, se dividiu em parcelas por decisão de Myrce, também de forma a atender interesses e possibilidades de pessoas e instituições. Dessa forma, a dispersão não resultou fundamentalmente da ação dos agentes institucionais mas foi uma decisão da detentora dos documentos e livros. Esta certamente não é a situação mais adequada para a constituição de um acervo que reflita a integralidade de um indivíduo com uma diversidade de interesses e atividades como Plínio. No entanto, foi o que ocorreu. Em função disto, é desejável que as informações destes conjuntos, agora dispersos em instituições diferentes, sejam sistematizadas e reunidas mais adiante de modo a facilitar o trabalho de pesquisadores porventura interessados em estudar o personagem e sua obra, assim como seu contexto e sua época.

2.2.1 – Síntese do acervo

Livros do Acervo Plínio Sússekind Rocha

Como já mencionado, os livros da antiga biblioteca de Plínio Sússekind Rocha foram doados por sua viúva, Myrce da Costa Gomes, em 2020, para a Biblioteca do Instituto de Física da UFRJ. Da biblioteca original foram separados os livros que se referiam a temas de interesse desta biblioteca nos assuntos Física, Matemática, História da Ciência, Filosofia da Ciência, Filosofia e outros. Um conjunto de livros relativos ao cinema e à arte, que faziam parte da biblioteca original de PSR, foi doado para a Cinemateca do MAM. A seleção dos livros a serem encaminhados para a Biblioteca do IF/UFRJ foi feita por mim e teve também a colaboração de Hernani Heffner, que na ocasião separava os livros para a Cinemateca do MAM.

Os livros, sob a guarda da Biblioteca do IF/UFRJ, foram separados preliminarmente em algumas categorias gerais para se ter uma ideia mais clara do conteúdo deste acervo e para preparar a sua futura incorporação ao acervo de livros da biblioteca. Porém, não se perderá a referência. Os livros serão distinguidos com a indicação de pertencerem ao acervo do Plínio, mas estarão disponíveis para os usuários da biblioteca (com exceção dos julgados raros que não poderão ser emprestados). Diversos livros continham entre suas páginas recibos de compra, recortes de quadrinhos de jornais, resenhas de livro recortadas de revistas científicas e eventualmente alguma carta. Os documentos dentro dos livros foram separados e considerados parte do acervo documental. Se ficassem dentro dos livros se perderiam com o tempo e não poderiam ser pesquisados por interessados. Muitos livros têm em suas primeiras páginas a assinatura de PSR e uma parte deles estão datados. Algumas dezenas de livros em francês estão com a data de 1939, ano em que Plínio Sússekind esteve na França por um período mais extenso seguindo cursos na Sorbonne. Quarenta e cinco livros foram separados para análise posterior mais detalhada, na categoria Coleção Especial, porque são livros com anotações especiais, como exemplares doados a Plínio pelo autor e autografados, ou com anotações extensas de Plínio em seu interior ou particularmente raros (como as primeiras edições de livros de Einstein na França).

Entre os livros de física, matemática, história da ciência e filosofia da ciência, a maioria deles em francês, se encontram muitos textos clássicos de autores consagrados como Einstein, Born, Planck, Max von Laue, Eddington, Maxwell, Hertz, Newton, Galileu, Courant, Volterra, Poincaré, Bertrand Russell, Ernest Mach, Carnap, Bachelard, Reichenbach,

Popper e outros. Os livros de física e matemática se referem, em sua maioria a temas de mecânica, hidrodinâmica, mecânica celeste, eletromagnetismo, física moderna, análise, teoria dos números, probabilidade e lógica matemática, áreas nas quais Plínio lecionou na UDF e na FNFi ou pelas quais se interessava particularmente. O grande interesse de Plínio no problema do tempo, sobre o qual pretendeu escrever um livro, se traduziu em um número relativamente grande de livros sobre este tema, cerca de seis dezenas, escritos entre 1900 e 1970, e que constituem um conjunto bibliográfico relevante sobre o assunto. Note-se que, entre os documentos de Plínio existem também muitos reprints e artigos de revistas relativos ao tema do tempo, bem como algumas cartas que trocou com pesquisadores também estudiosos do tema, como Edwin Bieser e Adolf Grünbaum.

Segue, na tabela abaixo, uma relação dos 666 livros do acervo PSR, agora sob a responsabilidade da Biblioteca do IF/UFRJ, classificados nas categorias gerais escolhidas.

Acervo de Livros – PSR		
Categoria	Número de livros	Observações
Filosofia e Filosofia da Ciência	248	Um conjunto primoroso e diversificado de livros de filosofia da ciência e filosofia que abarcam alguns autores clássicos antigos, com a maioria dos textos em francês e do período 1920-1970.
Física	140	Muitos livros clássicos da física e, ainda, livros-texto consagrados no ensino superior em física. A maior parte em francês, mas muitos livros em inglês.
Matemática	76	Alguns livros de autores clássicos de matemática, em particular em análise, geometria, teoria dos números e lógica matemática. A maioria em francês.
Livros sobre o tema do Tempo	62	Um importante conjunto de livros sobre o tema do Tempo, escritos entre 1900 e 1970, por físicos, matemáticos, filósofos, historiadores, psicólogos, biólogos, ..., em geral de origem francesa, alemã, inglesa ou norte-americana.
Coleção Especial	45	Livros com anotações especiais: doados pelo autor e autografados, com anotações extensas de Plínio

		ou livros raros, que serão analisados mais cuidadosamente a posteriori de acordo com os critérios para tal da Biblioteca do IF/UFRJ.
Literatura e outros assuntos	35	Livros de literatura clássicos (francês, inglês ou português) e de temas variados como sociologia, história, economia.
História da Ciência	29	A maioria dos livros em francês e diversos deles com marcas e anotações que possivelmente refletem o interesse de Plínio e suas aulas sobre o tema.
Livros didáticos do Ensino Médio	11	A maior parte em português, mas alguns em francês.
Divulgação Científica	18	Há três livros, em português, escritos pelo cientista e divulgador da ciência no Brasil, Rômulo Argentièrre. Alguns dos livros do conjunto são em francês ou inglês.
Total:	666 obras	

Periódicos do Acervo Plínio Sússekind Rocha

No APSR existem cerca de 308 periódicos sendo a sua distribuição por grandes áreas a seguinte:

Acervo de Periódicos – PSR		
Área	Número de periódicos/títulos	Observações
Filosofia, Filosofia da Ciência, Psicologia e Metafísica	185 revistas com 11 títulos diferentes	Os três títulos com maior número de revistas são: - <i>Philosophy of Science</i> : 96 revistas; - <i>Mind</i> : 61 revistas; e - <i>British Journal for the Philosophy of Science</i> : 16 revistas. O período temporal abrangido por eles vai da década de 1930 a 1970.
Física e Matemática	95 revistas com 7 títulos diferentes	Destaque para os seguintes títulos: - <i>Reviews of Modern Physics</i> : 61 revistas, nas décadas de 1940/50, que inclui vários números

		especiais com homenagens a cientistas como Einstein, Bohr e Millikan; - <i>Journal of Mathematics and Mechanics</i> : 24 revistas, nas décadas de 1950/60.
Periódicos diversos (alguns científicos de caráter geral, estética, revistas universitárias etc.)	28 revistas com 12 títulos diferentes	Distribuídas entre as décadas de 1930 e 1970.
Total:	308 exemplares	

Documentos de arquivo do Acervo Plínio Sússekind Rocha

A tabela abaixo apresenta a síntese do acervo documental. No Apêndice B, foi feita uma descrição mais detalhada deste material.

Acervo Documental – PSR		
Identificação	Conteúdo Básico	Dimensões Aproximadas
1. Álbum de Fotos	22 fotos; 4 recortes de jornais sobre o falecimento de PSR; 1 artigo sobre PSR; 7 cartas de condolências; carta de Laurent Schwartz.	18 folhas; Dimensão linear: ≈ 3 cm
2. Álbum de Recortes	Pasta com 16 recortes de artigos de PSR em jornais, de 1928 a 1963; notícia no <i>Estado de S. Paulo</i> do falecimento de PSR (18/08/1972).	18 folhas; Dimensão linear: ≈ 2,5 cm
3. Caixas Amarelas (11)	O conteúdo documental é diversificado, boa parte dele sendo de autoria de PSR; notas de cursos de PSR e de outros autores, das décadas de 1930/50, entre os quais Mario Schenberg; problemas, notas de alunos ou provas de mecânica analítica, física matemática, hidrodinâmica, álgebra vetorial e cordas e membranas; diversos reprints e fotocópias; manuscritos e anotações de PSR sobre o tema do tempo; cartas trocadas com pesquisadores do exterior.	Dimensões de cada caixa: 19,5 cm de largura, 25,5 cm de comprimento e 2,5 cm de altura. Cerca de 1500 folhas; Dimensão linear: ≈ 30 cm
4. Caixas de Plástico (4)	Caixas com apostilas; textos manuscritos; livros (4); reprints; cartas; recortes e outros; apostilas e publicações de cursos de PSR; apostilas e notas de aula de cursos feitos por Plínio, como os de Abel Rey, Schenberg e Laurent Schwartz; anais de congressos e seminários de física e de matemática.	Dimensões de cada caixa: 35 cm de comprimento, 15 cm de largura e 25 cm de altura. Cerca de 1600 folhas; Dimensão linear:

		≈ 60 cm
5. Diário de Anotações	Anotações diárias de PSR, mas com muitas lacunas, sobre suas atividades entre 1932 e 1937, entre as quais os horários de suas aulas. Alguns relatos de discussões filosóficas, em especial com Álvaro Vieira Pinto, e de filmes assistidos.	58 folhas; Dimensão linear: ≈ 1 cm
6. Envelopes Diversos (7)	Envelope 1: 3 cartas a PSR; manuscrito de PSR sobre cinema; anotações de PSR sobre filosofia; Envelope 2: recibos diversos (15); Envelope 3: apostilas e anotações sobre curso de Álgebra; Envelope 4: recortes de Crítica Literária (32), Poesia (15); recortes diversos (23); Envelope 5: recortes de história atual (40); Envelope 6: recortes de temas de ciência (astronomia e física) (50); Envelope 7: charges (17).	Cerca de 300 folhas; Dimensão linear: ≈ 30 cm
7. Pastas Cinza-Azul Claro (6)	6 pastas com material diversificado: notas de aula de Plínio de mecânica e relatividade; notas de aula de cursos de Schenberg, Gross e Luiz Carlos Gomes; muitos reprints; cartas (Leite Lopes, André Swieca, Alexandre Sergio da Rocha); documentos variados do Departamento de Física e sobre a vinda de Laurent Schwartz; programas de cursos da FNFi; documentos sobre a trajetória acadêmica de PSR; alguns recortes de jornais.	Cerca de 1200 folhas; Dimensão linear: ≈ 50 cm
8. Pastas Vermelhas (6)	6 pastas, a maior parte do material sendo constituído de manuscritos de PSR sobre filosofia da ciência; textos do curso de Filosofia da Ciência (UDF); duas pastas especificamente dedicadas ao tema do Tempo (física e filosofia), com muitas anotações de leituras, comentários e escritos de PSR; leituras variadas de Leibniz, com comentários de PSR; várias leituras sobre Espaço e Tempo com anotações de PSR; texto sobre o espaço em Kant.	Cerca de 700 folhas; Dimensão linear: ≈ 40 cm
Total:	Cerca de 5.400 folhas; Dimensão linear: ≈ 2,2 m	

O levantamento geral do acervo constituiu uma etapa importante para tomar conhecimento das informações existentes nos documentos, familiarizar-se melhor com o

material, e assim planejar de maneira mais assertiva os passos seguintes, especialmente no tocante à parte do arquivo que será analisada no próximo capítulo. Paralelamente a esse levantamento foi realizada a higienização mecânica do material com a utilização de trincha para a retirada do excesso de poeira.

Capítulo 3 – Abordagens metodológicas e a proposta de classificação e descrição

A partir de perspectivas diferenciadas, intenciona-se sistematizar, nesta seção, uma análise dos métodos e das práticas de organização de arquivos pessoais e apresentar uma proposta traduzida em um plano de classificação e em um padrão de descrição dos documentos do Acervo Plínio Süssekind Rocha.

3.1 – Abordagens metodológicas

O arquivista norte-americano T. R. Schellenberg (2006) em *Arquivos modernos: princípios e técnicas* versa essencialmente sobre arquivos institucionais, no entanto nos fornece um bom panorama dos distintos métodos de tratamento entre acervos bibliográficos e documentais no capítulo 3 da referida obra. Ao traçar um paralelo entre biblioteca e arquivo, ressalta que há três principais diferenças entre ambos: o tipo de material, a maneira de tratá-lo e a descrição desse material. No arquivo, a forma como os documentos foram gerados ou acumulados pelo produtor está diretamente ligada às suas atividades funcionais e requer, portanto, uma compreensão do contexto de produção desses documentos, no que a história biográfica de Plínio Süssekind Rocha colaborou.

Outro ponto que merece destaque é o modo como os materiais são integrados às respectivas instituições de guarda, uma vez que o arquivo respeita o princípio da proveniência, isto é, “os documentos são agrupados pelas suas origens”, enquanto a biblioteca é capaz de incorporar ao seu acervo materiais das mais variadas fontes, sem que isso interfira na natureza do conjunto, por exemplo, uma obra sobre “mecânica” pode ter procedência diversa do restante dos materiais igualmente já classificados, mas é possível inseri-la sob o mesmo guarda-chuva de assunto e localizar todos eles pelo catálogo.

A terceira e última diferença entre biblioteca e arquivo, segundo Schellenberg (2006: 49) é a descrição, que embora seja uma metodologia utilizada por ambas as áreas, apresenta variações na sua prática. Na biblioteconomia, a representação descritiva de uma obra se refere à área do título, autoria, edição etc. Enquanto no arquivo, a catalogação quando realizada, é feita a partir de unidades documentais, constituídas por grupos e subgrupos ou séries e subséries.

O bibliotecário classifica o seu material de acordo com esquemas de classificação predeterminados, ao passo que o arquivista arranja o seu em

relação à estrutura orgânica e funcional. O bibliotecário cataloga o seu material, ao passo que o arquivista descreve o seu em guias, inventários e listas especiais. (SCHELLENBERG, 2006: 50).

Os principais métodos de classificação de documentos arquivísticos segundo Schellenberg (2006: 88), que trata de arquivos institucionais, são: funcional, organizacional (ou estrutural) e por assuntos.

Na classificação funcional os documentos são reunidos de acordo com a função/atividade que lhes deu origem, ou seja, as unidades de arquivamento (pastas/dossiês) resultam geralmente da organização dada ao arquivo pelo produtor do fundo, mas também em certa medida, das dinâmicas que orientam a acumulação. “As unidades de arquivamento, por sua vez, podem ser agrupadas em unidades maiores. Em geral, são agrupadas em relação à atividade.” (SCHELLENBERG, 2006: 90).

Os documentos uma vez agrupados por atividades [formadas por uma ou mais unidades de arquivamento], podem ser, além disso, agrupados de acordo com a função. Os grupos funcionais são as classes maiores normalmente criadas para a classificação dos documentos de uma entidade [produtora]. (SCHELLENBERG, 2006: 90).

Na classificação organizacional (ou estrutural) os documentos são agrupados de acordo com a estrutura da organização, e principalmente de forma descentralizada, na qual cada divisão ou departamento com atividades distintas, mantêm seus arquivos separadamente, o “que por si só [já] constitui um importante ato de classificação”. (SCHELLENBERG, 2006: 91).

Os documentos podem também ser agrupados pela divisão em séries, em base tanto organizacional, quanto funcional. Uma série pode ser definida como um grupo de documentos, pastas ou dossiês reunidos por se relacionarem com uma atividade específica. (SCHELLENBERG, 2006: 91).

A classificação por assunto é considerada uma exceção à regra que recomenda agrupar sempre os documentos por função ou organização. Pode ser utilizada excepcionalmente para classificar “materiais de pesquisa, de referência e [ou] similares”. (SCHELLENBERG, 2006: 94).

Na classificação de tais documentos, os cabeçalhos de assunto devem ser tirados da análise do assunto dos documentos. [...] Os cabeçalhos para arquivos extraídos de uma análise puramente lógica dos assuntos, abrangendo um campo de conhecimento humano, comparam-se àqueles sob

os quais o material das bibliotecas é classificado. (SCHELLENBERG, 2006: 93).

A obra de Schellenberg, ainda que dedicada aos arquivos institucionais, nos oferece caminhos que podem servir ao desenvolvimento de procedimentos para abordagem de acervos pessoais. Após esclarecer as principais diferenças nos métodos de tratamento entre biblioteca e arquivo, e discorrer brevemente sobre os principais tipos de classificação dos documentos arquivísticos, vamos abordar a estrutura de classificação dos arquivos pessoais representativos para este trabalho.

Em analogia ao objeto de estudo deste trabalho, foram selecionados para análise três arquivos pessoais de cientistas, docentes e que exerciam atividades intelectuais diversificadas. Tais arquivos criados e mantidos por instituições distintas e com expertise reconhecida na área de acervos, serão aqui usados para a avaliação de parâmetros que caracterizam a organização de um arquivo pessoal, são eles: Arquivo pessoal Walter Oswaldo Cruz³⁷ que encontra-se na Casa de Oswaldo Cruz (COC); Arquivo Amoroso Costa³⁸, cuja instituição de guarda é o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST); e Arquivo de Mario Schenberg³⁹, existente no Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IFUSP).

A partir da perspectiva da organização que deverá orientar o estudo, pode-se dizer que as interseções existentes entre os arquivos pessoais da COC, do MAST e do IFUSP, começam pela área de atuação das instituições, as três são de natureza pública e ligadas à ciência. A COC atua no campo de ciências biomédicas e da saúde, e passou a deter arquivos dessa natureza a partir de iniciativas para registrar, por meio de entrevistas orais, a história da saúde e das ciências, despertando o interesse de personalidades das áreas e de seus familiares para a doação de seus arquivos pessoais. Já o MAST é responsável por arquivos pessoais de cientistas relevantes para o campo brasileiro das ciências exatas, como astronomia, matemática, física, química e áreas afins, assim como acervos institucionais. Quanto ao IFUSP, reúne coleções relacionadas à Física, isto é, busca resgatar e preservar documentos

³⁷ Walter Oswaldo Cruz (1910-1967), além de ser um cientista importante com uma grande atividade em pesquisa na área biomédica, era também especialista em xadrez e com participação política intensa, tendo sido perseguido politicamente e tido seu laboratório fechado em 1964.

³⁸ Manuel Amoroso Costa (1885-1928), engenheiro, professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e um dos pioneiros da matemática no Brasil. Interessado nas relações entre arte e ciência, atuou também em divulgação científica e na organização da comunidade científica brasileira.

³⁹ Mario Schenberg (1914-1990), um dos mais brilhantes físicos teóricos brasileiros, com interações e trabalhos significativos em escala internacional, teve também intensa atuação na conexão entre arte e ciência, tendo sido crítico de artes plásticas. Amigo particular de PSR, foi também atingido, como ele, pelo AI-5.

referentes à história do Instituto e da física no Brasil e a iniciativa foi concebida a partir de entrevistas com professores pioneiros da área no país.

Os arquivos escolhidos como parâmetros para análise comparada, embora possuam padrões variados, utilizam a concepção de classificação funcional como método de organização. Nosso principal ponto de análise foi a estrutura de formação de suas subdivisões em séries ou grupos, que espelham o modo como esses arquivos foram constituídos.

Fundo Walter Oswaldo Cruz

A Casa de Oswaldo Cruz (COC) busca orientar sua perspectiva de arranjo dos documentos a partir do seu Manual de Organização de Arquivos Pessoais, que se divide nas funções mais tradicionais das instituições arquivísticas, ou seja, a aquisição, a identificação, a descrição etc. Considera, portanto, o instante da aquisição dos arquivos pessoais como sendo de fundamental importância para entender o caminho percorrido pelo titular do fundo, e seu processo de acumulação.

O momento da doação é privilegiado, na medida em que nele se entra em relação com o universo responsável pela formação e custódia da documentação: é nessa ocasião que a instituição tem contato direto com o próprio titular do arquivo (no caso dos arquivos pessoais) ou com o guardião da documentação – informantes fundamentais para a coleta de dados sobre a história do conjunto documental. (LACERDA, 2013: 246).

Na COC privilegia-se a estrutura de classificação funcional, e essa ênfase dada no momento da doação mostra-se relevante para levantar informações de contexto e definir o arranjo com mais propriedade. A COC trabalha com classificação em níveis, baseada na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE)⁴⁰, e utiliza a base de dados Arch⁴¹ para o registro das informações.

Walter Oswaldo Cruz (1910-1967), filho de Oswaldo Cruz, formou-se em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ, estagiou no Hospital de Doenças Tropicais do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e estudou hematologia experimental no laboratório de Carlos Chagas, entre diversas outras associações científicas, foi membro fundador da

⁴⁰ Com o intuito de atender ao cenário arquivístico nacional, foi lançada em 2006 pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) através da Câmara Técnica de Descrição e Normalização Arquivística, uma norma específica de procedimentos para pautar a descrição arquivística no Brasil.

⁴¹ Repositório de informações dos acervos arquivísticos custodiados pela COC, desenvolvido a partir do ICA-AtoM, software livre e aberto.

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e tinha predileção pelo xadrez, esporte em que colecionou algumas vitórias em campeonatos. A doação de seu acervo foi feita pela sua companheira Silvia Hasselmann. As divisões do Fundo Walter Oswaldo Cruz (WO) foram denominadas Grupos, Subgrupos e Dossiês.

Descrição arquivística	Instituição custodiadora	Registro de autoridade	Assuntos
Fundo WO - Walter Oswaldo Cruz			
			
			
<p>Acervos documentais Pesquisa rápida</p> <ul style="list-style-type: none"> ▼ Fundo WO - Walter Oswaldo Cruz <ul style="list-style-type: none"> ▶ Grupo DP - Docência e Pesquisa ▶ Grupo FC - Formação e Administração da ... ▶ Grupo GI - Gestão Institucional ▶ Grupo RI - Relações Interinstitucionais e In... ▶ Grupo VP - Vida Pessoal 			
<p>Identificador da instituição custodiadora, atribuído pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ)</p>		<p>Identificador do fundo, atribuído pelo Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da COC</p>	
<p>Área de identificação</p>		<p>Código de referência BR RJCOQ WO</p>	
<p>Título</p>		<p>Walter Oswaldo Cruz</p>	
<p>Data(s)</p>		<p>1930-1969 (Produção)</p>	

Figura 13 – Sistema de arranjo do Fundo Walter Oswaldo Cruz (Grupo Docência e Pesquisa; Grupo Formação e Administração da Carreira; Grupo Gestão Institucional; Grupo Relações Interinstitucionais e Intergrupos; Grupo Vida Pessoal)⁴².

⁴² Base de dados do acervo arquivístico da Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/walter-oswaldo-cruz>>.

GRUPOS	SUBGRUPOS
<p>Vida Pessoal</p> <p>(Atividades que envolvem relações familiares, sociais, culturais e associativas, patrimônio pessoal e administração doméstica.)</p>	<p>Documentos Pessoais Relações Familiares Relações de Sociabilidade Organização Financeira Leitura de Interesse Pessoal Manifestações Póstumas</p>
<p>Formação e Administração de Carreira</p> <p>(Atividades de constituição e guarda de papéis relacionados a estudos, estratégias e trajetória da carreira. Incluem, ainda, a realização de estágios, obtenção de bolsas, prêmios e homenagens associadas ao reconhecimento da contribuição científica.)</p>	<p>Formação Acadêmica Participação em Concursos Participação em Comissões Avaliadoras Participação em Homenagens, Congratulações e Premiações Participação na Política Universitária Sistematização da Trajetória</p>
<p>Docência</p> <p>(Atividades de formação e ensino em graduação e pós-graduação, incluindo cursos regulares e temporários, orientação de dissertações e teses e participação em bancas e seminários.)</p>	<p>Realização de Aulas Cursos, Seminários, Palestras e Outras Atividades Didáticas Coordenação de Cursos Elaboração de Políticas Educacionais Participação em Bancas de Seleção e Defesa de Mestrado e Doutorado Orientações de Dissertações e Teses</p>
<p>Pesquisa</p> <p>(Atividades de pesquisa associadas ou não ao desenvolvimento de tecnologia em ambientes institucionais como universidades e institutos de pesquisa. Seu locus é em especial o laboratório, onde atuam pesquisadores e/ou grupos de pesquisa com objetos/temas de pesquisa definidos. Aqui se incluem atividades de comunicação e disseminação dos resultados, como a publicação de artigos, conferências e comunicações em congressos. Também inclui atividades de planejamento e gestão de recursos financeiros e orçamentários, humanos, materiais e de infraestrutura voltados para o desenvolvimento da função de pesquisa.)</p>	<p>Programação da Pesquisa Leitura de Interesse Profissional Coordenação de Projetos Divulgação de Resultados Intercâmbio Científico Solicitação e Concessão de Auxílios Prestação de Contas</p> <p>(Nota: Eventualmente, Docência e Pesquisa podem constituir um único Grupo.)</p>
<p>Gestão Institucional</p> <p>(Atividades de formulação e implementação de políticas públicas de ciência & tecnologia. Seu locus inclui em especial as altas esferas da administração pública vinculadas ao Ministério da Ciência e Tecnologia, agências de fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico, secretarias estaduais de ciência e tecnologia, fundações e institutos de pesquisa, e organismos internacionais.)</p>	<p>Administração Institucional Elaboração e Implantação de Políticas e Programas de Saúde e Pesquisa Participação em Eventos</p>
<p>Relações Interinstitucionais e Intergrupos</p> <p>(Atividades de contato com órgãos públicos de ciência & tecnologia, visando a trocas institucionais, cooperação técnico-científica e representação institucional em missões oficiais do governo, grupos de trabalho, comitês, conselhos editoriais e científicos, redes informais etc. Pode incluir ainda a prestação de serviços e/ou consultorias técnico-científicas a instituições públicas e privadas. Contempla também a vinculação a sociedades e associações científicas.)</p>	<p>Participação em Sociedades e Associações Participação em Comitês, Conselhos, Comissões, Grupos de Trabalho e Consultorias Técnico-Científicas Participação em Missões Oficiais Participação em Conselhos Editoriais e Publicações</p>

Figura 14 – Quadro de Grupos e Subgrupos predominantes nos arquivos pessoais sob a guarda do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD), baseado na proposta de Santos (2012: 97-98)⁴³

⁴³ DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. **Manual de organização de arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2015. 84 p. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/manual_organizacao_arquivos_fiocruz.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

No contexto do produtor do fundo, as ações de docência se interligam com as atividades de pesquisa, constituindo o **Grupo Docência e Pesquisa**, cujo arranjo foi dividido nos seguintes **Subgrupos**: Divulgação de Resultados; Elaboração de Políticas Educacionais; Intercâmbio Científico; Leitura de Interesse Profissional; Orientações de Iniciação Científica e Aperfeiçoamento Profissional; Prestação de Contas; Programação da Pesquisa; e Solicitação e Concessão de Auxílios.

O **Grupo Formação e Administração da Carreira** foi ordenado nos **Subgrupos** Formação Acadêmica; Participação em Homenagens e Congratulações; e Sistematização da Trajetória.

Em seguida se configura o **Grupo Gestão Institucional**, cujo sistema de arranjo se dá por **Dossiês**, quais sejam: Chefe da Seção de Hematologia do Instituto Oswaldo Cruz; Chefe da Divisão de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz; e Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz.

Grupo Relações Interinstitucionais e Intergrupos, constituído por dezenove **Dossiês**: Membro do Instituto Britânico de Filosofia; Membro da Sociedade Internacional de Hematologia; Membro da Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia; Membro do Grupo de Trabalho para Coordenar a Contribuição do Brasil à Conferência das Nações Unidas sobre a Aplicação da Ciência e Tecnologia em Benefício das Áreas menos Desenvolvidas; Membro do Conselho Administrativo do Conjunto Sanatorial de Curicica; Membro da Academia Brasileira de Ciências; Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; Membro da Associação Americana para o Avanço da Ciência; Membro da Sociedade de Biologia Experimental e Medicina; Redator da Página de Ciência do Jornal do Comércio; Representante do Instituto Oswaldo Cruz no X Congresso da Sociedade Européia de Hematologia; Coordenador da Assessoria Técnica da Presidência da República; Membro da Comissão Científica do Sétimo Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária; Membro da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro; Membro da Academia de Ciência de Nova York; Representante do Instituto Oswaldo Cruz no VII Congresso Internacional de Cardiologia; Representante do Instituto Oswaldo Cruz no Primeiro Simpósio Internacional de Padronização de Hematologia; Representante do Instituto Oswaldo Cruz no I Simpósio Internacional de Plaquetas Sanguíneas; e Membro da Sociedade Real de Medicina.

E, por fim, o **Grupo Vida Pessoal** disposto nos **Subgrupos** Documentos Pessoais; Leitura de Interesse Pessoal; Manifestações Póstumas; Organização Financeira; Documentos Póstumos; Relações Familiares; e Relações de Sociabilidade.

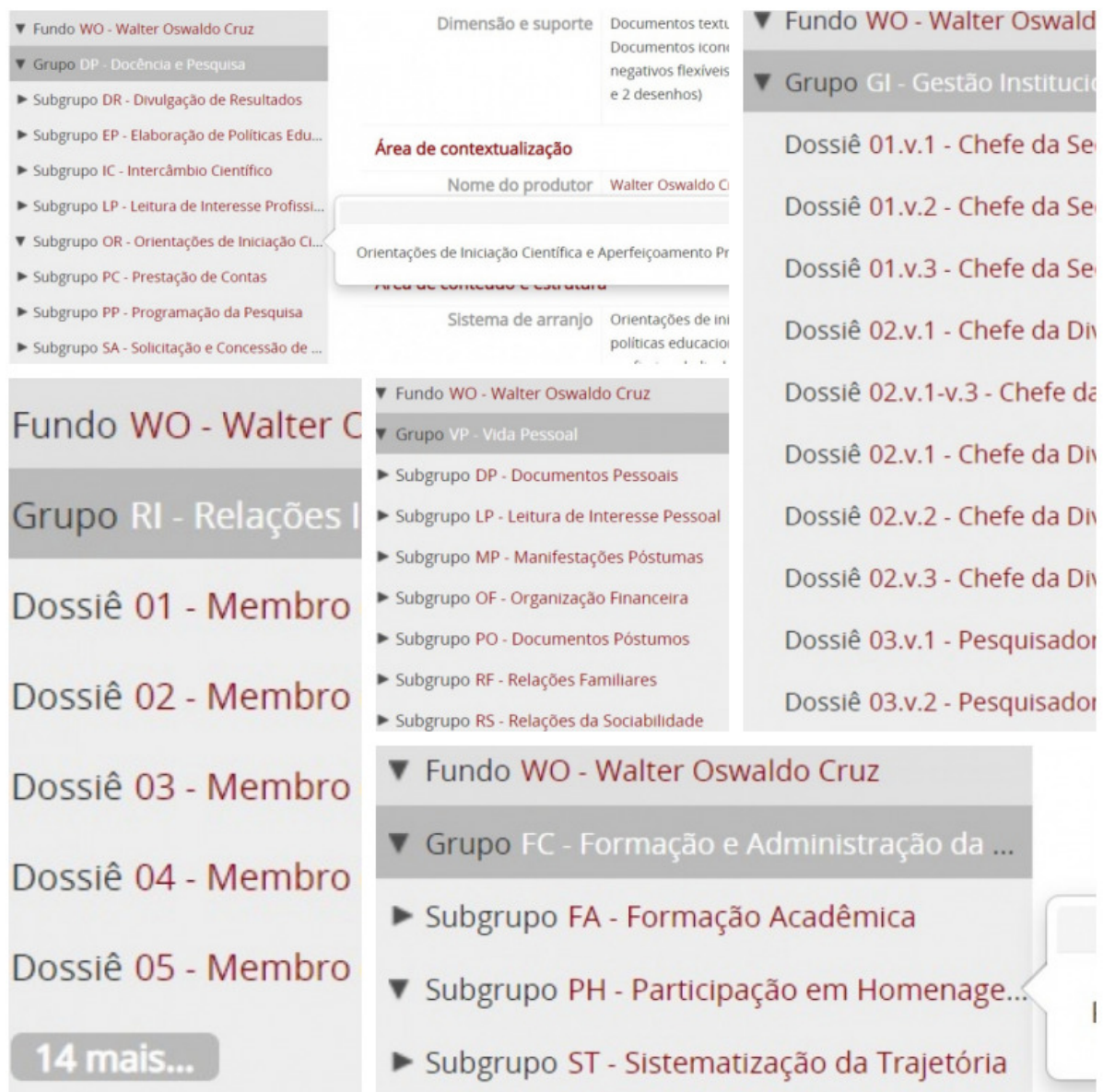


Figura 15 – Sistema de arranjo do Fundo Walter Oswaldo Cruz (Grupos, Subgrupos e Dossiês)⁴⁴

A identificação dos conjuntos documentais, é feita a partir do **Código de referência**, trata-se de uma combinação alfanumérica, composta pelo identificador da **Instituição custodiadora** (BR RJCOC), sigla do **Fundo** (WO – Walter Oswaldo Cruz), seguida das siglas do **Grupo** (DP - Docência e Pesquisa, por exemplo) e **Subgrupo** (DR – Divulgação de Resultados, por exemplo) ou número do **Dossiê** (06 – Membro da Academia Brasileira de Ciências, por exemplo), conforme o caso. Já o código do **Item** (001, por exemplo) é

⁴⁴ Base de dados do acervo arquivístico da Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/walter-oswaldo-cruz>>

registrado apenas no documento, no interior do dossiê, isto é, não consta na identificação da pasta.

Exemplos: BR RJCOC WO.DP.DR
BR RJCOC WO.RI.06.001

Arquivo Amoroso Costa

Assim como a COC, o MAST é mais uma instituição que ajuda a legitimar os arquivos pessoais de cientistas para a história das ciências no Brasil, por meio da captação, organização e disponibilização desse tipo de material.

O Arquivo de Manuel Amoroso Costa (1885-1928), figura de destaque no ensino e na pesquisa em matemática⁴⁵ foi doado ao MAST por sua filha Beatriz Amoroso Costa, tendo sido recebido e organizado pelo Departamento de Informação e Documentação, dando origem à publicação de um Inventário em 1995, resultado do projeto “Museu de Astronomia e Ciências Afins e o legado científico no país: aquisição e organização de arquivos particulares de cientistas”.

Sob o ponto de vista da organização que norteou a nossa análise, o modelo de classificação trabalhado pelo MAST foi o funcional, que permitiu a organização dos documentos do Arquivo Amoroso Costa por meio das relações existentes entre as funções e atividades desenvolvidas por ele, expressas na sua Cronologia. No entanto, lança mão de aspectos como tipo de documento e índice de assuntos. O MAST já produziu arranjos/classificações diferentes, mais próximas à proposta funcional de Santos (2012) mas optamos pelo Arquivo Amoroso Costa para fazer um contraponto à essa proposta, e também por tratar-se de personagem que conserva traços em comum com o nosso objeto de estudo e com os outros dois titulares dos arquivos analisados.

Os documentos textuais do Arquivo Amoroso Costa (AC) foram agrupados de acordo com séries (Pessoal; Técnico-administrativo; Produção intelectual; e Documentos Complementares) e dossiês (arranjados cronologicamente por data e numeração sequencial) e não seguiu uma perspectiva funcional.

⁴⁵ Embora em outra dimensão, assim como Walter Oswaldo Cruz, Amoroso Costa também guardava certa vivência com o jogo de xadrez. Segundo Inventário, dentre os documentos recebidos pelo MAST, consta “Caderneta contendo problemas de xadrez propostos por Amoroso Costa e publicados em diversos jornais.”. Disponível em:
<http://zenith.mast.br/v_dossie_textual_pesqlist.php?showmaster=v_fundo_colecao&ID_FUNDO=2>.

Série 1 Pessoal, constituída por documentos pessoais do titular do arquivo;

Série 2 Técnico-administrativo, constituída por documentos que retratam a atuação profissional do titular do arquivo, notadamente nos cargos administrativos que ocupou;

Série 3 Produção intelectual, constituída por documentos que retratam a produção intelectual do titular do arquivo nos diversos campos do saber em que atuou, além de trabalhos de terceiros sobre AC;

Série 4 Documentos Complementares, constituída por documentos diversos aos das séries anteriores⁴⁶. (MAST, 1995: 11).

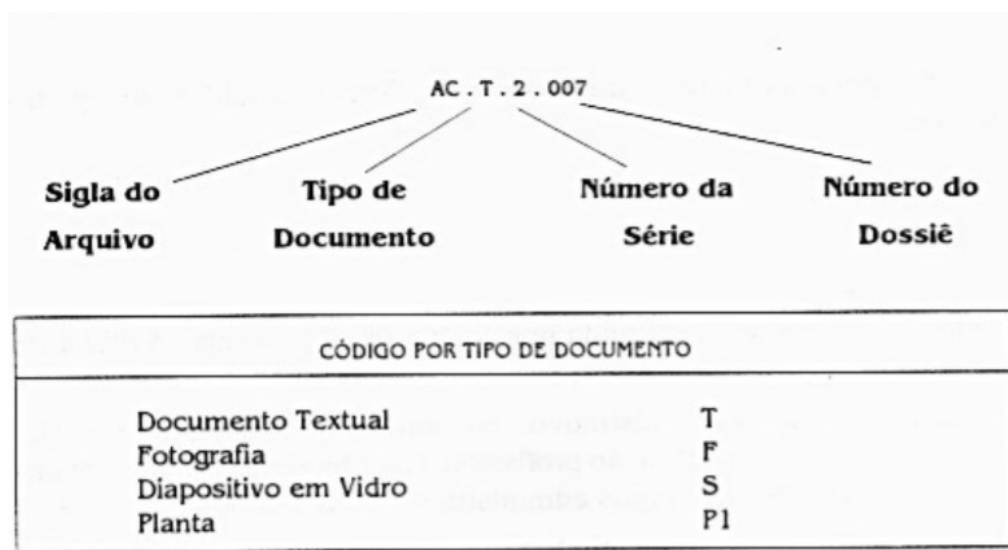


Figura 16 – Código do dossiê, descrição alfanumérica composta pela sigla do **Arquivo** (AC), pela letra correspondente ao **Tipo de Documento** (T – Documento Textual, por exemplo), pelo número da **Série** (2 – Técnico-administrativo, por exemplo) e número do **Dossiê** (007, por exemplo)⁴⁷

Ao contrário do Fundo Walter Oswaldo Cruz, a descrição do Arquivo Amoroso Costa não se baseia na Nobrade, inexistente na época da realização do Inventário sumário. No entanto, a base de dados Zenith⁴⁸ tem seus pontos de acesso apoiados na ISAD-G⁴⁹ e na

⁴⁶ Note-se que esta Série 4 destoa das outras por não ter uma característica funcional.

⁴⁷ MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Arquivo Amoroso Costa**: inventário sumário. Rio de Janeiro: MAST, 1995. 31 p. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/inventarios/inventarios_amoroso_costa.pdf>.

⁴⁸ Base de dados do Arquivo de História da Ciência (AHC), apresenta a descrição dos documentos dos acervos arquivísticos custodiados pelo MAST, já organizados e inventariados, disponíveis para consulta. Disponível em: <http://zenith.mast.br/c_home.php>.

⁴⁹ Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística, responsável por dar instruções sobre a elaboração de descrições arquivísticas. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais_atendimento/imprensa/noticias/serie-conarq-isad-g-norma-geral-internacional-de-descricao-arquivistica>.

Nobrade, além de disponibilizar para consulta remota a documentação já digitalizada pelo MAST.

Fundo Mario Schenberg

O Fundo Mario Schenberg (1914-1990) é constituído de documentos acumulados, de 1922 a 1990, por este cientista (físico e matemático) que atuou também como político e crítico de arte. O fundo divide espaço com outros conjuntos documentais dentro do Acervo Histórico do IFUSP (AHIFUSP). Esse acervo foi criado na década de 1970, quando começaram as primeiras entrevistas com professores pioneiros da física, e a professora Amélia Hamburger teve um papel decisivo na sua criação.

O Fundo Mario Schenberg inclui também documentação complementar referente a Schenberg de 1990 a 2014. No site do AHIFUSP⁵⁰, encontramos a seguinte explicação para justificar a adoção do conceito de fundo:

O conjunto documental do professor Mario Schenberg foi chamado de fundo por ser um híbrido, já que traz parte do arquivo do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), enquanto ele era diretor, e a parte acumulada por todas suas outras atividades, mas, principalmente, por tratar-se de um conjunto ainda aberto a receber documentação complementar de eventos em sua homenagem e outros que tenham se misturado ao conjunto documental da professora Amélia Império Hamburger.

Segundo o Glossário de Terminologia Arquivística da Universidade Federal Fluminense (UFF)⁵¹, que tem como referência o Dicionário Brasileiro de terminologia arquivística do Arquivo Nacional (2005)⁵², fundo aberto é um fundo “ao qual podem ser acrescentados novos documentos em função do fato de a entidade produtora continuar em atividade.” No entanto, para a organização do arquivo do professor Mario Schenberg, apropriou-se dessa ideia de conjunto ainda aberto, constituindo-se de fato em uma coleção,

⁵⁰ USP. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de Física. **Acervo**. Disponível em: <<http://acervo.if.usp.br/estrutura>>.

⁵¹ UFF. Superintendência de Documentação. **Glossário de terminologia arquivística**. Disponível em: <<http://arquivos.uff.br/glossario-de-terminologia-arquivistica/>>.

⁵² ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p.

para incorporar elementos advindos de fontes distintas, uma vez que o produtor não se encontra mais em atividade.

O conjunto com 3.154 obras da biblioteca do professor Schenberg foi comprado e doado pela Secretaria de Estado da Cultura ao IFUSP em 1993. Nesta ocasião, Lourdes Cedran, viúva de Schenberg, doou também a documentação do cientista que estava de posse da família. Entre 1993 e 2018 foram feitas ações iniciais de preservação e organização do arquivo. Neste período a documentação foi já utilizada para pesquisas que resultaram, por exemplo, na publicação das *Obras Completas de Mario Schenberg*⁵³. Em julho de 2018, com o apoio da direção do IFUSP, foi retomado o trabalho com a documentação de Mario Schenberg para sua organização definitiva, digitalização e disponibilização. O conjunto é composto por 3.032 documentos e 14.075 páginas, e inclui manuscritos, correspondência, artigos, currículos, folhetos, impressos, fotos, objetos, obras artísticas, publicações, produzidos ou recebidos e acumulados pelo titular⁵⁴.

Para a organização do acervo digitalmente foi construído um identificador único, que é um elemento indispensável para fazer a ligação entre a imagem do documento e seu verbete no inventário. O inventário foi assim constituído:

No inventário, os verbetes informam, quando possível, o tipo de documento, quem o produziu, o destinatário, o assunto (com nomes e datas), local e data de produção, número de páginas, se consta ou não assinatura, se o documento foi impresso, datilografado, mimeografado ou manuscrito, se é papel timbrado ou não, e se é cópia ou original.⁵⁵

O arranjo documental foi agrupado nas séries e subséries apresentadas na tabela abaixo. Note-se que a classificação é híbrida porque, embora guarde aspectos funcionais, abriga também séries sobre a natureza e a origem de documentos e inclui documentação complementar.

⁵³ HAMBURGER, Amélia Império (Coord.). **Obra científica de Mario Schönberg**: volume 1 - 1936 a 1948. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____. **Obra científica de Mario Schönberg**: volume 2 - 1949 a 1987. São Paulo: EDUSP, 2013.

⁵⁴ Os documentos digitalizados estão depositados num repositório digital, e podem ser acessados em **Acervo do Instituto de Física da USP -> Arquivo do Professor Mario Schenberg**, através do endereço: <<http://acervo.if.usp.br/estrutura>>.

⁵⁵ USP. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de Física. **Inventário do fundo do professor Mario Schenberg**. Disponível em: <<http://acervo.if.usp.br/uploads/inventario02.pdf>>. p. 4.

Série	Conteúdo da série	Subséries
I – Documentação Pessoal	A série traz subséries, em sua maioria, ligadas à identificação, negócios e atividades pessoais, homenagens etc.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Documentos de Identificação 2. Carteiras de Filiação 3. Documentos Oficiais 4. Documentos de Universidades 5. Documentos Bancários 6. Direitos Autorais 7. Recibos de Contribuições 8. Holleriths 9. Documentos Imobiliários 10. Certificados de Pedigree 11. Dossiê Movimento Neo-Nazista 12. Jornais sobre Prisão Preventiva M.S. 1964 13. Homenagens 14. Exames e Receitas Médicas
II – Documentação Profissional	Esta série foi dividida em cinco subséries de acordo com as diferentes atividades profissionais de Mario Schenberg.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Físico 2. Professor e Diretor do Departamento de Física da FFCL 3. Professor no Instituto de Física da USP 4. Crítico de Arte 5. Deputado Estadual
III – Documentação Intelectual	Esta série reúne parte da produção intelectual do titular – impressa, datilografada e manuscrita – em suas diferentes áreas de atuação.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Publicações 2. Discursos 3. Originais
IV – Correspondência	A série Correspondência foi organizada por ordem cronológica, sem distinção entre recebida e enviada, arranjada nas subséries Institucional, Profissional e Pessoal.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Correspondência Institucional 2. Correspondência Profissional 3. Correspondência Pessoal
V - Documentação de Terceiros	A série Documentação de Terceiros reúne tudo o que foi acumulado pelo titular, mas não foi produzido por ele.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Publicações 2. Legislação 3. Ações Judiciais 4. Textos 5. Documentação Pessoal de Terceiros

		6. Correspondência de Terceiros 7. Documentos Acadêmicos 8. Trabalhos de Arte 9. Eventos 10. Documentos de Compra e Venda 11. Diversos
VI – Documentação Iconográfica (em construção)	Esta série reúne as fotos do titular, mas está em fase de construção. Há muitas fotos de família, pessoais e profissionais.	Em construção
VII – Documentação Complementar	A Documentação Complementar reúne documentos produzidos após a morte do titular, guardados por Lourdes Cedran, por Amélia I. Hamburger, por outros professores e pelo Acervo Histórico do IFUSP. São recortes de jornais, revistas com a repercussão da morte, homenagens, exposições, publicações. É uma série aberta para novas contribuições.	1. Homenagens Póstumas

Diante deste breve estudo que teve como principal objetivo a verificação de métodos de classificação utilizados pela COC, pelo MAST e pelo IFUSP para a organização de arquivos pessoais, conclui-se que a COC estabeleceu boas diretrizes para a classificação funcional do Fundo Walter Oswaldo Cruz, os outros dois arquivos (Amoroso Costa e Mario Schenberg), no entanto, embora conservem uma perspectiva funcional, não seguem linhas tão claras no tratamento documental. De toda forma, esses estudos se complementam ao contribuírem para a reflexão de práticas no campo da gestão de arquivos, e foram igualmente importantes para a definição da proposta de arranjo deste trabalho. O Arquivo do Mario Schenberg, por exemplo, entre os três é o que guarda maior semelhança com o nosso objeto de estudo, tanto por sua atividade docente de professor catedrático de Mecânica Racional e Celeste, como por sua conexão com a arte. Possui, contudo, um arranjo um tanto superado, pois ainda está submetido a uma divisão por séries (documentação complementar e

iconográfica) que não cabem em uma perspectiva funcional ou em qualquer outro método de classificação de arquivos pessoais hoje.

Ao retomar a discussão de Camargo e Goulart (2007) e Luciana Heymann (2009) apresentada no Capítulo 1 deste trabalho sobre o contexto de acumulação do produtor, verifica-se a importância da análise das funções e atividades do titular do arquivo para a sua organização, buscando escorar o tratamento nas técnicas arquivísticas, ou seja, privilegiando como método mais adequado para legitimar os arquivos pessoais como arquivos, a classificação funcional, em detrimento do uso de recursos como a classificação por assunto ou por tipo de documento. Dessa forma, definimos aqui a classificação funcional, tomando por base a proposta de Santos (2012) como forma de arranjo dos documentos do Acervo Plínio Süssekind Rocha.

Vale esclarecer, ainda, que a proposta de Santos (2012) derivou de algumas outras, como da própria Ana Maria de Almeida Camargo (1988, 1998)⁵⁶.

No livro *Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência*, organizado por Silva e Santos (2012), consta na segunda orelha um pequeno texto de Ana Maria de Almeida Camargo que sinaliza positivamente para a solução funcional na organização dos arquivos pessoais:

Há que mencionar, por fim, as soluções apontadas para o tratamento dos arquivos pessoais. Alguns criticam os modelos de arranjo e descrição baseados em categorias fixas, alheias aos diferentes contextos de acumulação de documentos. A maioria, porém, assume o quadro funcional aplicado ao fundo Rostan Fernandes [organizado com base no modelo funcional, mas que tem predomínio de critérios temáticos e tipológicos] como matriz eficiente para classificar o material produzido por cientistas. Feitas as necessárias adaptações, o método permitiria a adequada contextualização dos documentos, mantendo-se em perfeita consonância com a teoria arquivística. (CAMARGO, 2012: Orelha do livro).

Na obra mencionada acima, Santos (2012: 22-23) explica em nota que sua dissertação “Entre o laboratório, o campo e outros lugares: gênese documental e tratamento técnico em arquivos de cientistas” foi fruto de pesquisa realizada no arquivo que “já se encontrava organizado” de Rostan Soares, médico sanitário ligado ao Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). O conjunto de procedimentos que teve por finalidade

⁵⁶ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais: uma proposta de descrição. **Arquivo Boletim Histórico e Informativo**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 21-24, 1988.

_____. Contribuições para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 169-174, 1998.

“propor uma abordagem inovadora” (SANTOS, 2012: 22) para o tratamento de arquivos pessoais de cientistas, resultou no livro *Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização* e na metodologia que nos serviu como principal referência para elaborar o plano de classificação proposto para o Acervo Plínio Sússekind Rocha.

3.2 – Proposta de classificação e descrição para o Acervo Plínio Sússekind Rocha

O objetivo da proposta de classificação foi destacar as funções e as atividades do produtor do arquivo e deixar claras as conexões entre os documentos.

A partir das leituras da bibliografia de referência e dos cursos realizados, dos trabalhos de pesquisa e exame de outras experiências de classificação e descrição de arquivos pessoais, foram adotadas as seguintes etapas para a proposta de organização do acervo:

1. Levantamento e sistematização de informações sobre a trajetória pessoal e profissional do professor Plínio Sússekind Rocha a partir da leitura de artigos e depoimentos sobre ele;
2. Elaboração de uma Cronologia detalhada com os principais eventos relacionados à trajetória do titular do arquivo, possibilitada pelo levantamento mencionado;
3. Análise geral dos documentos existentes no Acervo PSR, depositado na Biblioteca do Instituto de Física da UFRJ, para obter informações gerais sobre o seu conteúdo;
4. Elaboração do Plano de Classificação para o Acervo PSR de acordo com os procedimentos baseados no método de classificação funcional, que teve como principal referência Santos (2012).

Plano de Classificação Proposto

Grupos	Subgrupos
<p>I. Vida Pessoal</p> <p>Registros de atividades pessoais, interações com familiares e amigos, relatos de experiências, ideias e opiniões, acontecimentos e fatos do cotidiano, textos de homenagem a PSR.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Documentos Pessoais 2. Anotações Pessoais 3. Homenagens e Manifestações Póstumas

<p>II. Formação e Carreira Profissional</p> <p>Registros de atividades sobre a formação e a carreira: cursos e estágios realizados, posições ocupadas, ações administrativas (chefias de departamento), atuação política interna etc.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cursos Realizados 2. Trajetória Acadêmica 3. Solicitações e Concessões de Auxílios e Viagens 4. Participação em Políticas Universitárias 5. Administração Institucional 6. Aposentadoria Compulsória
<p>III. Atividade Docente</p> <p>Registros de cursos e aulas proferidas, produções acadêmicas, programas de curso, leituras didáticas, provas e notas, manifestações e ações de alunos, aquisição de livros, e outras atividades acadêmicas.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Professor do Ensino Básico 2. Professor do Ensino Superior 3. Interação com Aluno(a)s 4. Aulas, Cursos, Seminários, Palestras e Outras Atividades Acadêmicas 5. Publicações Didáticas 6. Prestação de Contas da Atividade Docente 7. Participação em Banca de Livre Docência
<p>IV. Atividades de Pesquisa</p> <p>Publicações e leituras no trabalho de pesquisa, anotações e comentários de leituras, cartas trocadas com pesquisadores, manuscritos e textos não publicados.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Física dos Dielétricos 2. Mecânica 3. Filosofia e História da Ciência 4. Leituras, Anotações e Textos sobre o Tempo 5. Intercâmbio Científico 6. Leituras de Interesse Profissional, Anotações e Comentários 7. Participação em Eventos de Pesquisa ou Congressos 8. Reconhecimento Profissional
<p>V. Cinefilia</p> <p>Registros de estudos, análises, e críticas sobre cinema, textos publicados sobre cinema, leituras e comentários, atuação em cineclubes, e intervenções pela recuperação do filme Limite.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cineclubes 2. Crítica Cinematográfica 3. Escritos sobre Cinema 4. Leituras e Anotações sobre Cinema 5. Preservação de Limite 6. Participação em Outras Atividades sobre Cinema
<p>VI. Relações Interinstitucionais e Interpessoais</p> <p>Publicação em jornais e revistas de matérias e entrevistas sobre assuntos diversos; troca de correspondências e interações com intelectuais, envolvimento com ações coletivas e extensão universitária.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relações com Cientistas e Intelectuais 2. Interação com Ex-alunos, Colegas e Acadêmicos 3. Participação em Comissões, Grupos de Trabalho, Eventos e Missões Oficiais 4. Participação em Sociedades e Associações Científicas 5. Atividades de Extensão

Constituição do Acervo Plínio Sússekind Rocha (PSR)

O acervo reúne manuscritos, apostilas, livros, cadernos de aulas, separatas, cartas, cartões, ofícios, telegramas, recortes de jornais, fotografias, documentos oficiais, decretos, conferências, relatórios de atividades, entrevistas, artigos científicos, diário, recibos, entre outros documentos referentes à vida pessoal e à trajetória profissional do titular como professor Catedrático do Departamento de Física da Faculdade Nacional de Filosofia, atual UFRJ. Note-se que, mesmo com a separação inicial do acervo original, uma parte para a Biblioteca do IF/UFRJ (com a documentação pessoal e relativa à sua carreira profissional como físico e professor), uma parte para o Arquivo Mario Peixoto e outra para a Cinemateca do MAM (documentos referentes a cinema), uma parcela de documentos, como artigos de PSR em jornais e algumas anotações, existente no APSR na Biblioteca do IF/UFRJ refere-se a atividades e escritos sobre cinema.

Período de abrangência do acervo:

Acervo documental: 1911 a 1972

Acervo bibliográfico: 1900 a 1972

Dimensão e suporte

Acervo documental: dimensão linear: \approx 2,2 m. Aproximadamente 5.400 documentos

Documentos iconográficos: (22) fotografias; (17) charges

Documentos textuais: (5361) documentos

Acervo bibliográfico: \approx 974 itens

(666) livros; (308) periódicos

Grupos

Grupo Vida Pessoal – VP (Subgrupos: Documentos Pessoais – DP; Anotações Pessoais – APE; Homenagens e Manifestações Póstumas – HMP)

Grupo Formação e Carreira Profissional – FCP (Subgrupos: Cursos Realizados – CR; Trajetória Acadêmica – TA; Solicitações e Concessões de Auxílios e Viagens – SCAV; Participação em Políticas Universitárias – PPU; Administração Institucional – AI; Aposentadoria Compulsória – AC)

Grupo Atividade Docente – AD (Subgrupos: Professor do Ensino Básico – PEB; Professor do Ensino Superior – PES; Interação com Aluno(a)s – IA; Aulas, Cursos, Seminários, Palestras e Outras *Atividades Acadêmicas* – AA; Publicações Didáticas – PD; Prestação de Contas da Atividade Docente – PCAD; Participação em Banca de Livre Docência – PBLD)

Grupo Atividades de Pesquisa – AP (Subgrupos: Física dos Dielétricos – FD; Mecânica – M; Filosofia e História da Ciência– FHC; Leituras, Anotações e Textos sobre o Tempo – LATT; Intercâmbio Científico – IC; *Leituras de Interesse Profissional*, Anotações e Comentários – LIP; Participação em Eventos de Pesquisa ou Congressos – PEPC; Reconhecimento Profissional – RP)

Grupo Cinefilia – C (Subgrupos: Cineclubes – CCB; Crítica Cinematográfica – CCT; Escritos sobre Cinema – EC; Leituras e Anotações sobre Cinema – LAC; Preservação de “Limite” – PL; Participação em Outras Atividades sobre Cinema – POAC)

Grupo Relações Interinstitucionais e Interpessoais – RII (Subgrupos: Relações com Cientistas e Intelectuais – RCI; Interação com Ex-alunos, Colegas e Acadêmicos – IECA; *Participação em Comissões, Grupos de Trabalho*, Eventos e Missões Oficiais – PCGT; Participação em Sociedades e Associações Científicas– PSAC; Atividades de Extensão – AE)

Idiomas do material

Português, francês, inglês, espanhol

Fontes relacionadas

Artigos de ex-alunos ou colegas sobre PSR

Depoimentos de ex-alunos ou colegas sobre PSR

Trechos de livros sobre PSR

Matérias em jornais e revistas sobre PSR

Padrão de Descrição dos Documentos do Acervo Plínio Süssekind Rocha

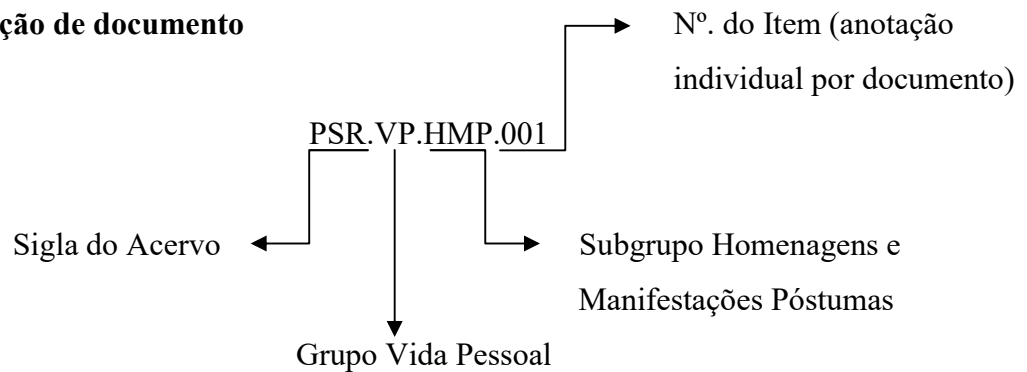
Os grupos abrangem todos os tipos de documentos referentes à função em questão, dessa forma, os documentos de arquivo serão descritos pela sigla correspondente ao acervo (PSR) seguida das respectivas siglas de grupo e subgrupo.

Sigla do Acervo: PSR

Siglas dos Grupos: VP; FCP; AD; AP; C; RII

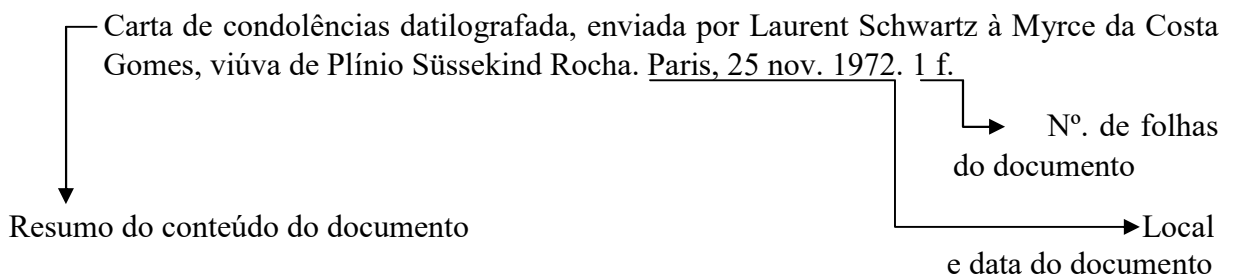
Siglas dos Subgrupos: DP; APE; HMP; CR; TA; SCAV; PPU; AI; AC; PEB; PES; IA; AA; PD; PCAD; PBLD; FD; M; FHC; LATT; IC; LIP; PEPC; RP; CCB; CCT; EC; LAC; PL; POAC; RCI; IECA; PCGT; PSAC; AE

Ex. de descrição de documento



Exemplo para um possível inventário detalhado a ser feito posteriormente

PSR.VP.HMP.005 → Notação do documento



Verificar o método como três instituições de guarda distintas organizaram arquivos pessoais sob sua custódia nos ajudou a visualizar e aproveitar o que cada uma poderia contribuir para o nosso trabalho. A COC, a partir do Fundo Walter Oswaldo Cruz (Fundo WO), nos permitiu conceber na prática, como ocorre a classificação funcional descrita por Santos (2012), e compreendê-la de maneira a direcionar essa metodologia para o arranjo proposto para o APSR. Dessa forma, estudar a construção das divisões do Fundo WO nos permitiu delinear a estrutura de grupos e subgrupos no plano de classificação do APSR. No entanto, ao contrário do Fundo WO, optamos por manter em grupos separados as funções de docência e pesquisa, pois entendemos que apesar de ambas serem inerentes do fazer acadêmico, constituem atividades distintas, particularmente no caso de PSR. O estudo do Fundo WO foi importante também para definirmos o padrão de descrição do Acervo PSR. Além disso, o Manual de Organização de Arquivos Pessoais da COC nos chamou atenção para o momento da aquisição do acervo, importante para compreender a história de sua custódia com a família, entender o contexto de acumulação do acervo, e obter subsídios para sua organização. No entanto, no caso específico do APSR nem sempre tais regras propostas foram seguidas por ele ter sido doado para a Biblioteca do IF/UFRJ em um período anterior aos estudos que conduziram a esta dissertação.

Assim como em nosso trabalho, o Arquivo Amoroso Costa utiliza a cronologia para a compreensão da trajetória do produtor e da constituição do seu acervo documental. A Cronologia elaborada no Apêndice A deste trabalho constituiu uma importante ferramenta para traçar a trajetória pessoal e profissional do titular do arquivo, entender melhor o contexto em que viveu e atuou, o que nos deu subsídios para determinar a classificação dos grupos e subgrupos.

Essa cronologia está apoiada em fontes documentais de natureza diversa, como depoimentos de ex-alunos, artigos e matérias de jornais sobre o Plínio, existentes no próprio arquivo e em acervos distintos, pois há outros materiais que não fazem parte do acervo doado, mas que foram importantes para possibilitar novas fontes de informações.

Dessa forma, pretendeu-se identificar e consultar materiais existentes no próprio arquivo do Plínio, e em outros acervos, inclusive da UFRJ, como o arquivo da Faculdade Nacional de Filosofia sob custódia do Centro de Documentação do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES); materiais em revistas e jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, entrevista com a viúva, e questionários estruturados, ou seja, com perguntas previamente estabelecidas, direcionadas a ex-alunos do Plínio, buscando entender um pouco mais acerca de suas funções e atividades. Estes

procedimentos, embora relacionadas ao APSR, não foram aqui descritos, justificados e avaliados porque extrapolam o escopo da dissertação.

Nesse sentido, também nos foi útil o exame da organização do Arquivo Mario Schenberg, que embora destoe um pouco da proposta seguida neste trabalho, nos serviu para compreender que a classificação funcional deve ser circunscrita aos documentos reunidos pelo produtor do arquivo, e que o conceito de fundo aberto não se aplica para agrupar documentos que não foram acumulados pelo seu titular. Dessa forma, os materiais complementares que buscamos identificar, para contextualizar o APSR, provenientes de depoimentos de ex-alunos ou colegas de Plínio, cartas, documentos adicionais, trabalhos de pesquisa etc. tiveram caráter apenas de referência na construção narrativa do personagem, e não como material complementar ao núcleo básico do acervo.

Considerações finais

Ao iniciar esse trabalho, a intenção era mais ambiciosa, isto é, estabelecer padrões que permitissem a organização completa do acervo pessoal do pesquisador e professor Plínio Sússekind Rocha (PSR), ou seja, sua identificação, descrição, preservação, difusão e acesso ao público, visto que, até então, o acervo – cujo processo de transferência de guarda da viúva de Plínio para a biblioteca que leva o seu nome teve início em 2017 – não havia recebido ainda tratamento formal em função de demandas de trabalho mais urgentes. Esta, permanece, no entanto, como pretensão geral da Biblioteca do Instituto de Física da UFRJ para este acervo, que pode e deverá se concretizar futuramente. E ainda em relação a essa situação, vale mencionar o grande desafio que foi para mim, como bibliotecária, compreender sob um prisma totalmente novo o arranjo ou classificação nos métodos da arquivologia.

Com as condições de saúde pública impostas pela pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, que coincidiu com o início do curso de mestrado, foi preciso restringir o escopo do projeto e pensar em algo mais factível dentro da realidade de trabalho remoto que reconfigurou a rotina de atividades nas universidades públicas federais até fins de 2021, com o objetivo de conter o avanço do vírus, mas que também dificultou enormemente o acesso direto ao acervo. Por isso, o nosso propósito passou a ser a entrega de um Plano de classificação e descrição para a posterior organização do Acervo Plínio Sússekind Rocha.

Para definir as ações do Plano, foi necessário ir mais fundo na pesquisa biográfica sobre PSR, que embora não seja a finalidade do trabalho nos permitiu delinear o contexto de acumulação do seu acervo pessoal, construindo também uma cronologia da sua vida e obra. Possivelmente tal aprofundamento biográfico poderá ser explorado em trabalhos posteriores, por mim ou por outros pesquisadores, uma vez que interessa à história da física e da filosofia da ciência no Brasil. Da mesma forma, foi importante para o trabalho reconstituir o longo processo de doação, o que nos permite entender melhor as circunstâncias que ‘produziram’ o acervo hoje abrigado pela universidade. Além disso, como embasamento teórico, foi feita uma revisão de literatura sobre arquivos pessoais, a fim de nortear o desenvolvimento do trabalho, identificando métodos de abordagem de arquivos dessa natureza. A proposta de classificação e descrição para o APSR não foi feita de forma aleatória. Para elaborá-la, foi essencial analisar trabalhos anteriores de organização de arquivos pessoais de cientistas, a fim de se estabelecer critérios de arranjo baseados na classificação funcional. Em especial, baseamo-nos na classificação funcional proposta por Santos (2012), adotada pela Casa de Oswaldo Cruz em seu Manual de Organização de Arquivos Pessoais (2015), e utilizada como parâmetro para

a organização de diversos arquivos custodiados pela COC. Essa proposta, com algumas adaptações, também tem sido adotada na organização de arquivos pessoais do MAST, discutida e analisada por especialistas em espaços institucionais que abrigam acervos de cientistas. A análise do acervo documental e bibliográfico de PSR, na qual colaborou de maneira essencial, com sua expertise sobre a área de física, o professor Ildeu Moreira, constituiu importante etapa do processo, fundamental para a posterior definição dos grupos e subgrupos que constituem o Plano de Classificação e descrição proposto.

A partir do contexto apresentado, pretende-se ainda elaborar uma Proposta de Inventário apoiado no plano de classificação e anteriormente proposto para o Acervo Plínio Sússekind Rocha, com identificação cuidadosa e pormenorizada dos tipos e espécies documentais que deverá ser realizado em uma fase posterior, constituindo verdadeiro instrumento de busca referente ao acervo, conferindo autonomia ao usuário na sua pesquisa, que poderá prescindir da atuação direta de um profissional da informação, embora este possua conhecimento mais amplo do acervo, e portanto, mais facilidade em localizar o material. No entanto, a Síntese do acervo, disposta no item 2.2.1, assim como a sua Descrição no Apêndice B, já fornecem, a nosso ver, um bom panorama do APSR.

Com a organização do acervo e eventuais desdobramentos posteriores, como a digitalização e a difusão de seu acesso a pesquisadores e interessados, há também a expectativa de que seja recuperada a memória dessa personalidade importante para o meio acadêmico e intelectual do Rio de Janeiro de meados do século XX, que se destacou pela grande contribuição na formação de cientistas, pela disseminação do gosto pelo cinema, que influenciaria diversos cineastas e por seu interesse em história e filosofia da ciência.

Dessa forma, o diálogo entre acervos pessoais e memória nos proporciona o entendimento da relevância de promover o acesso à informação, mas sobretudo o compromisso de garantir antes tratamento técnico apropriado aos diferentes tipos de materiais do acervo. Com isso se estabelecem, de maneira adequada, as conexões entre os documentos e seu produtor, tendo como fio condutor a sua própria trajetória de vida, e assim, através do conjunto documental acumulado ao longo de suas atividades e funções, emergem eventos e fatos do passado muitas vezes ainda desconhecidos, porém necessários a uma maior compreensão de determinados contextos históricos. Esse reconhecimento é também uma legitimação da importância dos valores humanistas que Plínio Sússekind Rocha proporcionou a seus alunos e colegas e às instituições onde atuou por quase quatro décadas.

Por outro lado, na preservação destes mesmos valores, e atendendo à sua função primordial de cunho educativo e cultural, que deve estar pautada na interdisciplinaridade, é

necessário que a universidade acolha e valorize acervos específicos como este. Com isto, ela ajuda a recuperar o papel exercido por professores e pesquisadores, como Plínio Sússekind Rocha, que desempenhou uma atividade essencial na formação de pessoas, tanto no ensino superior quanto no ensino básico – o que nos faz refletir que há também na educação básica professores que são pesquisadores de excelência.

Esperamos que a preservação, a organização, a difusão e as pesquisas futuras neste acervo contribuam para destacar o papel exercido por Plínio Sússekind Rocha, este professor “ex-cêntrico” na expressão feliz de um de seus discípulos (VIDEIRA, 2017), na formação e no incentivo aos jovens para a ciência como professor de física, e para valores humanistas mais amplos, por meio de sua atuação como amante e estudioso de filosofia e nas artes, como apreciador e crítico de cinema.

Referências

Fontes

ANDRADE, A. M. R. **Físicos, mésons e política: a dinâmica da ciência na sociedade.** São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Mast, 1998. p. 86.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. (Publicações Técnicas, 51). Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf>.

BARBOSA, Sarah de Castro. **Bloco FNFfi (Faculdade Nacional de Filosofia):** Sarah de Castro Barbosa: depoimento. Disponível em: <http://www.filmesdoserro.com.br/bio50_b.asp>. Acesso em: 16 jul. 2015.

CANDOTTI, Ennio. **Perguntas sobre Plínio Süssekind Rocha:** questionário [ago. 2020]. Manaus, 2020.

COSTA e Silva aposenta mais 44 servidores com base no AI-5. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1.º Caderno, p. 3, 26 abr. 1969.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.** Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451 p. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>>.

DANON, Jacques. **Jacques Danon:** depoimento [1977]. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. p. 9-10.

DIÁRIO Oficial da União, p. 3.598, 28 abr. 1969.

DIB, André. Abraccine organiza ranking dos 100 melhores filmes brasileiros. **ABRACCINE**, 27 nov. 2015. Disponível em: <<https://abraccine.org/2015/11/27/abraccine-organiza-ranking-dos-100-melhores-filmes-brasileiros/>>. Acesso em: 23 maio 2021.

O FILME “Limite” de Mario Peixoto: uma entrevista com o Professor Plínio Sussekind Rocha. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 3, 19 abr. 1953.

FROTA-PESSOA, Elisa. Depoimento da professora Elisa Frota Pessoa: durante a comemoração dos 50 anos do CBPF: II Escola de Verão CBPF julho de 1999. **Ciência e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1-3, nov. 2003.

FROTA-PESSOA, Elisa; TIOMNO, Jayme. **Elisa Frota-Pessoa e Jayme Tiomno: depoimento** [1988]. São Paulo: Arquivos Históricos do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência/UNICAMP. PMC-T-CPDOC-T052.

GOMES, P. E. S. **Discurso**, v. 3, n. 3, p. 6-7, 1972.

GROSS, Bernhard; ROCHA, Plínio Sússekind. Estudos sobre dielectricos. **Ann. Acad. Bras. Ciências**, v. 9, n. 3, p. 187-209, 1937.

_____. Estudos sobre dielectricos. **Ann. Acad. Bras. Ciências**, v. 9, n. 4, p. 307-326, 1937.

GROSS, Bernhard. **Bernhard Gross: depoimento** [1976]. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. p. 9.

_____. Lembranças de um físico no Rio de Janeiro (1933-1947). **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 22, n. 2, p. 269-270, 2000.

LEITE, Marco Antônio Sperb. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha: questionário** [ago. 2020]. Goiânia, 2020.

LOPES, José Leite. **José Leite Lopes: depoimento** [1977]. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. p. 27 e 102.

MARQUES, Alfredo. Neusa Amato dos vinte aos oitenta. **Ciência e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 1-16, jan. 2007.

MELLO, Saulo Pereira de. Missão Cumprida. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 35, 26 maio 1978.

MENDES, Adilson. **Paulo Emílio Sales Gomes**. São Paulo: Editora Azougue, 2013. p. 204.

MENDONÇA, Adriana Sússekind. **A Vida cultural no Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial através do diário do jurista Carlos Sússekind de Mendonça**. Dissertação (Mestrado em Memória Social)—Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MOREIRA, Ildeu de Castro. A Ciência, a ditadura e os físicos. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 4, p. 50, out./dez, 2014.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Arquivo Amoroso Costa**: inventário sumário. Rio de Janeiro: MAST, 1995. 31 p. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/inventarios/inventarios_amoroso_costa.pdf>.

NUSSENZVEIG, H. M.; CARNEIRO, F. L.; ROSA, L. P. **300 anos dos Principia de Newton**. Rio de Janeiro: Coppe, 1988. p. 71-81.

REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. v. 64, n. 7-9, p. 1159, 1945.

ROCHA, Alexandre Sergio da. **Perguntas sobre Plínio Sússekind Rocha**: questionário [ago. 2020]. Maryland: EUA, 2020.

ROCHA, Plínio Sússekind. **Curso de mecânica racional**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1957. Parte I e II. [Biblioteca do IF/UFRJ].

_____. **Curso de mecânica superior**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1958. Parte I e II. [Biblioteca do IF/UFRJ].

_____. **A Mecânica de d'Alembert. Tese de Concurso à cadeira de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1962, 41 f., il.; 30 cm. [Biblioteca do IF/UFRJ].

_____. Comentários. **O Fan**, n. 1, p. 1, ago. 1928.

_____. Flesh and the devil. **O Fan**, n. 1, p. 4, ago. 1928.

_____. Sunrise. **O Fan**, n. 1, p. 2, ago. 1928.

_____. ‘Sunrise’ – Resposta a Almir Castro e Octavio de Faria. **O Fan**, n. 2, p. 6, out. 1928.

_____. ‘Sunrise’ – Resposta a Almir Castro e Octavio de Faria (cont.). **O Fan**, n. 3, p. 2-4, jan. 1929.

_____. Sétima arte?. **O Fan**, n. 5, p. 4, jun. 1929.

_____. Introdução ao cinema I, II e III. **Revista Filme**, 1947. Reprodução em O Estado de S. Paulo.

ROSA, Luiz Pinguelli. **Plínio Sússekind Rocha**: depoimento [fev. 2017]. Entrevistadores: B. Nóbrega e I. Moreira. Rio de Janeiro: COPPE, 2017.

_____. **Plínio Sússekind Rocha**: meu primeiro guru na física: depoimento [2021].

SAITOVITCH, E. M. B.; FUNCHAL, R. Z.; BARBOSA, M. C. B.; PINHO, S. T. R. de; SANTANA, A. E. de (Org.). **Mulheres na física**: casos históricos, panorama e perspectivas. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. p. 156.

SANTOS, Fabricio Felice Alves dos. **A Apoteose da imagem**: cineclubismo e crítica cinematográfica no Chaplin-Club. 2012. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som)–Universidade Federal de São Carlos, 2012.

SCHENBERG, Mario. **Mario Schenberg**: depoimento [1978]. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. p. 52.

SOUZA, Carlos Roberto de. **A Cinemateca Brasileira e a preservação de filmes no Brasil**. Tese (Doutorado)–Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2009.

UFF. Superintendência de Documentação. **Glossário de terminologia arquivística**. Disponível em: <<http://arquivos.uff.br/glossario-de-terminologia-arquivistica/>>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Arquivo da Escola Politécnica. **Plínio Sússekind Rocha**: histórico escolar. Maço n. 8, p. 5-14. N. de ordem 3269, p. 11.

_____. Biblioteca do Instituto de Física. Acervo Plínio Sússekind Rocha.

_____. Biblioteca do Instituto de Física. **Diário de Plínio Sússekind Rocha**: 1932-1937. Acervo Plínio Sússekind Rocha.

_____. Secretaria do Instituto de Física. **Ficha profissional de Plínio Sússekind Rocha**.

USP. Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes. **Currículo artístico**. Disponível em:

<http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=29:curriculo-artístico&catid=9:2010-02-09-15-17-37&Itemid=9>.

_____. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de Física. **Acervo**. Disponível em: <<http://acervo.if.usp.br/estrutura>>.

_____. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de Física. **Inventário do fundo do professor Mario Schenberg**. Disponível em: <<http://acervo.if.usp.br/uploads/inventario02.pdf>>.

VIDEIRA, A. L. L. Leibniz e a cadeira de cinema. **Ciência e Sociedade**, 2010.

_____. A Obra de Jorge André Swieca e seu papel na física brasileira. **Ciência e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 005, 1985.

_____. O Tempo de Plínio. **Ciência e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, 2013.

_____. Plínio Sússekind Rocha: um mestre “excêntrico”. **Em Construção**, v. 1, n. 2, p. 263-269, 2017.

ZAGURY, Nicim. **Plínio Sússekind Rocha**: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: B. Nóbrega e I. Moreira. Rio de Janeiro: Instituto de Física/UFRJ, 2017.

Bibliografia

BARCELLOS, Raquel Siegel; FLORES, Daniel. Arquivos pessoais como fonte para perpetuar a memória. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 37, n. 49, out. 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepa>>.

CAMARGO, A. M. de. Sobre arquivos pessoais. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul./dez. 2008.

_____. Sobre espécies e tipos documentais. In: **Dar nome aos documentos**: da teoria à prática. Apresentação: Danielle Ardaillon. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. p. 14-30.

_____. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do arquivo público mineiro**, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em:

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

CAMARGO, A. M. A.; GOULART, S. **Tempo e circunstância**: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. Arquivos pessoais, acesso e memória: questões em pauta. **Informação e Informação**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 150-167, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16166/13094>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

CAMPOS, J. F. G. (Coord.). **Samuel Barnsley Pessoa e Jovina Álvares Pessoa**: inventário dos fundos. São Paulo: Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda”, 2015. 113 p.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

_____. O Conceito de fundo arquivístico: teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial. Tradução: Silvia Ninita de Moura Estevão; Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2017. 68 p. (Publicações técnicas, 59). Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/images/virtuemart/product/Terry%20Cook%20publicacao_tecnica%20593.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

_____. O Passado é prólogo: uma história das idéias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Leticia (Org.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Tradução: Luiz Alberto Monjardim de Calazans Barradas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 17-81.

COSTA, Mariana Tavares de Melo. **Dispersão em arquivos pessoais**: um estudo exploratório. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos)–Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. **Manual de organização de arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2015. 84 p. Disponível em:

<http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/manual_organizacao_arquivos_fiocruz.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

HEYMANN, L. Q. De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005a. Trabalho apresentado no I Seminário PRONEX Direitos e Cidadania apresentado no CPDOC/FGV, 2-4 de agosto de 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6758/1612.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

_____. Os Fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p. 43-58, jan./jun. 2005b. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2246/1385>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

_____. O Indivíduo fora do lugar. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.45, n. 2, p. 40-57, jul./dez. 2009.

_____. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.

_____. **O lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2012.

HOBBS, C. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. (Orgs.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte, UFMG, 2016.

_____. O Caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Orgs.). **Pensar os arquivos**: uma antologia: Rio de Janeiro, FGV, 2018.

LACERDA, Aline Lopes de. Quatro variações em torno do tema acervos fotográficos. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 7, 2013, p. 239-248. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e07_a11.pdf>.

LARA, Marilda Lopez Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 3/4, p. 26-34, 2003.

McKEMMISH, Sue. Evidence of me.... **Archives and Manuscripts**, v. 24, n. 1, p. 28-45, maio 1996.

_____. Provas de mim.... In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Orgs.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 239-259.

ORTEGA, Cristina Dotta; TOLENTINO, Vinicius de Souza. O Livro: do objeto ao documento na prática bibliográfica. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 25, n. esp., p. 01-22, 2020. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/150536>>.

RAMOS, José Alimatéia de Aquino. **As Possibilidades de aproximação e diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia via modelo formativo: o caso da ECI/UFMG**. 2013. 197 f.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. **Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2012.

SANTOS, P. R. E. dos; LOURENÇO, Francisco dos Santos. Introdução. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. **Fundo Frederico Simões Barbosa: inventário**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. p. 17-22.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Tradução Nilza Teixeira Soares. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 388 p.

SILVA, M. C. S. M. Arquivos pessoais como fonte: reconhecendo os tipos documentais. In: GRANATO, Marcus (Org.). **MAST: 30 anos: Museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. v. 1, p. 178-203.

SILVA, M. C. S. M.; GOMES, M. A. Objetos tridimensionais em arquivos pessoais de cientistas. **Arquivo & Administração**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 31-48, jan./jun. 2011.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos (Org.). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros; FAPERJ, 2012. 192 p.

Apêndice A – Cronologia de Plínio Sússekind Rocha

1911

- 1 (22 dez.) Plínio Sússekind Rocha nasce no Rio de Janeiro (RJ).
-

[entre 1917 e 1928]

- 1 Frequenta o Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, no Catete, Rio de Janeiro (RJ).
-

1928

- 1 Funda e participa do Chaplin Club, junto com os colegas Almir Castro, Cláudio Mello e Octavio de Faria.
-

- 2 (ago.) Publica, em *O Fan* (n. 1, p. 1), “Comentários”.
-

- 3 (ago.) Publica, em *O Fan* (n. 1, p. 2), “Sunrise”.
-

- 4 (ago.) Publica, em *O Fan* (n. 1, p. 4), “Flesh and the devil”.
-

- 5 (out.) Publica, em *O Fan* (n. 2, p. 6), “Sunrise – Em resposta a Almir Castro e Octavio de Faria”.
-

1929

- 1 (jan.) Publica, em *O Fan* (n. 3, p. 2-4), “Sunrise – Em resposta a Almir Castro e Octavio de Faria (cont.)”.
-

- 2 (jun.) Publica, em *O Fan* (n. 5, p. 4), “Sétima arte?”.
-

1930

- 1 Ingressa no curso de Engenharia Civil, na Escola Politécnica da Universidade do Brasil.
-

1931

1 (17 maio) O filme “Limite” é exibido, no Cinema Capitólio, pelo Chaplin Club.

1933

1 Conclui o curso de Engenharia Civil no Rio de Janeiro (RJ). As suas notas indicam um bom aluno, mas não excepcional; a registrar a sua nota 10 em Física Experimental.

1934

1 (até 1937) Trabalha como assistente de Bernhard Gross no Instituto Nacional de Tecnologia (INT), em investigação sobre materiais dielétricos.

2 (out.) Participa de recepção e palestra de Enrico Fermi na Escola Politécnica.

1935

1 É aprovado, por meio de concurso, para professor no Rio de Janeiro. Exerce a profissão como professor no Instituto de Educação; Colégio Paulo de Frontin; Escola de Marechal Hermes e Escola Rivadávia Corrêa, onde estimula alunas para estudarem física: Elisa Frota-Pessoa (a partir de 1936), Neusa Amato, Sarah de Castro Barbosa.

1936

1 (até 1937) Leciona Filosofia da Ciência na Universidade do Distrito Federal (UDF), para onde vai a convite de Bernhard Gross.

2 (jul.) Publica, em *Review of Scientific Instruments* (v. 7, n. 7, p. 290), “Alternating-current voltage stabilizer”, em colaboração com Bernhard Gross.

1937

1 Publica, nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* (v. 8, n. 3, p.187-209), (v. 9, n. 4, p. 307-326), “Estudos sobre dielétricos”, em colaboração com Bernhard Gross.

1938

1 Publica, nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* (v. 10, p. 297), “Estudos sobre dielétricos”, em colaboração com Bernhard Gross.

2 (até 1939) Bolsista do Ministère des Affaires Étrangères na Universidade de Paris, faz cursos com Abel Rey sobre filosofia da ciência. Em Paris conhece e se torna amigo de Mário Schenberg e de Paulo Emílio Sales Gomes.

1939

1 Bolsista da Universidade de Paris no Institut d'Historie des Sciences de l'Université de Paris.

2 Retorna ao Brasil, e ingressa na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil (UB) como assistente de Bernhard Gross.

1941

1 Publica, na revista *Clima* (n. 5, p. 83-87, out. 1941), “Carta sobre fantasia”.

1942

1 (02 jul. 1942-28 abr. 1969) Torna-se professor catedrático de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil (UB). Influencia muitos alunos nas sendas de física e da filosofia da ciência, como Jorge André Swieca, Nicim Zagury, Carmen Lys Ribeiro Braga, Elisa Frotapessoa, Sarah de Castro Barbosa, Antonio Luciano Videira, Alexandre Sergio da Rocha, Ennio Candotti, Luiz Pinguelli Rosa, entre outros.

1944

1 Inicia a Biblioteca de Física na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi).

2 Realiza Seminário de Filosofia na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi).

1946

1 Cria o Clube de Cinema da Faculdade Nacional de Filosofia; estimula alunos que se tornaram cineastas como Joaquim Pedro de Andrade e Paulo Emílio Sales Gomes.

2 (05 mar.) Exibe “Limite” no Clube de Cinema da Faculdade Nacional de Filosofia.

1947

- 1 Publica, em *Revista Filme*, editada por Vinícius de Moraes, “Introdução ao cinema”.
-

1948

- 1 Cria o segundo Clube de Cinema da Faculdade Nacional de Filosofia.
-

- 2 **(jul.)** Realiza estágio no Departamento de Física da Universidade de São Paulo (USP).
-

1952

- 1 **(jan.-mar.)** Viaja à Paris, e realiza estágio no Instituto de Física e Química da Sorbonne. Membro visitante do Departamento de Físico-Química da Sorbonne. Torna-se amigo do matemático francês Laurent Schwartz, que vem ao Brasil no final de 1952.
-

- 2 Concede entrevista sobre “Limite” para revista francesa, *L’Âge Du Cinéma*, “Un Chef d’oeuvre inconnu – Limite”.
-

1953

- 1 **(19 abr.)** Entrevista, em *Diário Carioca*, *L’Âge Du Cinéma*, “Un Chef d’oeuvre inconnu– Limite”.
-

- 2 Indica a aluna formada na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), Carmen Lys Ribeiro Braga (1923-1989), para bolsa no Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IF/USP). Carmen foi, em dezembro de 1953, com bolsa do CNPq para Paris a fim de estudar sob a orientação do professor Laurent Schwarz e, depois, se tornou professora do IF/USP por décadas.
-

1954

- 1 Criado o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) na Faculdade Nacional de Filosofia.
-

2. Nasce sua filha Juçara Sússekind (26/12/1954).
-

1955

1 Ocupa cadeira de Matemática na Escola Técnica Souza Aguiar, hoje Colégio Estadual Souza Aguiar.

1956

1 Planeja escrever livro sobre axiomática do tempo e se corresponde com vários pesquisadores estrangeiros, como Adolf Grünbaum e Erwin Biser.

1957

1 Publica, pelo Conselho Nacional de Pesquisas, “Curso de Mecânica Superior: parte I e II”.

2 Publica, pelo Conselho Nacional de Pesquisas, “Curso de Mecânica Racional: parte I e II”.

1959

1 Inicia campanha, que dura anos, para a recuperação do filme “Limite” de Mário Peixoto. Após a sua morte, o objetivo é alcançado pelo trabalho, também incansável, de seu discípulo Saulo Pereira de Mello, em 1971.

1960

1 Encontro com Jean-Paul Sartre, junto com colegas, quando ele visita o Rio de Janeiro.

2 **(31 mar.-31jul.)** Atividade no Centro de Matemática para a América Latina (UNESCO) na Faculdade de Ciências Exatas e Naturais na Universidade de Buenos Aires.

3 **(12-15 nov.)** Representa o Centro de Estudos Cinematográficos da Faculdade Nacional de Filosofia (CEC/FNFi) e a Cinemateca Brasileira na I Convenção Nacional de Crítica Cinematográfica. É aprovado na Convenção, e encaminhado ao Presidente da República, um documento com diversos itens, inclusive um (Número 17) que recomenda à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico a recuperação de “Limite”.

1961

1 **(26 jan.)** Chefia o Departamento de Física da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), em substituição de Joaquim da Costa Ribeiro que falecera.

1962

1 Defende a tese “A Mecânica de d'Alembert” de concurso à cadeira de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), no Rio de Janeiro (RJ).

2 Viaja a São Paulo para articular a recuperação de “Limite” na Cinemateca Brasileira.

1964

1 Leciona, História e Filosofia da Ciência no Departamento de Física da Universidade de São Paulo (USP). Ennio Candotti é seu aluno, se torna seu amigo e ajuda Plínio nas tentativas de recuperar a cópia de “Limite” na Cinemateca Brasileira.

1966

1 Chefia o Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IF/UFRJ).

2 **(28 abr.)** Aposenta-se do cargo de professor secundário do Estado da Guanabara.

3 **(15-17 jun.)** Preso por agentes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar), que também arrombaram os laboratórios de física e química da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), com a autorização de seu diretor. Aparentemente sob a acusação de ter filmes soviéticos e de tê-los exibido e emprestado. Foi solto pouco depois.

1967

1 **(01 abr.-01 ago.)** Afastamento para assistir a seminários de Laurent Schwartz no Collège de France.

2 **(20 abr. 1967)** Passa a Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1968

1 Chefia o Departamento de Meteorologia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

2 **(28 jun.)** Declarado Professor Catedrático estável, no cargo que ocupava desde 1942.

1969

1 **(28 abr.)** Aposentado compulsoriamente, com base no AI-5. Seu amigo Mario Schenberg também foi aposentado compulsoriamente. Do Instituto de Física da UFRJ foram aposentados: Elisa Frota-Pessoa, Jayme Tiomno, José Leite Lopes, Plínio Sússekind Rocha e Sarah de Castro Barbosa.

2 **(nov.)** Protestos internacionais contra as aposentadorias dos físicos brasileiros com manifestações de cerca de dez cientistas premiados com o Nobel.

1970

1 Faz tradução do livro *Filosofia da Ciência Natural*, de Carl G. Hempel, publicado pela Editora Zahar.

1971

1 Faz tradução de partes da obra em 4 volumes *A Ciência no século XX*, organizada por René Taton, publicada pela Editora Difel.

1972

1 **(17 ago.)** Falece, em São Paulo (SP), após intervenção cirúrgica no coração.

Observação:

A cada ano, os eventos com dia e mês desconhecidos são apresentados antes daqueles dos quais se sabe a data completa.

Apêndice B – Descrição do Acervo Documental

1. Álbum de Fotos – APSR

22 fotos (com amigos e alunos, com Mario Schenberg, com Sartre e outros, com Enrico Fermi e outros); 4 recortes de jornais sobre o falecimento de PSR; um artigo sobre PSR na revista *Discurso*, escrito por Paulo Emílio Sales Gomes; sete cartas de condolências pela morte de PSR, uma delas de Laurent Schwartz.

2. Álbum de Recortes – APSR

16 recortes de artigos de PSR em jornais: recortes dos 6 artigos publicados na revista *O Fan; Diário da Noite*, 22 jul. 1932; *O Jornal*, 05 jun. 1942, 01 out. 1942 e 27 maio 1958; *Estado de S. Paulo*, 26 set. 1948, 28 out. 1948, 24 fev. 1949 e 08 jun. 1963; Entrevista e texto sobre “Limite”. *Correio da Manhã*, 19 abr. 1953; Sobre o falecimento de PSR. *Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1972.

3. Caixas Amarelas – APSR

Existem no APSR onze caixas amarelas para papel fotográfico da Kodak, mas que eram usadas para armazenamento, com dimensões aproximadas de 19,5 cm de largura, 25,5 cm de comprimento e 2,5 cm de altura. Uma estimativa grosseira do conteúdo sugere que o conjunto tem de 1000 a 1500 folhas impressas ou manuscritas de muitos autores.

Diversas delas têm títulos escritos na borda. O conteúdo documental é diversificado. Algumas delas (5) têm notas de aula, problemas, notas de alunos ou provas de mecânica analítica, física matemática, hidrodinâmica, álgebra vetorial e cordas e membranas e se referem a cursos nas décadas de 1940/50 e 60. Uma delas – Equações de Lagrange – tem documentos (fotocópias de artigos de revistas, reprints etc.) de cursos feitos por Plínio Sússekind Rocha na França, em 1939, além de alguns problemas de mecânica resolvidos por ele ou por estagiários. Outra se refere a textos sobre Relatividade (7 reprints de artigos de física e filosofia da ciência). Há uma caixa com o nome de Mario (Schenberg) que contém diversos cursos manuscritos de Schenberg – da década de 1940, sobre mecânica quântica, teoria atômica, teoria cinética dos gases e equação de Boltzmann e eletromagnetismo.

Uma caixa – Mecânica Analítica – traz fotocópia de um livro e de dois artigos sobre o tema, todos da década de 1940, e outra, traz dois longos textos de matemáticos famosos sobre equações diferenciais parciais (Jacobi, 1838) e sobre pesquisas em geometria (Klein, 1891). Duas caixas se referem ao problema do Tempo, sendo que uma delas traz a cópia de um longo

artigo de H. K. Mehleberg, de 1935. A outra caixa sobre o Tempo contém 17 reprints de artigos sobre o tema, além de uma carta de Edwin Bieser para PSR (1956) e uma de PSR para Adolf Grünbaum, também de 1956.

4. Caixas de plástico – APSR

Um conjunto de quatro pastas de plástico, três amarelas e uma azul, com dimensões aproximadas de 35 cm de comprimento, 15 cm de largura e 25 cm de altura. Trata-se de um conjunto que contém cerca de 1600 folhas com documentos, reprints, notas de aula, cartas, recortes e outros documentos.

Caixa Azul: tese de PSR; apostilas/livros de Mecânica Superior, Parte I e II; quatro textos de colegas professores, entre os quais Leite Lopes e Leopoldo Nachbin; processos administrativos, documentação sobre carreira e progressão docente; recortes de jornais; apostila do curso de Mecânica dos Meios Contínuos; notas de alunos (1961); reprint de Bernhard Gross; cópias (6) de artigo sobre cinema na Folha da FNFi de 1946.

Caixa Amarela 1: textos de cursos I a VIII de Laurent Schwartz na Sorbonne (1950/60); três textos de seminários de Schwartz (1955/56); dois seminários de física (de Broglie e T. Kahan) em 1954/56; 5 reprints de artigos de Schenberg; diversos reprints de mecânica e termodinâmica; carta; tese de doutorado de Colber de Oliveira, 1965; livro *Vector analysis* da Coleção Schaum.

Caixa Amarela 2: conferência sobre o papel de gravitação na física (C. de Witt, 1957); cursos na Sorbonne de Abel Rey (filosofia da ciência e história da ciência, 1929/30); cursos de L. Schwartz, sobre matemática e física quântica, 1958, UBA; curso na Sorbonne de Foch, Bouligard, Sileillet e Destouches, década de 1940; livros: *Variáveis complexas* (Coleção Schaum), *Teoria dos campos macroscópicos* (Mariani) e de *Crítica à teoria da relatividade* (Octavio Ribeiro).

Caixa Amarela 3: apresentações nos Colóquios de Topologia em Estrasburgo, 1951 e 1952; reprint de física matemática; tese de Y. R. Thiry, 1951; Lecture Notes (Mathematics of Relativity), 1943; texto “Geometrical Foundations of Mechanics” (Geiringer, 1942); monografia de C. N. Yang (CBPF, 1960); apostila do curso “Quantum Mechanics and Geometry” (Schenberg, 1957).

5. Diário de Anotações – APSR

Anotações diárias de PSR, mas com muitas lacunas, sobre suas atividades entre 1932 e 1937, entre as quais os horários de suas aulas. Alguns relatos de discussões filosóficas, em especial com Álvaro Vieira Pinto, e de filmes assistidos.

6. Envelopes Diversos – APSR

Envelope 1: 3 cartas a PSR; manuscrito de PSR sobre cinema; anotações de PSR sobre filosofia.

Envelope 2: recibos diversos (15).

Envelope 3: apostilas e anotações sobre curso de Álgebra.

Envelope 4: recortes de Crítica Literária (32), Poesia (15); recortes diversos (23).

Envelope 5: recortes de história atual (40).

Envelope 6: recortes de temas de ciência (astronomia e física) (50).

Envelope 7: charges (17).

7. Pastas Cinza-Azul Claro – APSR

Um conjunto de seis pastas de papelão de cor cinza-azulado claro, com amarras laterais, com dimensões aproximadas de 40 cm de comprimento, 25 cm de largura e de 5 a 7 cm de altura. Trata-se de um conjunto que contém cerca de 1200 folhas com documentos, reprints, notas de aula, cartas, recortes e outros documentos.

Pasta 1: versão com correções de apostila sobre Mecânica Superior; cerca de 20 reprints de autores diversos, entre os quais Jayme Tiomno; documentos variados sobre atividades do Departamento de Física; programas de cursos de PSR e de outros do Departamento de Física; cartas de Leite Lopes, Jorge André Swieca e Alexandre Sergio da Rocha; alguns recortes de jornais.

Pasta 2: notas de aulas de Mecânica; três reprints; documentos sobre o Departamento de Física; documentação sobre a vinda de Laurent Schwartz ao Brasil; programas de cursos da FNFi; carta de Alexandre Sergio da Rocha; recortes de jornais: disputa por recursos em 1955 entre Cesar Lattes e Costa Ribeiro.

Pasta 3: alguns reprints e curso de Mecânica Quântica de Luiz Carlos Gomes [CBPF]; materiais do INCE.

Pasta 4: diversos reprints; documentação de PSR sobre a passagem de Professor Catedrático Provisório para Professor Adjunto; recibos de livros da Biblioteca.

Pasta 5: notas de aula de curso de Relatividade Restrita de PSR; anotações de leitura de livros de relatividade; texto do matemático Charles Ehresmann; diversos reprints.

Pasta 6: textos de cursos de Schenberg e de Gross; notas de aula de curso de Mecânica Analítica (possivelmente de PSR); textos, leituras e comentários de livros de Mecânica Analítica.

8. Pastas Vermelhas

Existem no APSR seis pastas vermelhas com dimensões aproximadas de 23 cm de largura, 40 cm de comprimento e 4 cm de espessura. Uma estimativa grosseira do conteúdo sugere que o conjunto tem de 600 a 700 páginas, a maior parte de manuscritos, mas alguns textos impressos.

Pasta Ciência: textos relativos ao curso de Filosofia da Ciência, lecionado por Plínio na Universidade do Distrito Federal em 1936/37; outros textos sobre o mesmo tema de 1936 a 1954.

Pasta Filosofia – Leibniz: leituras variadas de Leibniz e com comentários de PSR.

Pasta Mecânica e Ensino: várias leituras sobre Espaço e Tempo com anotações de PSR; Uma prefácio de livro, supõe-se que seja de PSR; discussão de uma controvérsia sobre a noção de acontecimento; um texto de 10 páginas sobre o espaço em Kant, supõe-se que tenha sido escrito por PSR.

Pasta Mecânica e Filosofia da Ciência: leituras e comentários sobre estes temas; um reprint.

Pasta Tempo: leituras com anotações de textos de muitos autores sobre o Tempo (física e filosofia); muitas anotações de PSR sobre o Tempo; poesias de outros autores sobre o Tempo.

Pasta Tempo II: mais textos sobre Filosofia da Ciência relativos ao tema do Tempo com comentários e anotações de PSR.